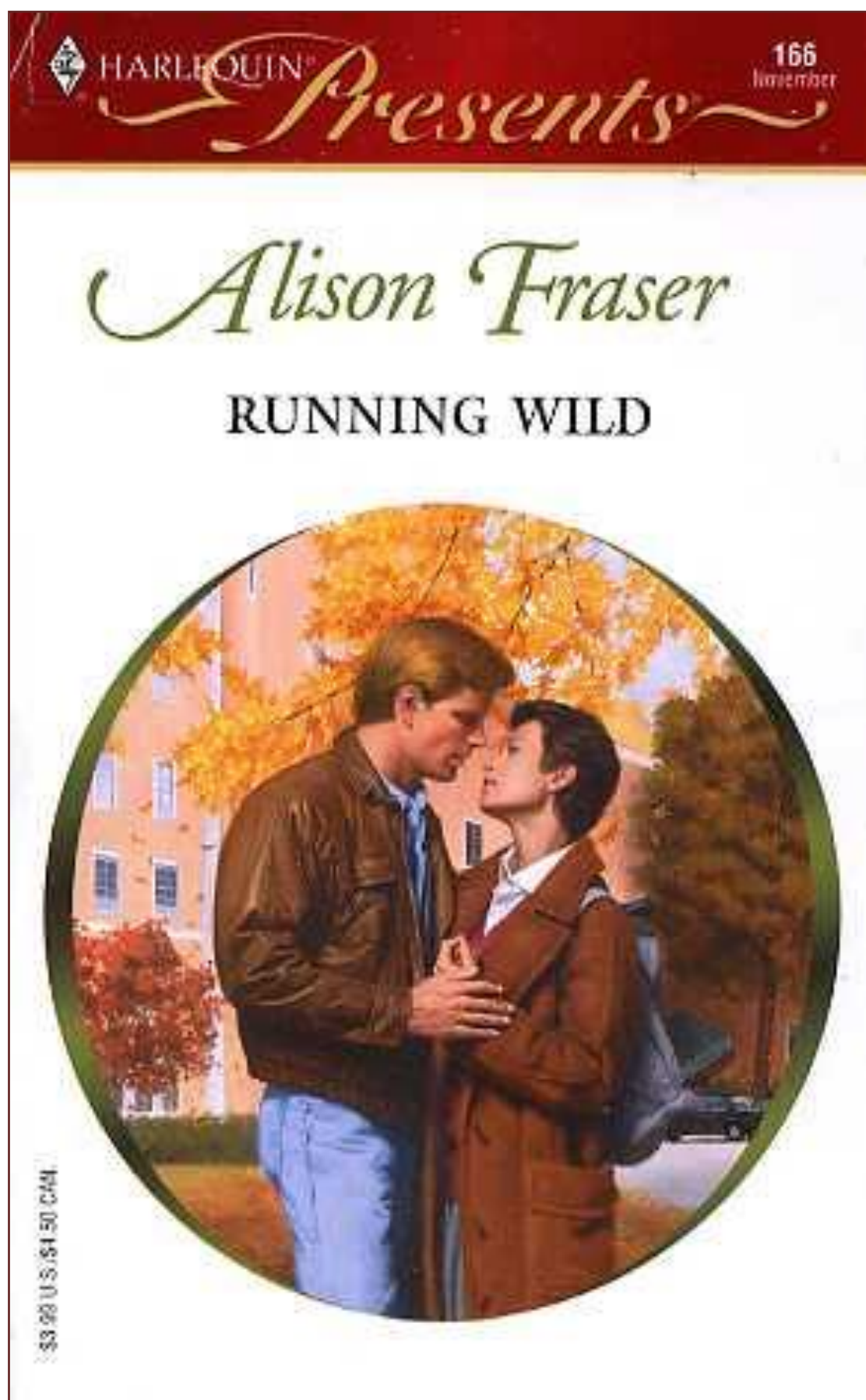


Corrida Para o Amor
Alison Fraser



\$3.99 U.S. / \$4.50 CAN.



Segundo Whit Delaney, a senhorita Kipling tinha duas opções: denunciar na junta da universidade que o distinto professor Delaney tinha tentado seduzi-la, ou manter a boca fechada e seguir como se nada tivesse acontecido, com seus estudos e sua carreira de atletismo...
Parecia simples. Mas, por alguma razão, a jovem não parecia disposta a fazer nenhuma das duas coisas...

Disponibilização/Tradução/Formatação: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Lariane

Revisão Final: Etel Vânia

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Capítulo 1

— Espere para vê-lo. Vai cair de costas!

Era o primeiro comentário que Kip ouvia sobre Whit Delaney. Duas garotas que estavam a sua frente estavam falando dele. Kip não as conhecia. Só seus nomes: Foi Lauren quem fez o comentário e Stacey quem ria.

— Está de brincadeira! — disse Stacey — É impossível que o filho do professor Delaney seja bonito.

— Acredite, ele é — insistiu Lauren — Pergunta a qualquer uma.

Stacey procurou alguém para perguntar, mas a sala de aula estava quase vazia. Kip era a pessoa que estava mais perto das duas.

— Vamos perguntar para a inglesa.

Kip desviou o olhar: sabia o que ia acontecer. Por alguma razão, algumas garotas desfrutavam fazendo a sua vida impossível.

— Viu o novo professor de literatura? — perguntou Lauren.

— Não — respondeu Kip — O que aconteceu com o professor Delaney?

— Em que mundo você vive?

— Já sei — exclamou Stacey — No planeta Reebok!

Ambas riram da piada. Kip não entendeu porque nunca via televisão, mas supunha que estavam implicando por ela dedicar-se ao atletismo.

— O professor Delaney teve um ataque cardíaco — informou Lauren com ar de superioridade.

— Sério? — os olhos verdes de Kip se entristeceram. Gostava do velho professor — E ele está bem?

Lauren deu de ombros. Kip e o estado de saúde do professor passaram rapidamente ao segundo plano quando Whit Delaney entrou pela porta. Kip não deu importância. Não tinha muitos amigos em sua nova universidade. Radford era uma pequena instituição do estado de Massachusetts, nos Estados Unidos.

Levantou o olhar por curiosidade e, tal e como Stacey tinha afirmado o filho do professor Delaney era o homem mais atraente que já tinha visto. Ultrapassava um metro e oitenta de estatura, cabelos castanhos claro e um rosto que parecia ter sido esculpido em granito e logo curtido pelo sol e a chuva. Era difícil acertar sua idade: podia ter tanto trinta como cinquenta anos. Mas foram seus olhos, de um azul elétrico, que atraíram a atenção de Kip. Tinha a impressão de já tê-los visto antes.

— Meu nome é Whitman Delaney. Meus amigos me chamam Whit e vocês devem me chamar professor Delaney... A menos que resultem ser o Shakespeare de nossos dias, em cujo caso podem me chamar “O Gracioso”.

Houve um silêncio antes que a classe se atrevesse a rir, exceto Kip: não gostava de gente que fazia piadinhas.

—Muito bem, as redações — tomou uma pasta cheia de papéis — Vou chamando em voz alta, levantem e peguem suas obras magistrais.

Começou a chamar um a um e lhes fazia os comentários pertinentes. Parecia que o professor Delaney filho tomava o critério de notas mais a sério que seu pai. Por sorte para Kip, havia outros quinze estudantes no grupo e o professor não se deu conta de que faltava sua redação. De fato, esperava passar completamente despercebida em classe, como de costume. Houve algumas vezes que suas esperanças se viram quase frustradas ao sentir que o professor ficava olhando alguns segundos, mas ele continuava com a lição e Kip podia relaxar e entregar-se ao que normalmente estava acostumada a fazer durante as classes: sonhar acordada.

Estavam discutindo o tema da traição na literatura e Kip fazia tempo que estava dispersa.

—Kipling Wilson? —voltou a perguntar o professor ao não ter obtido resposta a primeira vez — Possivelmente queira identificar-se?

O equívoco provocou as risadas de seus companheiros. Kip levantou uma mão apenas visível, pensando intimamente que definitivamente aquele professor não gostava de nada.

—Sinto muito. Feminino e não masculino.

—Como sabe? —cochichou Lauren com a Stacey em tom perfeitamente audível, lhe dirigindo um olhar malicioso.

A Kip passou despercebido o comentário, mas sabia por que o diziam. As americanas levavam seus longos cabelos loiros soltos e frisados e sempre iam perfeitamente penteadas. Ela, entretanto, era morena e levava os cabelos curto como um menino. Mas seu rosto era o de uma mulher, sem lugar a dúvidas, com enormes olhos amendoados e lábios bem delineados.

— Ah, a corredora — sorriu Whit Delaney — Assim não necessitou de reboque.

Então, Kip lembrou. Por isso seus olhos lhe resultavam familiares. Tinha-o visto alguns dias atrás enquanto corria. Às sete da manhã daquele dia a névoa era tão intensa que não se via nada e, estando na penúltima volta antes de ir para a aula, chocou-se com um objeto sólido, parado no meio da pista, que tinha passado despercebido.

—Mas que dem...? — o objeto sólido também foi pego despreparado, mas conseguiu manter o equilíbrio. Kip não queria levantar-se até estar segura de não ter nada quebrado ou deslocado nada — Está bem? — uns olhos de um azul intenso se aproximaram sorridentes, mas ela o olhava com uma expressão acusadora - Foi você quem se chocou contra mim.

— Você estava parado no meio da pista!

— Certo. Não esperava encontrar ninguém fazendo cooper a estas horas da manhã.

— Eu não faço Cooper, eu corro.

— Certo, corrijo o que disse.

— Esta pista pertence à universidade do Radford — seguia zangada.

— Já sei — o olhou desconfiada. Em Radford havia alguns quantos alunos madrugadores, mas nunca viu aquele homem — Sou novo.

— Em que faculdade?

— Dou literatura inglesa do século XVI ao XIX — sorriu — E você?

Não respondeu. A conversa já tinha durado mais do que o necessário. Rechaçou a mão que ele estendeu e levantou dolorida.

— Possivelmente deveríamos correr juntos para evitar mais colisões — ele sugeriu.

— Eu gosto de correr sozinha.

— Pois deve se dar mal quando compete. Ou vai tão a diante do resto que nem sequer os vê?

— Como sabe que compito?

— Não sei; estava adivinhando — seus olhos repararam nas calças curtas e o top branco de suspensórios de Kip, onde podia ler-se Durham Harriers, sua antiga equipe de atletismo da Inglaterra. **Suou tanto que o cabelo pegava (colava, pregava) em sua testa e seu top tornou-se virtualmente transparente.** — Deveria tomar cuidado ao sair para correr sozinha — disse em um tom de conselho e não de ameaça e logo, partiu, deixando-a mal-humorada. Não gostava de paternalismos, não gostava de ironia e não gostava de americanos gigantes que a faziam sentir pequena... e menos quando resultavam ser professores de literatura.

— Muito bem, Kipling, gostaria de nos dar sua opinião?

— Sobre o que exatamente?

— Sobre se o terceiro ato faz da obra uma comédia em vez de uma tragédia.

— É difícil de dizer — não sabia o que falar, mas, uma vez mais, optou por uma resposta ambígua antes de admitir que não leu uma só linha da obra.

— Muito difícil, já imagino — comentou o professor com secura ao dar-se conta do que ocorria. Entretanto, preferiu não pô-la em evidência e dirigiu a pergunta a outro aluno.

Por saber que nada lhe caía bem, teria beijado a mão do professor em sinal de agradecimentos, mas como as coisas estavam, tentou escapar da sala de aula assim que soou o sinal.

— Kipling! — chamou-a antes que pudesse chegar à porta.

Ela se aproximou da mesa e esperou em silêncio que recolhesse todos os papéis e os colocasse em sua maleta. Esperava que brigasse com ela por não prestar atenção, mas não foi assim.

— Quem decidiu por Kipling? — perguntou observando-a.

— O que? — não podia acreditar — Meu pai... por quê?

— Por nada. É pouco freqüente encontrar outros que também sofrem; isso é tudo.

— Perdão?

— Meu pai me pôs de nome Whitman. Como Walt.

— Walt? — repetiu - Sem querer, estava parecendo com uma estúpida.

— Walt Whitman, o poeta americano. O maior de todos os tempos, segundo meu pai.

— Ah!

— Embora suponha que não é para você.

— Nunca li nada dele — admitiu. Podia ter fingido, mas tinha a impressão de que aquele homem descobriria cedo ou tarde.

— Seriamente? Teremos que fazer algo para remediar. Mas de momento... William Shakespeare? O grande dramaturgo inglês? Soa familiar o nome?

— Ligeiramente — não ia permitir que a intimidasse.

— E bem? O que fez dessa crítica de uma das tragédias shakesperianas que escreveu para meu pai? Bom, se supõem que tenha escrito. É curioso, mas não recordo ter lido sua redação.

— É que não pude... O disse a seu p..., ao professor Delaney.

— O que disse exatamente?

— Que tinha um compromisso.

— Um compromisso? — repetiu. Logo respondeu a si mesmo — De atletismo, claro.

— Sim. Tive que treinar.

— Você está aqui com uma bolsa de esporte. Isso explica muitas coisas — Kip não era tola e sabia o que queria dizer. Considerava-a uma “atleta sem matéria cinza, qualitativo que se aplica, às vezes, aos esportistas universitários — Muito bem, pois para que não haja mal-entendidos, Kipling, há gente que acredita que porque uma garota pode correr os 100 metros rasos em menos de 10 segundos, teria carta branca em todas as disciplinas. Para sua desgraça, eu não formo parte desse grupo. Entende?

— Sim.

— Assim me deve uma redação, correto?

— Sim. Posso partir já?

— Quando é nossa próxima aula?

— Na quinta-feira.

— Três dias. Tem tempo de sobra.

— Quer a redação para quinta-feira?

— Sim, algum problema? — arqueou as sobrancelhas animando-a a discutir, mas Kip decidiu não fazer isso e dirigiu-se à porta sem esperar que ele desse permissão para partir.

— Como está seu pai? — perguntou antes de sair.

A pergunta era sincera, mas estava claro que lhe surpreendeu.

— Segue no hospital, mas já está fora de perigo. Dizem que se recuperará por completo se fizer o que disserem.

— Me alegre.

— Quer que o saúde de sua parte?

— Sim, embora provavelmente não se lembre de mim — deu de ombros, despediu-se e se afastou correndo.

Vendo-a partir, Whit Delaney pensou que com toda segurança seu pai a recordaria. Todo bom professor repararia em uma jovem que passa a aula inteira olhando pela janela e desejando estar em outra parte. Ele mesmo conhecia o sentimento. Aceitou substituir seu pai, mas bastou um só dia para lembrar-se o porquê de ter deixado sua antiga ocupação. Adorava a literatura; o que não gostava era de ter que ensinar a alguns jovens que preferiam ler revistinhas ou, no caso daquela garota, dar voltas sem descanso a uma pista de atletismo.

— Como foi, filho? — perguntou seu pai quando foi visitá-lo no hospital.

— Bem, papai — Whit não queria alterá-lo. Em seus sessenta anos, poderia pensar que Alex Delaney devia tomar mais a sério o enfarte e aposentar-se, mas a universidade era toda sua vida e, se Whit não dava as aulas por ele, possivelmente perderia sua cadeira.

— Mentiroso! Odiaste cada minuto da aula.

— Pode ser que sim, mas não se preocupe. Poderei fazer isso durante um semestre ou dois.

— Obrigado, filho.

— Você simplesmente tem de recuperar logo, entendeu?

— Farei isso — sorriu — Bom, como está minha pequena?

— É um pesadelo — a pequena em questão era a filha do Whit, Abby, a preferida de seu avô, mas o terror das babás — Quanto tempo a senhora Novak está trabalhando para você, papai?

— Uns quinze anos, por quê?

— Pergunto-me até onde chegará sua lealdade.

— A senhora Novak não nos deixará. É de uma boa família da Nova Inglaterra. Não se deixará amedrontar pelas travessuras de uma menina de oito anos.

— Veremos.

— Necessita uma mãe — eram as palavras habituais.

— Eu me criei sem mãe — replicou Whit, recordando sua própria infância como uma época feliz.

— Sim, e olhe como saiu.

Whit sorriu. Dez anos como autor de novelas de êxito e seu pai ainda não o tinha felicitado, mas sabia que, a sua maneira, Alex estava orgulhoso dele. O carinho e a admiração era mútuo e doía que houvesse estudantes e leitores que vissem seu pai como a um velho caduco. Este último pensamento lhe trouxe Kip à memória.

— Há uma garota em uma de suas classes. Parece um menino; bom, nem tanto. É bastante bonita. Fala imitando o acento britânico.

— Kipling — sorriu seu pai.

— Sim, essa.

— Não o imita. É inglesa e está estudando aqui com uma bolsa. — a da bolsa já tinha adivinhado. De atletismo... Pensava que isso já não se usava — seu pai franziu o cenho sem entender — Jovens que conseguem uma carreira facilmente, só porque podem lançar uma bola mais longe ou correr mais rápido.

— É certo — replicou Alex Delaney, sem negar que essas práticas existiam.

— Pois parece que ninguém explicou à garota inglesa. Passou a aula inteira olhando pela janela e logo, sentiu-se atacada quando eu disse que fizesse a redação que não entregou no prazo.

— Acredito que tem problemas — murmurou o professor, defendendo-a.

— Por exemplo?

— Não estou seguro. Não fala muito.

— Não estará brincando — Whit fez uma careta ao recordar a direta conversa que manteve com Kip.

— Surpreende-me que tenha reparado nela tão rapidamente. Normalmente mantém-se em segundo plano.

— Claro, é a atitude mais inteligente quando não leu a obra que vai ser discutida em classe.

Omitiu o detalhe de que se encontrou com ela fazendo cooper. Reconheceu-a assim que entrou na sala de aula e esperava que ela o reconhecesse por sua vez. Seu ego se feriu ao não obter a resposta esperada, mas isso era problema dele, não de Kip. A última vez que uma mulher havia agido de forma tão fria com ele, cometeu o engano de casar-se com ela.

—Não seja duro com ela, filho. Às vezes resulta um pouco... Distante sem se dar conta.

—Duvido que isso vá incomodar a sua protegida inglesa. Não é que esteja distante, é que desconecta por completo.

—Já me dei conta e me pergunto por que.

—Bom, não se preocupe. Nem é seu problema, pelo menos durante três meses, nem o meu, sempre e quando me entregar os exercícios que lhe mande.

—Sim... —seu pai quis dizer algo mais, mas no último momento mudou de idéia.

Passaram três dias antes de descobrir o que era o que seu pai queria ter dito. Na quinta-feira, Kipling Wilson entregou a redação que ele pediu e logo manteve os olhos presos ao chão até que pôde escapar mais uma vez de sua aula. Ele a deixou ficar, seguindo o conselho de seu pai de não ser muito duro com ela, mas quando foi pôr uma nota ao trabalho todas suas boas intenções se desvaneceram imediatamente. Era o pior exercício que um universitário já fez.

Capítulo 2

—Senhorita Wilson, pode esperar, por favor? —disse o professor Delaney ao vê-la sair da sala de aula a toda pressa.

Kip se deteve. Apesar de estar rodeado de estudantes que tiravam dúvidas sobre o último exercício que mandou fazer, deu conta de sua saída furtiva. Aproximou-se da mesa. Viu sua redação em cima de outros papéis e sabia o que a esperava. Passou por isso centenas de vezes. Teve que esperar que terminasse de atender seus companheiros, que pareciam não ter pressa. Mas ela tinha e quando Whit Delaney finalmente se voltou para ela, viu-a olhando nervosa ao relógio.

—Não estou atrasando-a, não é? —perguntou em tom sarcástico.

—Não — disse, embora por dentro pensasse o contrário.

—Bem, porque isto vai levar algum tempo. Li sua redação ontem à noite... Ou deveria dizer que tentei ler sua redação ontem à noite?

Kip aguardou o sermão de costume: estúpida, ignorante, vaga, insolente. Levavam chamando-a de tudo isso desde o primeiro dia de colégio. Recordava-se nitidamente. A ilusão que a fez unir-se à fila com o resto das crianças de cinco anos, com seus elegantes uniformes, azul marinho. Ter dito tchau com a mão a sua babá porque seu pai estava muito ocupado para levá-la pessoalmente. Ter entrado quase correndo na sala de aula, sem nenhum tipo de reticências, porque, não haviam dito sempre que quanto maiores eram muito mais espertos? Mas aquelas adulações não duraram muito tempo. Nenhum criança gosta que lhe gritem, que digam que não se esforça o bastante quando na verdade se esforça ao máximo.

—Quanto tempo leva fazendo isso? —a voz de Delaney a trouxe à realidade.

—Fazendo o que?

—Desconectar — disse sem disfarces.

—Desde os oito anos — respondeu com a mesma franqueza.

—Pois mais que a ajude, o que tem feito foi prejudicar-se — colocou seus olhos azuis sobre ela e Kip se ruborizou — Quantos anos têm?

—Vinte e um.

—Mais velha que a média dos primeiros anos — replicou surpreso—. Não aparenta. Bom, não acredita que já é hora de encarar isso?

Kip supôs que se referia a sua estupidez e o olhou com olhos desafiantes.

—Tenho feito o melhor que pude.

—Pode ser que se tivesse sido franca desde o começo, não teria havido necessidade de chegar a este ponto.

—Franca?

— Sobre sua dislexia — Kip ficou olhando incapaz de dizer nada. Levava anos ouvindo às pessoas te dizer que era uma estúpida e uma desocupada sem que ninguém alguma vez lhe tivesse dado uma explicação e aquele homem descobriu em umas poucas horas — É dislética, não é?

Assentiu em silêncio e seguiu olhando-o. Seu rosto era anguloso e masculino, e com os jeans e a camisa xadrez parecia mais um personagem de filme do oeste que um professor de literatura. Kip sentiu que acelerava seu pulso, mas quando ele a olhou nos olhos ocultou todo tipo de emoção e manteve o olhar. Foi um engano. Aqueles olhos azuis, misteriosos, eram penetrantes como facas e podiam ver tudo.

— Sim, sou dislética — acabou confessando.

— Não é como a peste, já sabe — disse ao notar que se envergonhava.

— Claro que sei.

— Mas há gente que parece não dar-se conta, não é isso? — Kip assentiu de novo. Uma parte de seu ser seguia rechaçando aquele homem, mas a atitude que demonstrava para seu problema era como uma baforada de ar fresco — Suponho que a universidade sabe — Kip negou com a cabeça —. Então? Não me diga que te deram a bolsa sem checar seu nível acadêmico.

— Fiz um teste de inteligência. Quase tudo eram cifras e problemas de lógica. Estou em informática.

— E pôde fazer isso?

— Como o trabalho que fazemos é diretamente no computador, as classes teóricas e o laboratório, sim, mas não com os manuais e livros de texto: terei que ler muito.

— E entretanto, tentou-o com o Hamlet.

— Não o li. Fiz com uma gravação em fita cassete na biblioteca pública.

— Isso demonstra iniciativa. Desgraçadamente, assim não será aprovada em minha disciplina. Duvido que algum professor irá entender o que escreveu e, para ser justo, eu tampouco o fiz — lhe mostrou o exercício — Pensei que rabiscá-lo todo com caneta vermelha seria contraproducente, mas como me interessa saber o que tem escrito, marquei um encontro com a Julia Barton, do departamento de estenotipia.

— Não te entendo.

— Muito fácil: você dita e ela escreve.

— Ah — jamais nenhum professor sugeriu essa solução.

— Está esperando — disse lhe entregando as folhas.

— Agora?

— Agora. Algum problema?

— Tenho um compromisso — olhou o relógio.

— Mais importante que este? — seu rosto se endureceu.

Kip mordeu o lábio. Sabia que Whit Delaney a estava ajudando e fazia muitos anos que um professor não o fazia, mas teria que deixar passar essa nova oportunidade.

— Sim.

— O atletismo... suponho — ela negou com a cabeça — Então, tem que ser um garoto.

— Não saio com garotos.

— Não sai com garotos? — repetiu divertido.

— O que tem com isso? — disse ficando na defensiva.

— Não, nada, nada — voltou a ficar sério — Em confiança, faz tempo que eu tampouco saio com garotas — sorriu.

Kip não devolveu o sorriso. Sentia que estava rindo dela, como faziam suas companheiras.

— Tenho que ir.

— Está bem, pequena? — perguntou Sam, das Pizzas Sam, quando chegou ao restaurante toda vermelha e sem fôlego.

— Sinto chegar tarde. Recuperarei as horas — disse sem dar explicações. Preferia manter sua vida acadêmica e trabalhista bem separadas.

— Nem te incomode, carinho — replicou Márcia, a outra garçonete que fazia o turno com ela — Já trabalha mais que de sobra para o que te pagam. Por certo, minha filha já deu a luz. Um menino. Germaine. Você gosta?

— Sim — uma mentira piedosa — Estão bem?

— Muito bem. Tenho uma foto.

— Mostre-me isso?

Márcia procurou no bolso do uniforme, mas antes que pudesse tirá-la, Sam a interrompeu.

— Quer dizer mais tarde. E agora, mova suas lentas pernas de anciã até a mesa cinco e pega o pedido, agradeceria muito.

— Pequeno palhaço! — murmurou Marcia. Tinha quarenta anos e gostava de passar por uma mulher de trinta e cinco, mas fez o que Sam mandou — Já falaremos Kip.

Kip foi colocar o uniforme. Nunca trabalhou de garçonete antes de vir aos Estados Unidos, mas aprendeu rápido e rendia tanto ou mais que a garçonete mais veterana. Assim ganhou o carinho de suas companheiras, que vinham lhe contar suas intrigas e seus problemas. Inclusive Sam confiava nela uma vez vencido suas reticências iniciais de contratar uma garçonete sem experiência e, quando Kip disse

que precisava mudar-se, lhe emprestou o apartamento que ficava em cima da pizzeria por um pequeno aluguel. O restaurante e a universidade estavam cada um em uma ponta da cidade, mas Kip aceitou a oferta sem pensar. Os clientes eram “gente normal”, como os chamava Sam, mas o preferia a ter que servir às Staceys e Laurens da vida. E se essa “gente normal” incluía algum bêbado, era perfeitamente capaz de dirigir a situação. Afinal de contas, criou-se com um.

— Tenho que reconhecer, pequena — disse Sam ao final da jornada — Tem boa mão com os clientes bêbados. A última estudante que contratei não tinha nem idéia de como tratar a um bêbado.

— Obrigado — sorriu — Até manhã.

Entrou na escuridão da noite e virou a esquina para seu apartamento. Em realidade, não era mais que uma ampla habitação mau mobiliada com um banheiro onde saía água por todos os lugares. Era meia-noite quando se meteu na cama. Normalmente dormia quando tocava no travesseiro, mas essa noite não podia conciliar o sono. Era por causa de Whit Delaney. Não podia tirá-lo da cabeça. Compreendeu melhor que nenhum outro a mescla de vergonha e orgulho que a levou a ocultar seu analfabetismo e tentou ajudá-la, assim, por que não se mostrou agradecida? Em geral, Kip nunca sentia pena de si mesma e não gostava que ninguém tivesse pena. Fazia muito tempo que aceitou seu problema com a escrita e a leitura.

Depois da sua carreira como atleta ter acabado prematuramente por uma lesão, o pai de Kip começou a treinar sua mulher. Quando ela morreu, ele abandonou o atletismo por completo e tentou dedicar-se aos negócios, mas sentia que algo faltava e parecia incapaz de fixar raízes em algum lugar. Kip não sabia exatamente quando começou a beber. De fato, sempre o recordava bebendo; o tipo de bebedor simpático que não faz mais que sonhar e prometer coisas que nunca cumpria. Com uma exceção: algum dia Kip ganharia a medalha que a ele e a sua mãe tinha sido negada, o ouro olímpico. Aos onze anos, Kip começou a demonstrar condições de grande atleta, só que já era muito tarde para seu pai. Aquele grande sonho olímpico não foi suficiente para mantê-lo afastado dos bares. Entretanto, Kip não se rendeu, nem sequer depois de deixar o colégio aos dezesseis anos com um “não apta” e começar a trabalhar em uma fábrica. Mesmo assim, inscreveu-se em uma equipe de atletismo e ganhou sua primeira corrida importante aos dezenove anos. E obvio, seu pai esteve uma semana inteira celebrando-o e acabou no hospital. Não era a primeira vez, mas foi a última. Morreu sustentando a mão de sua filha, deixando-a como única herança seu sonho, mas foi suficiente. Aquilo deu forças a Kip para seguir adiante e não atirar a toalha. Não ia permitir que nada nem ninguém se interpusessem em seu caminho.

Depois de apenas cinco horas de sono, Kip estava de pé, vestida, e dando voltas à pista no frio outono.

Corria pelas manhãs, corria no meio do dia e corria sempre que tinha um espaço entre suas horas de trabalho e de sono. Era um horário muito sacrificado, mas não importava. Correr era um prazer físico.

Foi na pista que se encontrou com Whit Delaney novamente. Ao contrário da primeira vez, não estava correndo, mas estava sentado nos degraus. Kip não percebeu sua presença até depois da segunda volta, mas não quis parar. Fazia uma semana e meia que não o via, porque deixou de assistir a suas aulas. Já tinha dado vinte voltas à pista e, entretanto, forçou-se a dar dez mais antes que o esgotamento a obrigasse a parar.

— Doente? — perguntou ao vê-la dobrada com as mãos apoiadas nos joelhos.

— Esgotada.

— Não digo agora. Refiro-me à semana passada.

— Não, não estive doente.

— Simplesmente deixou a aula.

— Sim — ficou direita — Tinha razão.

— No que?

— Em que jamais seria aprovada na disciplina — admitiu, começando a afastar-se caminhando. Ele a segurou pelo braço.

— E por isso decidiu dar-se por vencida; assim, sem mais — seu tom de voz se endureceu.

— Pensei que te agradaria.

— Pois pensou mal. Além de sua falta de tato ao não me informar...

— Disse isso ao meu tutor. Pensei que ele o comunicaria.

— É uma ova! Não se importa com as consequências.

Era certo. Não lhe importava e surpreendia que ele tomasse tão a sério. Ou, o que lhe preocupava era seu ego e que na universidade pensassem que a mudança de disciplinas tinha sido provocada por ele?

— Bom, e que disciplina vai escolher agora? — mudou de tática.

— Ainda não o decidi.

— Pois quando decidir me comunique, intriga-me muito saber o que vai estudar, tendo o nível de leitura e escrita de um menino de quarto ano de primário.

— E a você o que importa? — escureceu o rosto. Não havia necessidade de que o esfregasse em seu nariz. Bastante envergonhada já estava com seu escasso nível de leitura — Por que te preocupa tanto?

— Só Deus sabe - respondeu irritado — A algum dos dois tem que importar — a olhou nos olhos — Quero ajudá-la, Kipling... me deixe.

Kipling. Nunca ninguém a chamou assim, nem sequer seu pai. Nos lábios daquele homem, Kipling soava a pura poesia. Viu que estendia uma mão e quis agarrar. Logo viu que sorria e pensou que sorria ante sua debilidade, e recuperou sua integridade.

—Não necessito de nada — disse rechaçando sua ajuda e todo indício de ternura que pudesse surgir em seu interior.

—De verdade? — pôs um gesto cínico— Claro, como vai ser uma atleta famosa... Muito bem; possivelmente o consiga. Ouvi dizer que tem qualidades.

—OuvIU? De quem?

—De quem — a corrigiu — De seu treinador.

—O senhor Scott? — olhou-o alarmada.

—Não se preocupe. Foram perguntas muito gerais. Não mencionei nada de quão perto você está da expulsão.

—Me expulsar?

—Existem grandes probabilidades.

—Falará de mim no conselho.

—Não, não falarei de você no conselho — a contradisse a bordo da exasperação — Não fará falta. Citando a um famoso cidadão americano: não se pode enganar a todo mundo todo o tempo.

—Abraham Lincoln — disse demonstrando não ser uma ignorante teimosa, embora reconhecesse que ele tinha razão — Me basta sobreviver um ano.

—Para que? — seguiu-a caminhando para os vestiários.

—Para melhorar minha marca nos três mil metros, me colocar entre os cem melhores e então, seguramente, encontrarei um patrocinador.

—E logo, adeus a Radford, não é? — com seu comentário, a fazia parecer fria e calculista.

—Se consigo estar entre os dez mais rápidos, ganharei um montão de dinheiro e poderei pagar minhas dívidas com a Radford.

—Ou seja, o que conta é o dinheiro.

—Não — o olhou de frente e ficou séria — O que conta é o ouro olímpico.

Havia dito com tanta determinação, que não havia lugar para a brincadeira. Franziu o cenho profundamente preocupado.

—E logo?

“Logo, por fim poderei viver”, pensou Kip. Era a primeira vez que pensava no futuro nesses termos e se perguntava o que queriam dizer, mas antes que pudesse analisá-los, ele continuou.

— Não terá esse ano. Pode ser que Radford não seja Yale nem Harvard, mas se orgulha de oferecer um nível acadêmico acima da média e você não vai chegar a esse nível.

— Por que me conta tudo isto? — perguntou ressentida.

Whit Delaney fazia a mesma pergunta. Nesse momento podia estar tomando o café da manhã tranqüilamente em casa com sua filha e seu pai, e em troca optou por levantar em uma hora inoportuna da manhã e ir à busca daquela jovem inglesa.

— Alguém tem que fazê-lo, a não ser que o que esteja procurando seja um bilhete de volta A... Manchester, não?

Kip o olhou com os olhos arregalados. A universidade tinha um relatório sobre ela, é obvio, mas ali só figurava sua última direção em Newcastle. Como adivinhou que passou grande parte de sua vida na área de Manchester?

— Fui bolsista do Rhodes — lhe explicou — Estudei alguns anos na Inglaterra, na universidade de Oxford, onde adquiri um limitado talento para identificar acentos. Acertei?

— Mais ou menos — não queria falar de seu passado — Tenho que ir trocar de roupa.

Whit Delaney ficou olhando um instante. Tinha o cabelo curto como um menino e sua constituição era atlética, e, entretanto, era surpreendentemente bonita. Provavelmente mais que bonita se alguém se fixava naqueles enormes olhos verdes e naquela boca sensual.

— Te verei mais tarde na aula — disse fingindo um tom ameaçador.

Kip apertou os lábios e se conteve. Logo se virou e desapareceu dentro do vestuário. Whit prometeu incomodá-la no caso de que não aparecesse na sua aula aquela tarde e se dirigiu para a Avenida Washington, onde vivia seu pai.

— Papai! — gritou Abby quando o viu entrar na cozinha — Onde estive? O avô não vai se levantar até tarde e você não estava em sua cama esta manhã — o admoestou.

— Saí para correr.

— Com essa roupa?

Whit sabia que sua filha era muito esperta para seus oito anos e que logo teria que fazer algo com ela, ou se converteria em uma menina rebelde e mimada como sua mãe. Olhou à senhora Novak com quem, depois de quinze anos ao serviço de seu pai, permitia-se certas liberdades.

— Algumas pessoas são piores do que aparentam — murmurou.

Whit não estava seguro se ela falava dele ou de Abby, assim fez caso omisso do comentário.

— Bom dia, Alice.

—Faz vinte minutos que o café da manhã está pronto.

—Tem boa aparência — disse sentando-se à mesa. Alice era uma excelente cozinheira e, se não tomasse cuidado, corria o risco de perder a linha rapidamente. Por isso Whit havia voltado a fazer cooper pelas manhãs.

De repente, voltou a pensar na moça inglesa. O que o atraía nela? O fato de que recordava a Elizabeth? Em realidade, só se pareciam por ambas serem da Inglaterra.

Ouviu falar da Elizabeth Clayton, sua ex-mulher, antes de conhecê-la: uma jovem atriz com um futuro promissor. O diretor a escolheu para o papel de protagonista do filme depois de o haver consultado. Tratava-se de seu livro e ele mesmo escreveu o roteiro para a versão cinematográfica. Elizabeth era a encarnação da heroína que ele imaginou. Era formosa; mais ainda, deliciosa, com uma cabeleira de fios dourados e uma pele branca como o alabastro, de graça figura e voz de seda. Definitivamente, não tinha nada que ver com Kip Wilson. Esta era uma moça franca, com um grande problema e, o interesse era meramente porque nunca conheceu ninguém tão antagônico.

—Papai, já decidi — Abby o tirou de seus pensamentos — Não necessito uma nova mamãe.

—O que?

—Não estava me escutando! — acusou-o — Ninguém me escuta nesta casa.

—Não sente saudades — murmurou Alice Novak em voz baixa.

—Sim te estava escutando, mas não estava seguro de ter ouvido bem. Quem disse nada de mamães novas?

—Katie Day.

—E posso saber quem é Katie Day?

—É a garota mais bonita de minha sala. Sabe muito de mamães e papais novos. Teve um montão, e todos imprestáveis!

Whit decidiu deixar passar esta última afirmação de sua filha: ou não sabia o que dizia, no caso não tinha importância, ou sabia e o dizia para impressionar, e então, era melhor não dar margem para continuar. Foi Alice quem lançou uma ameaça.

—Água e sabão!

—E por que não fechar com bucha? — respondeu Whit com secura.

—O que quer dizer, papai? — disse olhando com hostis olhos azuis a sua pior inimizada.

—Nada carinho. Era uma brincadeira.

— Vou me despedir do avô — se levantou da mesa e se foi.

—Olhe Alice — Whit se dirigiu à governanta — Sei que a menina está insuportável neste momento, mas da uma pausa. Não está indo bem.

—Sei... Sinto muito. Mas é que... bom, parece que não gosta de mim e isso o faz ainda mais difícil.

Já não havia por que negá-lo. Abby não se deu bem com nenhuma das governantas que tinha contratado.

—Não é nada pessoal contra você, Alice, e tampouco é culpa de Abby. Houve muitas mudanças em sua curta vida.

—Suponho. Eu tento ser carinhosa com ela, de verdade, mas põe a prova minha paciência.

—Entendo, e por isso pensei em contratar a uma estudante algumas horas depois do colégio para que não a incomode. O que acha?

—Pois, não sei.

—A babá não se misturará nos assuntos da casa, o asseguro. Poderia levar Abby à piscina ou algo assim.

Alice Novak iluminou o rosto. O 10 da Avenida Washington era seu território e não queria que nenhuma mulher colocasse ali seus narizes. Embora, tratando-se de uma garota jovem, a coisa mudava.

—Acredito que dará resultado.

Whit sorriu e se dirigiu ao escritório de seu pai. Tinha uma ligeira idéia do tipo de garota que encaixaria no posto, o que fazia ainda mais estranho que fosse Kipling Wilson a pessoa que lhe viesse à cabeça, porque ela seria a última pessoa a que escolheria... Ou não?

Capítulo 3

A notícia corria por toda a sala de aula. Uma vez mais, Kip se inteirou pela boca de Stacey e de Lauren.

—Não o terá solicitado — perguntou Lauren ao Spacey.

—Caro que sim.

—Mas, por quê? Não te falta dinheiro. Seu pai te manda tudo o que quer. Além disso, estou segura de que não gosta de cuidar de uma pequena insuportável.

—Esta não é qualquer pequena insuportável. É a pequena do professor Delaney.

—Isso é pura especulação — Lauren também leu o anúncio no quadro e não aparecia nenhum nome nem lugar, somente um telefone.

—Não é certo. Liguei — respondeu Stacey.

—E falou com ele?

— Não, com uma governanta. Mas se trata de sua filha e acredito que tenho possibilidades.

— Acredito, mas não te vejo cuidando de uma menina durante algumas horas todas as tardes.

— Não será tão horrível e vale a pena sacrificar-se por certas coisas.

— De verdade crê que tem algo que fazer com ele? Não é um pouco velho para você?

— Eu gosto dos homens amadurecidos — disse com ar de superioridade — E é certo que os professores gostam das juvenzinhas. Porque que os postos nas universidades estão tão solicitados? Eles ficam babando vendo corpos jovens e virginais — ao dizê-lo, estirou o seu languidamente.

— Não sei. Não acredito que o professor Delaney seja dos que babam.

— Todos os homens o fazem, me acredite!

A Kip reviraram suas entranhas e, quando Whit Delaney entrou na sala de aula, baixou o olhar e o deixou fixa em sua carteira, esperando e rezando para que o professor a evitasse. Se, voltou para suas aulas, era porque parecia mais fácil uma vez ele descobriu seu segredo. Além disso, havia reescrito a redação e possivelmente com isso a deixasse em paz. Ao terminar a aula, aproximou-se de sua mesa onde, como de costume, havia um grupo de estudantes revoando a seu redor, sedentos de conhecimento.

— Alegria-me vê-la de novo, senhorita Wilson — disse com uma nota de ironia.

Kip não devolveu o sorriso. Não queria entrar no seu clube de fãs nem queria que a tratasse como à ovelha desencaminhada que retorna ao rebanho. Só queria era sobreviver.

— Fiz o exercício — o entregou.

— A máquina!

— Sim, mas não na universidade.

— Alguma amiga? — Kip negou com a cabeça. Viu o anúncio numa loja perto das Pizzas Sam: passam-se trabalhos a máquina a bom preço. Era uma mulher mais velha com uma máquina de escrever tão velha como ela e levava séculos para ditar o trabalho — Bom, agradeço o esforço.

Dessa vez seu sorriso transpassou a couraça e Kip correspondeu. Poucas vezes sorria, mas quando o fazia seu rosto se transformava em uma beleza.

— Igual ao sol depois de uma tormenta — disse Whit gratamente surpreso. Possivelmente ela não entendeu o comentário, porque o olhou confundida — Me desculpe isso foi impróprio.

Kip o observou um instante: sim o entendeu e se ruborizou porque nunca ninguém a tinha comparado com o sol.

—Tenho que ir.

Ia chegar tarde ao trabalho, mas se entretive deliberadamente para passar pelo quadro de anúncios. Custou para encontrar a nota e muito mais lê-la:

BUSCA-SE BABÁ COMPETENTE, MAS CARINHOSA PARA MENINA DE OITO ANOS.

TARDES E ALGUNS FINS DE SEMANA. DE PREFÊRENCIA COM EXPERIÊNCIA. SALÁRIO A NEGOCIAR.

Não estava segura do porque leu. Não tinha intenção de solicitar o posto, porque não sabia como cuidar de crianças e, por outro lado, Whit Delaney nunca contrataria a uma garota que não soubesse ler. Curiosidade, tinha-lhe picado a curiosidade, feito incomum. Deixou de sentir curiosidade no momento em que descobriu o pouco que gostava que as pessoas sentissem curiosidade por ela. Mas Whit Delaney a tinha impactado como ninguém antes o tinha feito.

Correu até a pizzaria e chegou bem a tempo. Era sexta-feira, o dia de mais trabalho, assim estaria em pé até meia-noite, mas o que a preocupava era a corrida do dia seguinte. Não era uma competição especialmente prestigiosa, mas para ela era importante competir e tentar ganhar. Bill Scott, seu treinador, havia dito que podia fazê-lo, que podia melhorar sua marca. O problema era competir. Assim que saía à pista com outros corredores, perdia o ritmo e a força de vontade. Era como se não quisesse vencer a outros, só a si mesmo.

—Você pode — disse Bill Scott segundos antes da corrida — É a mais rápida de todos os participantes. Confio em ti. Confie você também em si mesma.

—Obrigado treinador.

Gostava de Bill Scott. Entendia o que era correr e o muito que significava para ela. Por isso dava sessões particulares de treinamento fora de hora. Compartilhava seu sonho de chegar a correr algum dia nas Olimpíadas.

Com as palavras do Bill Scott lhe zumbindo nos ouvidos, Kip deu tudo de si mesmo e, na última volta, ficou em primeiro e chegou sozinha à chegada. Bill Scott estava exultante. Ganhar produzia uma sensação de júbilo que Kip não compartilhava.

—Está conseguindo — lhe disse no ônibus de volta para casa—, mas teremos que te trabalhar o nível psicológico. E não é bom que dedique todas as manhãs a dar voltas sozinha em um estádio vazio.

—Não faço mais que seguir seu plano.

—Sei, pequena, sei. Para ser justo, alguém me veio com uma história.

—Quem?

—O filho do Alex Delaney... Do professor Delaney — se corrigiu ao recordar que ela era uma aluna e não uma colega — Entendi que é seu professor de inglês.

—Sim, e não gosta dos corredores.

—Ao Whit? Sente saudades. Foi um grande atleta quando jovem. O teria tomado mais a sério se não tivesse tão boas qualidades para outras coisas. Licenciou-se em Harvard, nem mais nem menos. Em qualquer caso, possivelmente tenha razão. Pode ser que correr sozinha nas horas em que não há ninguém na pista seja a forma mais rápida de queimar-se. Precisa treinar com outra pessoa, embora só seja para te acostumar a compartilhar a pista.

—Não posso, já sabe.

Levava seis meses em Radford, em parte graças a Bill Scott. Ele é um dos veteranos da equipe de atletismo de Newcastle a tirou da fábrica onde trabalhava na Inglaterra e arrumou sua bolsa na universidade. Mas o dinheiro da bolsa não era suficiente e trabalhar na pizzeria era vital para ela.

—E não pode pedir a seu chefe que te deixe começar mais tarde?

—Já perguntei. A resposta é não.

—Pois assim não podemos seguir. Terá que encontrar outro trabalho.

—Tampouco posso. Perderia o apartamento.

—Já sei que é duro, pequena. Oxalá pudesse te ajudar, mas tem que aceitar. Se fores correr a sério, terá que assistir aos treinamentos como todos os outros. Além de outras coisas, ajudará você a cultivar certo espírito de equipe.

Não disse nada. Não era a primeira vez que Bill lhe insinuava que era muito solitária, e não podia rebater. Era uma pessoa solitária e tinha sido desde que tivera uso da razão. Com cada mudança de colégio e de cidade, foi retraindo-se cada vez mais, até que finalmente optou por não tentar fazer amigos.

—Não passa nada, pequena — viu a tensão em seu rosto — Hoje nos destes motivos para estar orgulhosos de ti.

Kip passou o resto do trajeto olhando pela janela e odiando a Whit Delaney por ter interferido em sua vida.

Ainda seguia odiando-o quando assistiu a sua aula alguns dias depois. Não o olhou nenhuma vez e tampouco fez muito caso, até o final da aula.

—Kipling, poderia ficar um momento?

—Que pena que não seja a boba da aula para poder ficar também um momento, Stacey! — disse Lauren em tom perfeitamente audível.

—Não levaria a nenhuma parte — replicou Stacey — Não acredito que ele se interessasse por uma atrasada mental.

Ambas olharam para trás para ver se suas palavras causaram o efeito desejado, mas encontraram a uma Kip disposta a desforrar-se.

—Vai para o inferno! —algo tinha aprendido nos colégios marginais que frequentou: não se meta em problemas a menos que os problemas venham te buscar; então, ou, enfrenta-os ou sucumbe a eles.

—O que há dito? — perguntou Stacey.

—Já o ouviste. Saia!

—Ou se não o que? —desafiou-a fingindo coragem. O resto dos estudantes formaram redemoinhos ao redor e tinha que sair com a cabeça bem alta.

—Ou se não vai pedir horário para outra operação de nariz.

—Está insinuando que fiz cirurgia plástica?

—Agora que o penso, provavelmente não — disse olhando-a com frieza.

—É... é... —deu um passo à frente, mas Kip já estava preparada com os punhos altos. Não era a primeira vez que teria que brigar.

Nesse momento, Whit Delaney irrompeu na cena dispersando ao grupo. Olhou à garota inglesa, que estava a ponto de estalar, e logo olhou a sua oponente, a efusiva americana que tinha contratado como babá.

—O que passa aqui?

—Não sei, professor — disse Stacey— Estávamos falando tranquilamente do trabalho que nos mandou e, de repente, ela se pôs a me insultar.

—É isso certo? —perguntou a Kip.

—Não — o olhou desafiante— Não a insultei. Simplesmente te disse que fosse ao inferno.

—E insinuou que operei o nariz - era o maior delito aos olhos da americana. Whit sentiu desejos de rir, mas se conteve.

—Está bem. Pode ir — disse a Stacey e ao resto do grupo — Você não, Kipling. Aquele olhar de raiva contida voltou aos olhos de Kip, que cruzou de braços para esperar o sermão habitual.

—Tem algo que dizer em sua defesa?

—Não — para que, se já foi julgada.

—Muito bem — deu de ombros e se dirigiu a sua mesa. Desconcertada, Kip o seguiu e esperou a sentença.

—O que vai fazer a respeito? —perguntou ao ver que ele não dizia nada.

—Do que?

—Da briga com Stacey.

—Brigou com ela? Eu diria que foi mais intimidação no grau mais alto. Olhe se quisesse ser árbitro, solicitaria um posto em um instituto do centro de Nova Iorque. Se você e Stacey têm problemas, não é meu assunto.

—Eu não tenho nenhum problema.

— Bem — deu o assunto por resolvido — Quanto a sua redação, é muito boa. Pergunto, quem a escreveu?

— O que? — não dava crédito a seus ouvidos — Ninguém... Quer dizer, eu.

— E eu sou o presidente dos Estados Unidos. Escute, estava em um apuro e encontrou a alguém que a fizesse. Não é a primeira que paga por esse tipo de ajuda.

— Eu a escrevi! — repetiu com o rosto congestionado pela raiva.

— É uma pena que em aula não compartilhe conosco destas idéias tão originais que tem senhorita Wilson.

— Eu a escrevi! — insistiu. Aquela redação era o fruto de uma das poucas vezes que de verdade se esforçou e o fato de que ele não acreditasse era o que a enfurecia.

— Me escute bem. Faz algumas semanas li a primeira página da outra redação que me entregou. Possivelmente não a recorde palavra por palavra, mas certamente não se parece em nada a esta.

— Tive que reescrevê-la. Não podia ler nem minha própria letra para ditar, assim fui à biblioteca outra vez, ouvi a obra e logo gravei a nova redação em uma fita, que é o que a senhora Steenburg passou a máquina. Ainda tenho a gravação em casa.

— Quem é a senhora Steenburg?

— Uma datilógrafa que vive ao lado da pizzeria.

— Que pizzeria?

— Tenho que ir — disse sem dar explicações.

— Um momento — a segurou pelo braço — Não até que tenhamos esclarecido este assunto. Ou confessa agora e deixamos o tema, ou vamos discutir com o reitor.

— Certo, paguei a alguém — disse o que ele queria ouvir. Não tinha sentido seguir defendendo sua inocência — Já posso ir?

— Sim — disse, mas não a soltou, mas sim pegou sua jaqueta na cadeira — Levo-te de carro.

— O que?

— Levo-a de carro. Assim não chegará tarde. Onde vive?

— Do outro lado da cidade. E não necessito que me leve, irei correndo.

— Insisto. Tem algo que pegar em seu armário?

Kip negou com a cabeça e, quando quis colocar a bolsa no ombro, ele a tirou de suas mãos e a levou. Caminharam pelo corredor em silêncio. Seu Coração pulsava com força, sentindo seus dedos ao redor do braço. No estacionamento dos professores, detiveram-se frente a um esportivo.

— Um Jaguar — disse surpreendida.

—Sim, um modelo de 1950. Importado da Inglaterra, como você. Mas não compensa; muitos problemas.

Kip perguntou se essa última observação também era para ela, além do carro.

—Não tem por que me levar.

—Não, não tenho por que — pôs o carro em marcha e recuou —. Direção? — ela falou e começou a lhe dar instruções de como chegar — Não precisa, conheço o caminho. Criei-me em Radford e não mudou muito desde que fui embora.

—Onde vive normalmente?

—Vivi muitos anos em Nova Iorque, mas recentemente comprei uma casa na costa de Maine. Imagino que retornaremos ali uma vez que meu pai se recupere.

—E sua mulher o que prefere? — supunha que seja casado.

—Minha mulher está morta — disse sem alterar-se — Em vida, preferia Paris ou Londres ou qualquer lugar onde não estivéssemos... Quando falo em plural refiro a minha filha e a mim.

—Ah — desejou não ter aberto a boca — Como se chama sua filha?

—Abigail. Chama-se Abby. Um nome nada apropriado para a diabinha que é. Deveria conhecê-la. Provavelmente se dariam bem.

—Eu não gosto muito de crianças.

—Deus, pelo menos é sincera — riu — A semana passada inteira passei entrevistando a um exército de mulheres jovens, todas pretendendo ser a reencarnação de ninguém menos que Mary Poppins. Procuro uma babá para minha filha.

—Já vi seu anúncio.

—E decidiu não fazer caso, claro.

—Já tenho trabalho.

—Do que?

—De garçone.

—É uma pena. Acredito que você seria justo o que Abby necessita; alguém tão duro como ela.

Kip apertou os lábios. Não ia negar que fosse dura. Graças a isso sobreviveu, mas por alguma razão não gostava que aquele homem achasse pontos positivos por isso.

—Onde exatamente? — tinham chegado a sua rua.

—Me deixe aqui.

—Onde exatamente? — repetiu. Ao vê-la reticente, tranqüilizou-a —. Não se preocupe, não me convidarei a entrar.

—Na pizzaria. Vivo em cima.

Estacionou ao pé das escadas que subiam a seu apartamento e passou o olhar pelo estreito beco cheio de cubos de lixo e desperdícios, mas não fez nenhum comentário. Saiu do carro e se aproximou para abrir a porta.

— Obrigado por me trazer.

— Pode me entregar a fita.

— Sobre o que?

— Sua redação... Algo terá que fazer.

Kip sentiu que a raiva voltava a invadi-la. Seguia pensando que tinha feito uma armadilha!

— Me espere aqui! — gritou e se apressou a subir as escadas. Levou um tempo para abrir a porta, porque tinha vários ferrolhos. Entrou e foi direito pegar a gravadora. Esvaziou-a e, ao sair para fora, o encontrou no alto das escadas. Por um momento teve medo, mas recuperou o controle e lhe pôs a fita na mão — Tome. E agora, tenho que trabalhar — fechou a porta, correu escada abaixo e foi para a pizzeria.

Whit não tentou detê-la. Adivinhou o que havia na fita, assim foi para o carro e foi escutando no caminho para casa. Não era uma gravação muito sofisticada, mas reconhecia sua voz, suave e entoada, e suas palavras. Tinha cometido um grave engano.

— Conseguiu um namorado? — perguntou Sam ao cabo de umas horas.

— Não, por quê? — Kip se perguntava se teria visto o Whit Delaney trazê-la para casa.

— Alguém chamou perguntando por ti. Disse que estava trabalhando e que não chamasse nas horas de serviço — disse Sam, passando dois pratos de comida — Uma napolitana e uma hawaiana para a mesa seis.

Uma vez na vida, Kip se alegrava de que Sam tivesse um caráter tão áspero. Qualquer outro chefe a teria chamado ao telefone, mas Sam não. Ele pagava a suas garçonetes por segundos trabalhados.

— Deixar-te-ei sair antes — anunciou Sam quando o último cliente partiu e as mesas estiveram limpas. “Antes” significava cinco minutos, mas era a primeira vez que o fazia.

— Obrigado Sam.

— Espera-te aí fora — assinalou à rua com a cabeça — O do telefone.

— O que?

— O cara que te ligou. Queria saber a que hora terminava. Disse-me que te dissesse que estaria aí fora.

— Isso foi há mil horas.

— Não podia permitir que passasse todo o turno sonhando com ele — deu de ombros.

— Não é meu namorado.

— Sim, e a Batata não é católica. Anda, vai antes que se canse de esperar.

Kip pendurou o avental e saiu para rua. Ao não ver nenhum carro, dobrou rapidamente a esquina de seu beco e ali, estacionado no mesmo lugar, estava o Jaguar. Era rápida e subiu correndo as escadas, mas esqueceu que sua porta tinha vários ferrolhos.

— Kipling, espere — a alcançou enquanto brigava com o último ferrolho — Tentei chamá-la, mas seu chefe se negou a deixá-la falar ao telefone.

— Estou aí para trabalhar, não para falar.

— Justo o que ele disse. Não serão parentes?

— Muito gracioso.

— Posso passar? — perguntou quando por fim abriu a porta.

— É tarde.

— Dê-me uma oportunidade.

— Uma oportunidade?

— Para me desculpar.

— Está bem — pela expressão de seu rosto soube que falava a sério.

O apartamento não era grande; havia um único cômodo que fazia às vezes de dormitório e cozinha. Só o banheiro estava separado. O sofá—cama estava aberto, os lençóis revoltos e havia restos de café da manhã na mesinha.

— Acredito que encontrei uma alma gêmea — sorriu.

— Perdão?

— Tampouco eu sou a pessoa mais ordenada do mundo. Embora acredite que você ganha.

— Não tenho tempo — se defendeu.

— Não, suponho que não — se sentou em uma cadeira — Quantas noites você trabalha na semana?

— Seis.

— E com que frequência treina?

— Pelas manhãs, como bem sabe. Quase todos os dias: três com o senhor Scott. Os sábados que não tenho competições e os domingos pela tarde, também com o senhor Scott.

— Isso é muito.

— Não, se quer chegar a ser alguém.

— Acredito, mas não lhe deixará muito tempo livre.

— Refere-se para estudar?

— Não. Não pensava nos estudos, a não ser no ócio. A que se dedica quando não está treinando, trabalhando ou estudando?

— A dormir.

Whit Delaney soltou uma gargalhada antes de precaver-se de que era literalmente certo, e então enrugou o cenho. Olhou ao sofá — cama, preparado para deitar nele, e às estantes, só com livros de texto. Nem fotografias, nem adornos, nem nada que sugerisse um mínimo de vida pessoal.

— Para que veio?

— Escutei a fita e me dei conta que cometi um engano. Não sabe o quanto sinto.

— Não importa.

— Importa — Whit compreendeu o dano que tinha feito e queria repará-lo — tomou tempo e o incômodo de escrever uma redação decente e eu a atirei à sua cara, mas é que não esperava isso.

Lógico. Como o resto dos professores que teve. Todos esperavam muito pouco dela.

— Sou disléxica, não estúpida!

— Não, mas pode que eu sim o seja. Se tivesse estudado sua redação com atenção, teria sabido que era de sua própria autoria. As palavras eram suas, o tom, as idéias, tudo. Por isso era tão original. A maioria dos alunos simplesmente lê as críticas de outra pessoa e logo as regurgitam sobre o papel. Você não o fez — seu tom de voz era claramente de admiração.

— Eu não o fiz porque não pude. Não sei ler, recorda?

— Mas sabe escutar e escutou mil vezes melhor do que outros lêem, e entendeu.

— Não tudo — não estava segura de que gostasse dos caminhos que estava tomando a conversa. Sentia-se incômoda com tanto adulação.

— Ninguém entende tudo, mas você se aproximou mais que a maioria das pessoas. A pergunta é o que pensa fazer a respeito?

— A respeito do que?

— Do fato de ter um coeficiente de inteligência que está a anos luz de seu nível de leitura.

Kip ficou olhando. Ninguém melhor que ela conhecia esse dado. Houve um momento em sua vida em que se rebelou contra isso, frustrada por não poder ler nem expressar facilmente as idéias que lhe buliam na cabeça, mas fazia tempo que perdeu o interesse pelas idéias, ou pelo menos por contar ao resto do mundo. E o que menos precisava era que um desconhecido pudesse passar por sua carapaça de indiferença. Não estava agradecida. Estava furiosa.

—O que parece se fazemos uma mudança com uma varinha mágica, ou pedimos um desejo a uma estrela fugaz, ou por que não escrever a Papai Noel...? Não, esqueçamos deste último: provavelmente não poderia decifrar minha letra.

Whit não via razão para o sarcasmo quando seu único desejo era ajudar, mas aquela garota era incapaz de expressar gratidão. O melhor que podia fazer era sair dali. Entretanto, um impulso inexplicável lhe impedia de fazê-lo.

— Tem razão, a solução não é fácil. Ou o melhor não há solução possível, mas ao menos tem que tentá-lo.

— Por quê?

Procurou uma razão que fosse convincente para ela, mas se deu conta de que não havia jeito possível que a fizesse mudar, assim optou pela mão dura.

— Porque se não o faz, irei ver o reitor e a recomendarei para uma expulsão imediata.

— Está contanto uma mentira — Whit não sabia se estava mentindo ou não, mas em seus tempos jovens jogou pôquer e foi fácil permanecer impávido — Por que está fazendo tudo isto?

— Alguém tem que fazer, mas não serei eu.

— O que não será você? — Kip tinha perdido o fio da meada.

— Quem lhe dará aulas suplementares. Será meu pai.

— Não tenho dinheiro para pagar.

— Digamos que se trata de um acordo mútuo. Você precisa aprender e meu pai precisa ensinar. O ensino é toda sua vida, mas não poderá voltar para ele até que esteja recuperado totalmente. Necessita um projeto.

— Consultou ele?

— Faz algumas semanas e está encantado. Já foi a informar-se junto a Fundação para Disléxicos sobre métodos e técnicas de ensino... O que mais gosta neste mundo são os desafios.

— Sinto-me como o Everest.

— Então, estamos de acordo.

— Não! Não posso... Embora quisesse, não tenho tempo.

— Dar-lhe-ei permissão para faltar a minhas aulas. Afinal de contas, não se pode dizer que participe ou escute muito.

— Não é nada pessoal. Nunca gostei do colégio.

— Pode ser que a culpa fosse de seu colégio.

— De meus dez colégios.

— Foi a dez colégios diferentes?

— Sim. Não é que me expulsassem nem nada disso. Simplesmente trocávamos de cidade freqüentemente.

—Trocávamos? Quantos eram?

—Só meu pai e eu. Minha mãe morreu quando eu tinha três anos.

—E ele a criou?

—Pense como mais gostar — disse em um sussurro, mas ele a ouviu.

—Como o diria você?

—Nada — Kip se arrependia de ter ido tão longe.

—Seria bom um conselho. Eu também estou sozinho para criar minha filha.

—Muito bem. Pois quando agarrar uma cachaça, assegure-se de que há alguém mais além de sua filha para colocá-lo na cama.

Por um momento pensou que se tratava de uma brincadeira, mas, ao ver seu rosto, deu-se conta de que não.

—Segue vendo seu pai?

—Não, morreu.

—Sinto muito.

—Foi um descanso... pelo menos para ele — disse rechaçando sua simpatia. Não, não foi um descanso; não para ela. Seus olhos se encheram de lágrimas e se virou para que ele não visse. Whit levantou e se aproximou.

—Deve sentir saudade — tentava ser amável, mas o único que conseguiu foi irritá-la.

—Por quê? Porque é o normal? Obrigatório? Ou simplesmente é o que se diz nestes casos!

Deus! Como podia ser tão difícil? Suas próprias emoções estavam em conflito. Desejava protegê-la e feri-la. Segurou-a pelo braço e a virou.

—Me solte!

—Pelo menos olhe às pessoas no rosto quando as está mandando ao inferno!

—Está bem! — elevou os olhos e se encontrou com seu olhar azul, e de repente algo mudou. Esqueceu de sua raiva e o coração começou a pulsar acelerado.

Para Whit foi uma necessidade incontida, uma urgência inexplicável e acabou dando rédea solta a seus desejos antes de poder sequer analisá-los. Beijou-a como um possesso, com força, exigente e, sobre tudo, sabendo. Sabendo como lhe roubar a respiração e os sentidos, fazendo-a abrir os lábios e entregar-se ao prazer. Seu desejo se tornou uma loucura ao ver-se correspondido e a beijou ainda mais forte e começou a tocá-la; as costas, os quadris, as coxas... Tomou-a em seus braços e a levou a cama.

Aquilo era novo para Kip, mas o sentia como algo natural, igual a respirar. Era como uma corrida: as pernas deslizando-se, o sangue fervendo, a pele escorregadia pelo suor. Como uma corrida, exceto que estava correndo com outra pessoa e não existia a solidão nem a desesperança.

Whit devia haver-se refreado. Soube então e soube mais tarde. Tentou-o. Separou sua boca da dela e se obrigou a recordar que era quase uma menina, não uma mulher, que era sua aluna. Mas ainda assim a desejava.

Ela devia havê-lo parado quando a despiu, em vez de gemer de prazer, em vez de avivar sua paixão, respirando seu desejo de tocar cada centímetro de sua pele e cobri-la com seu corpo e tomar o que tão disposta parecia oferecer. Ela devia ter gritado ao princípio, não ao final, quando já era muito tarde e a oferenda tinha sido entregue, uma oferenda que ele não queria.

Doeu-lhe. Kip não esperava que doesse e aquela dor a desconcertou e a devolveu à realidade. Olhou-o e viu um estranho e começou a tremer. Whit se afastou e sentou no bordo da cama. Vestiu-se, cheio de vergonha e frustração, mas era incapaz de mover-se. Kip desejou que partisse e a deixasse sozinha para encontrar algum sentido ao que acabava de fazer.

— Sinto muito, estava fora de mim — disse Whit. Sentia-se culpado.

Kip cobriu-se com o edredom até o queixo e o olhou com seus enormes olhos verdes.

— Vá, por favor.

— Não posso ir assim — sentiu de novo a necessidade de protegê-la. Acabava de engrossar a lista das pessoas que destroçaram a vida daquela moça.

— Não se preocupe, não o contarei a ninguém.

— Não me preocupo. Pode contar ao mundo inteiro que sou um porco, se quiser. Não discutirei isso. Olhe, não sei...

— Foi minha culpa. Deveria ter parado e não o fiz. Importa-se em partir?

Sua voz soava tão fria, tão impassível. Nenhuma lágrima, o rosto como uma máscara. Perguntou se aquela moça haveria sentido alguma vez alguma emoção. Recolheu sua jaqueta e foi embora.

Kip o viu fechar a porta detrás de si e então, só então, a dor, a vergonha e a solidão começaram a deslizar-se por seu rosto em forma de lágrimas.

Capítulo 4

— Sim? — uns olhos hostis a examinaram.

— Vive aqui o professor Delaney? — perguntou Kip.

— Talvez. Não será outra babá?

— Não. Devo ver ao professor Delaney pai. Envia-me o professor Delaney.

A governanta a olhou com suspeita. Kip podia ter mostrado a carta, mas Whit Delaney não explicou muito:

Querida Kipling,

Se quiser me denunciar na Junta Administrativa da universidade, está em seu direito. Meu pai ainda te espera para as aulas, à mesma hora que teria literatura comigo.

Saudações, Whit Delaney

Direto e conciso. A Kip não custou muito decifrá-la... nem ler entre linhas. Podia escolher: ou armar a confusão e o acusar de ter abusado dela, ou manter a boca fechada, evitar para ambos a humilhação e seguir como se nada tivesse acontecido e ir ver seu pai.

— Pois se o professor Delaney a está esperando, será melhor que entre. Espere aqui, que vou buscá-lo.

Kip olhou a seu redor. Havia uma escada que subia ao piso de acima e um cômodo a cada lado do hall. O da direita estava decorado em um estilo antiquado, como dos filmes dos anos quarenta ou cinqüenta. O outro era um escritório ou uma biblioteca, forrada de cima abaixo com livros. A governanta apareceu com o professor Alex Delaney.

— Kipling, alegra-me verte — deu a boas-vindas com um sorriso. Kip devolveu; sempre gostou daquele homem.

— Tem boa aparência.

— Obrigado, sinto-me melhor. Vamos ao escritório e colocamos as mãos à obra. Poderia nos trazer um café, Alice?

— Claro - grunhiu — Mas não vá cansar — dirigiu um olhar ameaçador a Kip.

— Não faça caso da Alice. Gosta de me tratar como um inválido. Acredita que os quinze anos que leva nesta casa te dão direito de me mandar.

Possivelmente a governanta tivesse razão. Só passou algumas semanas desde que aconteceu o enfarte.

— Professor, não tem por que fazer isto. Não vale a pena. Não acredito que possa ler ou escrever corretamente. Não quero fazê-lo perder tempo.

—Tempo? Neste momento, é o tudo que tenho, assim não nos preocupemos com meu tempo quando é o seu o que me preocupa.

—O meu?

—O seu. Ou me equivoco ao pensar que preferiria estar treinando em vez de estudando?

Era certo, mas agora que estava ali parecia importante ficar.

—Não sei ler e quero aprender.

—Estupendo, isso já é um grande passo adiante. Admitir um problema significa solucioná-lo em 50%. Igual a quando os bêbados dizem "sou alcoólico" — uma comparação muito pouco afortunada. Os olhos de Kip se nublaram — Não era minha intenção te ofender.

Não, o professor não sabia nada sobre seu pai, era ela quem estava muito suscetível. Além disso, tinha razão: seu pai nunca resolveu seu problema porque nunca admitiu que o tivesse.

—Olá. Meu nome é Kip Wilson e sou disléxica.

—Muito bem, pois vamos ver o que podemos fazer para te ajudar.

O professor começou a explicar seu plano e a manteve toda a aula fazendo testes para comprovar seu grau de dislexia. Não existia uma cura absoluta, mas sim alguns truques para superá-la.

—Nos veremos as quartas-feiras. A menos que queiras voltar para as aulas de meu filho.

—Não, virei aqui.

—Parece que Whit esteve te fazendo mal, né? —riu— Ele o chama incompatibilidade de caracteres.

—Ah sim? —pois deitarem-se juntos não os fez mais compatíveis, a não ser justamente o contrário — Bom, obrigado, professor.

—Não mereço. Simplesmente, volte na quarta-feira.

Ao sair, encontrou-se na porta com a governanta e uma menina pequena, presumivelmente Abby Delaney.

—O professor está bem? —perguntou Alice.

—Sim, está bem. Obrigado pelo café.

—Não há de que.

—Não será outra babá? —disparou a baixinha.

—Te cale menina!

—Porque não durará muito — continuou Abby sem fazer caso —. Já passei por três. A primeira cacarejava como uma galinha, a segunda era tão divertida como ir ao dentista. E esta semana, a parva da Stacey.

—Stacey ainda é sua babá, assim cuida essa língua, Abigail Delaney, e entra em casa.

—Então, quem é? —era incorrigível.

—Meu nome é Kip Wilson e sou aluna de seu avô.

—É a pobre infeliz, que não sabe ler corretamente?

—Abigail Delaney! —exclamou a governanta.

Kip também estava zangada; zangada por que os Delaney falassem dela diante daquela menina precoce.

—Sim, e você deve ser a mal educada, que não tem maneiras.

Aquilo não o esperava. Abigail ficou vermelha e entrou na casa dando uma portada. Kip se sentiu mal. A menina só estava repetindo o que ouviu, e se “pobre infeliz” era como Whit Delaney a via, não tinha intenção de retornar a aquela casa para que tivessem pena.

Quando Whit Delaney retornou da universidade, sua filha negava-se a sair do quarto. Mandou a Stacey para casa e escutou a versão da Alice Novak. Pelo visto, Abigail foi mal educada com a moça inglesa e está havia dito isso em sua cara. Desgraçadamente, Abigail não gostava de ouvir a verdade; por isso se agarrou a raiva e trancou-se em seu quarto.

—Disse isso? —perguntou seu pai repetindo as palavras da senhora Novak.

—Pode. É o que disse o vovô quando pediu que a ensinasse. Disse que o faria encantado porque "a pobre não deve sentir-se muito feliz por não poder ler corretamente" — essa vez Abby o repetiu palavra por palavra.

—E isso é o que você disse?

—Parecido. Não é minha culpa se ela o interpretou mal.

—Sim, é. Nós dois sabemos que o disse para feri-la. O que não me explicou é como pode querer ferir alguém que nem sequer conhece.

—Pensei que era a nova babá, mas quando disse que não, decepcionei-me.

—O que? —Whit se sentiu perdido — Se você não gosta das babás.

—Eu não gosto das outras, mas ela era diferente. Não tinha pinta de estar de risos todo o dia, nem de me fazer perguntas estúpidas, nem de fingir que gosta só para ganhar alguns perus.

—Como que alguns perus? O que estiveste vendo na televisão?

—Nada. Li.

—Pois te cuide ao ler esses lixos.

—Pois... —dirigiu-lhe um sorriso malvado — o li em seu último livro. Sangue-frio. Mas só umas páginas. Não cheguei às cenas de cama.

A Whit saía fumaça pelas orelhas. Às vezes estava orgulhoso de ter a menina mais esperta da vizinhança, mas outras vezes era como uma maldição. Entretanto, quando lhe sentava nos joelhos, acabava amansando.

— Olhe Abby, não pode ir por aí insultando as pessoas só porque você se sente mal. Como crê que se sentiu Kipling Wilson quando disse que não sabia ler corretamente?

— Zangou-se, mas, chamou-me de mal educada.

— E o é.

— Suponho — admitiu e logo mudou de tema — Foi embora Stacey?

— Sim, mas duvido que queira voltar.

— Então, podíamos perguntar à outra garota — lhe iluminou o rosto.

— A quem, a Kipling Wilson? — surpreendeu-se ao vê-la assentir. Teria visto em Kip a sua alma gêmea? — A senhorita Wilson já tem um trabalho.

— Do que?

— Não é assunto seu — não queria dar a sua filha argumentos para seguir metendo-se com a Kip no futuro.

Quando Whit entrou na pizzaria, Kip ficou petrificada e correu para esconder-se. Ele se aproximou do balcão e esperou que o homem o atendesse.

— Algum problema, amigo? — a cortesia não era o forte do Sam.

— Queria falar com a Kipling, se for possível.

— Kipling? — fez uma careta ao ouvir o nome completo — Eu não gosto que minhas garçonetes andem conversando enquanto trabalham.

— Sou seu professor de literatura.

— E? — encolheu-se de ombros — As aulas já acabaram, amiguinho.

— Certo... e sei que está de serviço. Pagarei por cada minuto que a entretenha.

Kip estava se convertendo em uma obsessão para ele. Sam o olhou sem confiar muito, mas acabou aceitando por sua parte.

— Coma uma pizza e falará com a garçonete, de acordo?

— Está bem.

Ela estava servindo algumas mesas mais à frente e ao passar a seu lado a caminho da cozinha fez como se não o visse.

— Sim? — uma ruiva veio pegar o pedido.

— Desculpe, não é que tenha nada contra você, mas poderia chamar a outra garçonete?

— Desculpe, não é que tenha nada contra você, mas Kip acaba de oferecer-se para me liberar de dois bêbados bobocas e não vou dizer que não — Whit olhou ao fundo da pizzaria e pôde ver que os dois tipos a estavam fazendo passar por um

mau momento e fez gesto de levantar — Tranquilo, amigo. A garota pode com esses dois, ela é sólida e não será bom que se intrometa. Bom, o que vai ser?

— Qualquer coisa.

— Trar-lhe-ei o especial do chef — ele virou de novo para a mesa dos bêbados, mas Kip tinha desaparecido — Escute, quando sua pizza estiver pronta, assegurar-me-ei de não estar disponível, certo?

— Obrigado.

Em dez minutos ouviu que Sam chamava à ruiva, mas, ao segundo intento fracassado, dirigiu-se a Kip.

— Kip, leve esta à mesa cinco.

Ele estava esperando e, antes que pudesse escapar, agarrou-a pelos braços.

— Me solte!

— Não sem antes te haver dito quatro coisas.

— Conseguirá que me despeçam.

— Pois baixa o tom. Podemos falar agora ou fazê-lo mais tarde, embora não acredito que mais tarde seja o mais conveniente, não te parece? — Ambos recordavam a última vez que tinham estado juntos.

— Por que não me deixa em paz?

— Sinto o que te disse Abby.

— Não fazia mais que repetir o que você te havia dito — o acusou.

— De verdade crê que falo de meus alunos com minha filha de oito anos? Simplesmente estive espiando e o ouviu tudo pela metade.

— Isso é tudo? — acreditava, mas aquilo não mudava sua atitude para ele — Posso ir já?

— Não até que me prometa seguir com as aulas de meu pai. Assegurarei-me de que Abby não te incomode.

— Não direi a ninguém o que aconteceu semana passada, assim deixa de preocupar-se — seus pensamentos foram por outro caminho.

— Isso não é o que me preocupa. Diga a quem te dê vontade, viverei com isso. Nem eu mesmo entendo o que me passou aquela noite.

— Muito bem, seguirei com as aulas — não gostava de seguir falando daquilo.

— Bem — lhe surpreendeu que capitulasse tão repentinamente —. Meu pai está convencido de que pode te ajudar. Diz que tem um coeficiente de inteligência extremamente alto.

— Sim claro, sou Einstein. Por isso ganho a vida servindo pizzas. Por certo, a sua está ficando fria.

Whit a soltou e a deixou ir, mas ficou um momento mais observando como servia a um grupo de jovens, fria, sem implicar. Coração duro e cabeça dura, parecia

não ter sentimentos. Entretanto, quando a teve entre seus braços, foi tão doce, tão carinhosa, e lhe fez sentir... levantou-se sem haver tocado no prato e partiu.

Kip seguiu com as aulas. Admirava ao velho professor. Era um homem sábio e inteligente que acreditava nela e lhe dava confiança. Para começar, havia dito que, segundo os testes, não era disléxica e que qualquer que fosse a causa de seu analfabetismo, poderiam erradicá-lo. Seu entusiasmo era contagioso e Kip trabalhou mais duro que nunca, de forma que ao final de umas semanas seus progressos eram surpreendentes.

—Necessitamos mais tempo juntos — disse o professor uma tarde — O que te parece na sábado? Não tem competição, tem?

—Não, competição não — era dezembro e a temporada de atletismo tinha acabado, mas ela seguia treinando diariamente.

—Dá igual — sorriu Alex Delaney — Já me havia dito Whit que teria outras coisas que fazer.

—Ah sim? Pois se equivocou. Virei se você quiser.

—Maravilhoso. Vêm comer e logo trabalharemos toda a tarde.

—Não... não... —arrepentia-se de ter aceitado e mentiu— Não posso. Sigo uma dieta especial para estar em forma.

—Não passa nada. A senhora Novak pode fazer algo diferente para você.

—Não quero causar incômodos.

—Não é nenhum incômodo. Além disso, assim me fará companhia. Meu filho vai à Nova Iorque no fim de semana e a pequena Abby estará na casa de uma amiga.

—Hummm... —tinham esgotado as desculpas e se Whit Delaney não ia estar... — Está bem, obrigado.

—Pois vamos à cozinha para dizer a Alice e explicar que coisas não pode comer.

A cozinha, como o resto da casa, era ampla, antiquada e acolhedora. Alice estava amassando em cima da mesa.

—Convidei a Kipling para comer no sábado, se não tiver inconveniente.

—Posso cozinhar para dois igual para um, professor.

—Tá, bom; há um pequeno problema...

—Sou alérgica a picante — interveio Kip para lhe tirar do apuro —. Mas, além disso, como de tudo — acrescentou fazendo caso omissos do gesto de desconcerto do professor.

—Bem, porque eu não gosto da gente fresca — disse olhando o relógio da cozinha — O que me recorda que tenho que ir recolher a sua excelência.

— “Sua excelência” é minha neta. Alice e Abby mantêm o que chamaríamos uma relação de amor e ódio.

— O que não vou fazer é deixar que me toureie, isso é certo!

O professor sorriu sem entrar em discussões e, por uma vez, Kip pôde checar o muito que ele e seu filho se pareciam nos gestos. Mas em nada mais. Whit Delaney não herdou o caráter afável e cordial de seu pai.

— Vai em minha direção? — perguntou Alice Novak quando as duas estiveram na calçada.

Kip assentiu.

— É de Londres?

— De Manchester — respondeu enquanto caminhavam.

— Ela era inglesa... A mãe de Abby.

— Conheceu-a?

— Vi-a algumas vezes. Muito mimada. Embora suponha que sua condição de estrela de cinema a obrigava a isso.

— O professor Delaney esteve casado com uma atriz?

— Sim, protagonizou um de seus filmes.

— Seus filmes? — começava a duvidar se a governanta era uma mentirosa compulsiva — Dirige filmes?

— Não, Por Deus! Fazem filmes de seus livros, mas melhor que não o comente, porque não gosta nada.

— Eu não sou fofqueira.

— Tá, não como essa outra garota, Tracy ou como se chama, que, além disso, crê que é uma deusa. Atreveu a se insinuar ao filho do professor! — Alice a olhou atentamente — Tampouco é muito faladora, não? Nunca conheci a ninguém com tão pouca curiosidade.

— Não é meu assunto — precisava cortar a conversa — Bom, tenho que me apressar. Adeus.

A senhora Novak se equivocava. Sim sentia curiosidade... Curiosidade por Whit Delaney. Mas a curiosidade se mesclou com o ciúme. Teria estado nos braços de Stacey igual tinha estado nos seus? Ou só o fez com ela? E por quê? Acaso recordava a sua mulher?

Tudo era absurdo. Não podia aceitar o convite de sábado. Não precisava daquela família nem queria ter nada a ver com eles.

Esperou sexta-feira pela manhã para ligar e cancelar o almoço. Esperava que fosse Alice ou o velho professor que atendesse. A voz do Whit Delaney a pegou despreparada.

— Residência dos Delaney, Whitman que fala.

— Ah... — Kip tinha a garganta seca.

— Quem é, por favor?

— Ninguém. Bom, não imp...

— Kipling — a reconheceu pelas hesitações — Não desligue. Que tal está? Meu pai diz que tem feito grandes progressos.

— Obrigado — acertou dizer finalmente — Qu-queria falar com ele.

— Sinto muito, não está em casa. Mas pode me dar o recado.

— É sobre sábado...

— Vem almoçar, não? Meu pai está desejando que chegue logo o dia. Adora estar com você. E acredito que a senhora Novak foi às compras, porque acha que você precisa alimentar-se como é devido.

Estava fazendo de propósito. Estava fazendo tudo muito difícil e não podia voltar atrás.

— Liguei para saber que horas será.

— Normalmente as doze e meia, mas se não podes, estou seguro que não importará atrasá-lo.

— Não, está bom. Ai estarei.

— Bem. É uma pena que eu não possa... Suponho que já sabe. Mas já nos veremos em outro momento, Kipling.

— Adeus — murmurou antes de desligar. Não sabia como entender, tinha sido uma ameaça, uma promessa, um adeus desenvolto? Pensou um instante e se deu conta de quão tola estava sendo. Provavelmente ele teria deitado com um montão de garotas e ela, Kipling, não era mais importante que as demais.

Capítulo 5

—Olá — Abigail Delaney abriu a porta com um bonito vestido de flores.

—Olá — a olhou surpreendida. Supunha que a menina estaria fora— Vim almoçar.

—Sei, por isso pus este vestido. Porque temos uma convidada.

—Ah. Eu também — disse tirando o casaco. Debaixo levava um pulôver vermelho de pescoço alto, uma saia curta xadrez e meias negras.

—Isso não é um vestido — disse Abby, que era uma menina absolutamente literal— Mas está genial.

—Obrigado.

Ficaram de pé, estudando-se de cima a baixo, antes de conceder uma trégua mutuamente. Nesse momento, apareceu Alice Novak.

—Estão aqui. A comida não está pronta.

—Vem comigo para ver meu quarto — anunciou Abby, antes que Kip pudesse reagir.

—Está bem, mas desçam assim que lhes chamar.

—Faremos—disse Abby, agarrando Kip pelo braço e indo com ela escada acima.

O quarto tinha o chão de madeira e os tapetes estavam desgastados, mas havia brinquedos, bonecas e uma preciosa colcha de patchwork que davam à habitação um toque infantil. Havia uma Janela que dava a um enorme jardim coberto com as folhas vermelhas do outono.

—Era o quarto de meu pai quando era pequeno. E esta é minha mamãe — disse pondo um foto entre as mãos — Concorda que é a pessoa mais bonita que viu em sua vida?

—Sim, é muito bonita — Kip se achou vulgar em comparação com a beleza loira da foto. Abby parecia decepcionada, como se tivesse esperado uma discussão, e voltou ao ataque.

—Stacey não acreditava que fosse. Disse que tinha um aspecto muito inglês e eu disse que isso não fazia sentido porque você é inglesa e não te parece em nada a minha mãe, e ela disse que você é diferente, que não te parece em nada a ninguém. Acredito o dizia com má intenção, mas não o entendo. Para você tem sentido o que disse?

—Eu não me preocuparia com isso — não tinha intenção de usar à menina para trocar insultos com a Stacey.

—A verdade é que não gosta de mim. Quando meu pai está presente, esforce-se comigo e quando não, diz-me para ir passear.

— Possivelmente deveria dizer a ele.

— Já o fiz, mas não acredita. Pensa que só procuro me desfazer de Stacey... e também acredito que gosta dela.

— De verdade? — sentiu uma pontada na boca do estômago.

— Passa todo o momento tentando adulá-lo — Abby bateu as pestanas imitando-a — É asqueroso... E ainda por cima ele não se dá conta.

— Quantos anos têm?

— Oito, mas pareço mais velha porque sou muito esperta.

— Baixa modéstia — disse sem esperar que o entendesse, mas Abby replicou.

— Não o disse por presumir. É a pura verdade. Crê que é divertido ser inteligente? Pois te equivoca. Outras crianças metem-se com você, ou te pedem que lhes faça os deveres, e inclusive quando os faz, não falam com você.

Kip nunca tivera problema de que a considerasse uma superdotada, mas sim recordava de sentir-se separada do resto da classe.

— As crianças são assim. Não gostam que outros sejam diferentes, assim os deixam de lado.

— Diga-me isso! — exclamou Abby. Logo a estudou atentamente e deve ter chegado a uma conclusão favorável, porque perguntou — Não pensaste alguma vez em trabalhar de babá?

— Esquece. Não estou apta.

— Por que não? Eu acredito que está apta sim.

— Pois não, não estou. Para começar, eu não gosto de crianças.

— E? A Stacey tampouco. Simplesmente finge que gosta. Pelo menos você não fingiria.

A lógica da menina era admirável, mas Kip meneou a cabeça mais uma vez.

— Em segundo lugar, já tenho um trabalho — nesse momento, Alice Novak as chamou para comer, salvando-a de ter que dar mais explicações — Será melhor descermos.

— Não quero ir.

— Como preferir — não estava disposta a discutir nem a retrucar - Direi que não quer comer.

— Isso não é o que disse — Abby se lançou escada abaixo para alcançá-la.

Kip seguiu à menina até uma pequena sala de jantar onde o professor Delaney esperava sentado à mesa. Ao vê-las entrar, levantou-se em um gesto de cortesia.

— Disseram que Abby estava implicando com você.

Abby lançou um olhar assassino, esperando ouvir como a acusava de ser uma impertinente, mas não era o estilo de Kip.

— Esteve-me mostrando seu quarto.

—Mostrei a foto de minha mamãe — anunciou a menina em tom desafiante, sem obter o efeito desejado.

— Isso foi muito bom, carinho — respondeu o velho professor. Logo se dirigiu a Kip— Possivelmente já saiba... A mãe do Abby morreu o ano passado, ela sente falta.

— Não sinto falta — disse a menina em voz baixa para que ninguém a ouvisse. Mas Kip a ouviu, e caso seu avô também a tivesse ouvido, decidiu passar por cima do comentário.

— Tem uma aparência deliciosa, Alice — sorriu o professor quando a governanta entrou com o primeiro prato — Por que não se senta e come conosco?

— Eu comerei na cozinha, se não se importa — respondeu com secura, embora adulada por dentro.

— Alice se senta conosco quando comemos na cozinha—explicou o professor— Mas não quando temos convidados. Não parece correto.

— Porque é uma criada.

— Abby — seu avô a repreendeu com o olhar.

— É o que ela diz de si mesma — disse ruborizada.

— Já sei, mas eu não a considero uma criada. É uma boa amiga da família há muitos anos e merece nosso respeito — as suaves reprimendas de seu avô causavam mais efeito em Abby que os gritos e as ameaças— Temo que Abby e Alice nem sempre vejam as coisas da mesma maneira — disse a Kip— Alice vê de outra forma. Em sua época, as crianças eram para serem vistas e não ouvidas, e não crê muito na liberdade de expressão. Ao contrário, Abby se criou em um ambiente muito liberal. Estava acostumada a fazer o que dava vontade todo o tempo.

Para Kip não estava muito claro se Abby tivesse entendido o que significava “liberal”, mas certamente tinha captado a idéia.

— Imagino que deve ser difícil — disse.

— Difícil? Por quê?

— Bom, quando a gente é jovem, há certas coisas que são perigosas ou más, como cruzar uma rua com muito tráfico ou comer muitos doces ou deitar-se tarde. A maioria das crianças não tem que preocupar-se com nada disso, porque seus pais decidem por eles. Mas se você tiver que decidir por si mesma, é terrível.

— É-o... é horrível! — Abby estava emocionada— Como quando via filmes de terror de noite e um pouco eu gostava e um pouco não. Logo, tinha pesadelos e então sabia que não devia ver, mas era difícil resistir. O mesmo com os sorvetes, quando comia muitos e logo me doía a barriga. É mais fácil se sua mãe te dá conselhos.

—Sabe? —interveio Alex Delaney— Nunca considerei as coisas desse ponto de vista. Mas tem razão. Afinal de contas, já é bastante difícil para um adulto assumir suas responsabilidades... Bom, e então, por que te zanga tanto quando Alice te proíbe de fazer algo?

—É como me diz isso. Acredita que sou muito estúpida, para deduzir as coisas por eu mesma, e isso é tão mau como esperar que eu deduza tudo sozinha. Esse monstro da Stacey é igual a ela.

—Abby!

—Assim é como Alice a chama.

—Não é o mesmo — respondeu Alex Delaney. Logo explicou a Kip — Stacey é a babá de Abby... Não estão na mesma sala de literatura?

—Sim.

—Mas não se dão bem — interveio Abby — E não sente saudades. Quem ia gostar da Stacey?

—Suponho que Abby está exagerando. Ou realmente tem um problema com a Stacey?

Por isso Kip não esperava, não deixaria que Stacey se aproximasse nem do seu cão, mas tampouco ela era alguém para pôr em dúvida as habilidades da outra garota para cuidar de crianças.

—Não somos amigas, mas não acredito que isso me cause nenhum trauma.

Abby teria querido que Kip falasse mal de sua babá e lhe dirigiu um olhar carrancudo. O professor tampouco estava muito satisfeito com a resposta, mas decidiu mudar de assunto.

—Por curiosidade, quem escolheu seu nome? Sua mãe ou seu pai?

—Acredito que os dois. Meu pai queria me chamar Kip, como o corredor keniano.

—Kipchoge Keino.

—Sim, esse — estava surpreendida por seus conhecimentos — Meu pai era um grande admirador dele. A minha mãe não se entusiasmava pela idéia, embora ela também fosse atleta, assim o mudou para Kipling, no caso de que eu saísse mais literária que atleta... Ironias da vida!

—Eu não estaria tão seguro disso. Possivelmente tenha problemas com a parte técnica da leitura, mas tanto meu filho como eu acreditamos que tem uma capacidade de compreensão muito mais profunda que a maioria dos estudantes.

—Eu tive um problema uma vez — disse Abby — Não sabia distinguir a B do D, mas podia ler.

—Abby! Perdoa-a, Kip.

Kip deu de ombros sem sentir-se ofendida. Estava começando a acostumar-se à precocidade da menina. Inclusive começava a gostar. Quanto a Abby, o sentimento era mútuo: como via que não podia ofendê-la nem incomodá-la, decidiu se dar bem com ela.

—Esse monstro da Stacey veio levá-la a sua excelência a casa dos Pearson — disse Alice entrando na sala de jantar quando já estavam na sobremesa.

—Não posso ficar com vocês?

—Temo-me que não — respondeu seu avô— Kipling e eu temos que trabalhar.

—Eu também posso trabalhar. Fico fazendo somas e subtrações, ou lendo um conto...

—Sim, deve ser má essa Stacey — disse Alex Delaney arqueando as sobrancelhas. Logo, voltou-se para Kip— Normalmente Whit tem que atar ela à cadeira para que faça os deveres.

—Posso? —suplicou.

—Não, não pode — era a voz da Alice Novak— Seu pai já falou com o Dr. Pearson, assim te ponha o casaco e vá com a Stacey.

—Tenho que admitir que é um demônio — suspirou seu avô quando ela partiu— Mas passou mal quando meu filho e minha nora se separaram... Enfim, acredito que não quer ouvi - Se equivocava. Queria saber qual foi a causa da ruptura. Infidelidade por parte do Whit Delaney, possivelmente? —Bom, mãos à obra.

Foram para o escritório e ficaram trabalhando durante três horas seguidas, com um breve descanso para um café.

—É impressionante como progrediste em umas semanas — disse o professor ao final da tarde— Não entendo por que tiveste tido problemas. Os testes demonstram que não é disléxica, nem sequer mínimamente. Sofreste alguma vez do ouvido?

—Não sei. Lembro que de pequena parecia que os professores falavam muito baixinho, mas agora ouço bem.

—Talvez tivesse uma pequena perda de ouvido de pequena, e isso é um fator que sem dúvida provoca atrasos na leitura. Seus pais não estavam preocupados?

—Só tinha a meu pai. Minha mãe morreu quando era muito pequena E... bom, meu pai tinha seus próprios problemas.

—Tinha?

—Também está morto.

—Sinto — disse com sinceridade— Não tem irmãos?

—Não, sou filha única.

— E com quem passará as férias de Natal quando for para casa?

— Tenho uma tia em Leeds — e era verdade. Sua tia Pat, que veio no funeral de seu irmão só porque era o correto e não demonstrou nenhum carinho para Kip. Mas não pensava em dizer ao professor que passaria o Natal sozinha, em seu apartamento — Tenho que ir.

— Claro, sábado à noite. Seguro que uma garota tão bonita como você tem um encontro — Kip se ruborizou e o professor o interpretou como uma confirmação, embora, de fato, o único encontro que tinha era na pizzaria do Sam — Terei que dizer a meu filho.

— Por quê?

— Por nada especial. Só que ele imagina que não tem nenhuma vida social fora da pista de atletismo. Bom, como se chama? Ou não deveria perguntá-lo?

— Ah... Tom — soltou o primeiro nome que veio à cabeça.

— Tom... Um estudante supenho.

— Está na equipe de atletismo — disse sem parar para pensar, mas se arrependeu imediatamente. Não tinha necessidade de embrulhar a mentira. Não tinha nem que ter mentido em primeiro lugar.

— Traz-o aqui algum dia, se quiser — sugeriu enquanto a conduzia até a porta.

— Obrigado — desceu as escadas que levavam à rua e se despediu com a mão — E obrigado pelo almoço.

A tarde resultou agradável, mas terminou no último momento com sua mentira.

Odiava mentir às pessoas que apreciava, e ela apreciava muito ao velho professor.

Quatro dias mais tarde, Whit Delaney apareceu sem avisar no ginásio enquanto Kip descansava entre dois exercícios. Faltavam só umas semanas para as férias de Natal, era uma das poucas atletas que seguia treinando a sério.

— O treinador me disse que provavelmente te encontraria aqui — sentou a seu lado.

— E? — agachou-se para recolher uma toalha e limpar o suor do rosto.

— Também me disse que se te encontrasse, te perguntasse que demônios está fazendo. Parece que te disse que fizesse uma pausa.

— Já estou dando uma pausa — tinha rebaixado o número de quilômetros que corria ao dia — Simplesmente estava fazendo um treinamento suave.

— Pois não parecia muito suave de onde eu estava.

Olhou-o e perguntou-se quanto tempo teria estado observando-a. Logo desviou o olhar daqueles olhos azuis.

— O que quer?

— Nada em particular. Só queria saber como está.

Seu tom era sincero e o coração de Kip se alegrou. Possivelmente não a tivesse esquecido. Possivelmente seguisse pensando nela, igual a ela pensava nele a todas as horas, sem poder evitá-lo.

— Quem é Tom? — sua voz se endureceu.

— Tom?

— Meu pai diz que está na equipe de atletismo — a viu ficar vermelha.

— Não é ninguém que você conheça — replicou carrancuda como dizendo “meta-se com seus assuntos”.

Whit desejou poder fazê-lo, mas a moça, ou melhor, o que fez, bombardeava-a consciência.

— É sério?

— De momento não vamos mandar convites de casamento.

Soltou uma gargalhada forçada, embora sentisse desejos de sacudi-la. Era como se fosse uma menina e uma mulher de uma vez: dura e frágil ao mesmo tempo.

— Bom, me alegro que esteja saindo com alguém — disse em um tom mais paternal.

Dessa vez ela o olhou como se estivesse louco e mesmo Whit pensou que possivelmente estivesse. O que era certo era que estava mentindo. Não se alegrava que estivesse saindo com alguém. Custava-lhe aceitá-lo. Olhou-a nos olhos um momento e retornou mentalmente a aquela vez. Ele e ela, em sua cama. Recordou seu corpo, suave e escorregadio pelo suor, seus seios cheios, o escuro triângulo de pêlo. Fechou os olhos e afastou aquela imagem de sua cabeça antes que se convertesse uma vez mais em uma fantasia real.

— Está grávida?

— O que?

— Está grávida? — repetiu — Já sei que é pouco provável. Não houve coito como tal, mas te penetrei.

Sua intenção não foi expressar-se de forma tão asséptica, simplesmente saiu assim. Ela tampouco o pôs fácil, porque o olhou com seus enormes olhos verdes sem deixar entrever a mais mínima emoção.

— Não, não estou grávida — disse no mesmo tom direto e asséptico.

— Está segura?

— Estou segura — disse e, aquilo para ela colocava ponto final à conversa, levantou-se para partir. Mas ele a segurou pela mão.

— Porque se o estivesse, encontraríamos uma solução juntos.

—Seriamente? —olhou-o com um brilho de absoluta brincadeira nos olhos — Você me dá o dinheiro e eu vou a uma clínica, não? É assim como o solucionaríamos juntos, professor?

A razão de gostar daquela garota era exatamente a mesma pela qual a odiava nesse momento. Não era pretensiosa, não andava como consideração, não passava pelo aro das convenções sociais que mantinham ao mundo em certa ordem. Ela ia direto ao ponto sem importar quanto sangue derramava.

—O que quer de mim? Estou tentando fazer as coisas certas.

—Então, mantenha-se afastado de mim — soltou-se, entrou correndo no vestuário e então seu corpo reagiu começando a tremer.

Estaria grávida? Não queira que isso tivesse passado pela sua cabeça. Era certo que tinham parado, mas possivelmente Whit tivesse razão. Tampouco ela sabia muito dessas coisas. De repente, o pânico se apoderou de Kip. Recolheu suas coisas, encaminhou-se à farmácia de um centro comercial afastado do campus e comprou um teste de gravidez, um que garantia resultados instantâneos. Entrou no banheiro de senhoras de umas lojas de departamentos, seguiu as instruções e esperou fechada no diminuto cubículo, alheia ao ir e vir do resto das mulheres.

Foram os piores minutos de sua vida. Disse a si mesmo que Deus não permitiria que alguém incapaz de manter a um bebê ficasse grávida. O teste deu negativo. Deveria haver-se sentido aliviada, e, entretanto se sentiu aturdida e vazia. Saiu à rua caminhando como um autômato, com o olhar perdido. Foi atravessar a rua, como um autômato, com o olhar perdido. O tráfico era denso e um carro não pôde esquivar-se. Bateu em seu flanco e a lançou contra a calçada. Foi golpeada na cabeça, mas esteve consciente um segundo ou dois, o suficiente para ver às pessoas formar um grupo a seu redor e para sentir uma dor aguda na perna. Sua perna. Aquilo a devolveu à realidade e a fez esquecer-se de um bebê que nunca existiu.

“Minha perna!”, gritou em sua cabeça, e logo desmaiou.

Capítulo 6

Kip recuperou a consciência na sala de emergências do hospital local. Uma enfermeira estava lhe tirando a jaqueta do moletom e outra já tinha cortado a calça para descobrir a ferida. A dor era implacável.

—Minha perna? — perguntou com os dentes apertados, mas ninguém pareceu ouvi-la e voltou a desmaiar. Quando voltou a recuperar o sentido, havia dois médicos examinando-a. Estavam-lhe tocando o pé, mas não sentia seus dedos e os ouvia falar como em uma nebulosa.

—Leva sem irrigação sanguínea quase por duas horas — declarou o maior com voz grave— Não há nada a fazer.

—Poderíamos tentar a microcirurgia na artéria — propôs seu colega mais jovem— Não perde nada.

—Seu tempo e o dinheiro do hospital. Enfrente aos fatos. O pé é irrecuperável. Sugiro que chame a sala de cirurgia e que fique assim, Dr. Shutkever.

—Sim, Dr. Paul.

Os termos médicos não diziam nada a Kip. Só entendeu uma frase: “O pé é irrecuperável”. Viu o doutor mais veterano sair da sala após ter dado seu veredicto... Acabava de sentenciá-la a morte. Quis gritar, mas de sua boca só saiu um sussurro.

—Doutor... —suficiente para chamar a atenção do médico mais jovem.

—Teve um acidente, mas ficará bem. Levaremos-la a sala de cirurgia e lhe arrumaremos a perna.

—Não, o pé não. Não podem... o pé não.

O médico se deu conta de que os ouviu e tentou lhe explicar o que se passou em termos médicos: fraturou o final da morna e o perônio, torceu o pé em um ângulo muito forçado e a pressão sobre a artéria impediu a irrigação até o pé, provocando uma disfunção total.

—Não podem... —tentou levantar-se, mas uma dor intensa a obrigou a recostar-se de novo— Por favor.

—Sinto muito, não podemos fazer nada mais — disse enquanto as lágrimas corriam silenciosas, pelo rosto de Kip — Enfermeira ponha dez miligramas de morfina.

Durante as horas que seguiram, Kip esteve consciente em intervalos, mas nada tinha sentido. De repente, estava de novo em uma ambulância a caminho do hospital. Logo via outra vez médicos ao seu redor, mas seus rostos eram diferentes. Logo tetos e luzes, ao ser conduzida à sala de cirurgia e, finalmente, a enfermeira que a devolvia aos braços da morfina cada vez que a dor se fazia insuportável.

Foi ao amanhecer do dia seguinte quando despertou de tudo e se encontrou na cama de um hospital. Estava isolada de sua companheira de quarto por meio de uma cortina. Doíam horrores a perna, sobretudo o pé. Somente que era impossível, porque já não tinha pé. Era o único do que se lembrava com nitidez. O amputaram e em seu lugar deixaram um pedaço de gesso. Notava ao roçar com a outra perna. Permaneceu ali estendida, sem queixar da dor que sentia na perna, porque não era comparável à devastação que sentia na alma. Sua vida estava acabada.

Era estranho, vê-la ali tombada em uma cama de hospital. Whit estava acostumado a vê-la em movimento, sempre correndo de um lugar para outro. Kip não percebeu sua presença. Estava virada com o rosto para parede. Ele fechou a cortina depois de saudar com a cabeça a ocupante da outra cama. Kip permanecia inerte e por um momento acreditou que ela estava dormindo, mas tinha os olhos abertos, olhando ao vazio.

— Kip — disse brandamente.

Milhares de emoções diferentes passaram por seu rosto antes de recuperar aquela expressão de ressentimento. Não se alegrava em vê-lo.

— O que está fazendo aqui?

— As enfermeiras me disseram que já tinha despertado, e decidi vir verte. Como se sente?

— Genial! Não estou grávida, assim deixa de preocupar-se.

— O que?

— Fiz um teste e deu negativo. Estava em minha bolsa, mas não sei onde o puseram.

— Quando fez o teste? Antes do acidente, não é?

— Qual a diferença? Não há bebê, assim não venha aqui fingindo interesse.

— Não estou fingindo e não vim pelo bebê. Já me havia dito que não existia, recorda?

— Então, por quê?

— E eu o que sei! — exclamou fora de si.

Sabia que ela não teria aceitado sua ajuda se estivesse em posição de escolher, mas foi seu pai quem a convenceu. No dia anterior, um médico chamou ao Alex Delaney, em sua casa. Pelo visto, o seu era o único endereço que encontraram na bolsa de Kip. O velho professor contou tudo para seu filho e este atuou em consequência. Fez todo o possível para ajudá-la sem esperar que lhe agradecesse por isso.

— Não preciso de sua compaixão.

— Não, claro que não precisa — perdeu a paciência — Com o que aflige a ti mesma já tem o bastante. Feriste-te uma perna, mas não é o fim do mundo. Há inclusive uma leve possibilidade de que volte a correr.

Olhou-o desconcertada e se virou para a parede quando as lágrimas apareceram em seus olhos. Whit conhecia muitas mulheres que utilizavam as lágrimas como arma, mas Kip não era uma delas. Rodeou a cama e tomou seu rosto entre as mãos antes que pudesse lhe dar as costas de novo. Uma lágrima se deslizava por seu rosto. A limpou com o dedo, mas logo seguiu outra e logo outra, até que fechou os olhos para escondê-las dele.

— Olhe Kip, entendo...

— Não, não o entende! Perdi um pé. Diga-me como vou poder correr professor!

— Kip, me escute. Falaste com algum médico?

Kip negou com a cabeça e o olhou confundida quando o viu levantar o lençol do extremo da cama.

— Sente algo? — perguntou tocando o pé.

— Não... Sim — sentia um pequeno comichão em meio de toda a dor que lhe produzia a perna.

— É seu dedo gordo, que conforme parece segue unido a seu pé, que presumivelmente segue unido a sua perna, escondida em algum lugar debaixo deste gesso.

— É impossível. Ouvi como um médico dizia que teriam que amputar o pé.

— Em um primeiro momento pensaram que teriam que fazê-lo, mas um dos médicos mais jovens pensou que se conseguissem um microcirurgião especializado em traumatologia possivelmente houvesse uma solução. Por isso te trouxeram aqui.

— Onde é aqui?

— O Boston Heights.

— Em Boston?

— Claro — sorriu ante a pergunta.

Kip ligou os fios e entendeu a segunda ambulância e as caras novas dos médicos, e sorriu. Era como ter tornado a nascer. Entretanto, Whit não quis te dar falsas esperanças e preferiu ser sincero.

— Falei com o especialista esta manhã. Acredita que a operação foi um êxito, mas não pode garantir uma recuperação absoluta.

— Ou seja, que não poderei voltar a correr a nível competitivo. Então, acabou-se.

—O especialista não o descartou de tudo. Tirará o gesso em umas sete semanas e depois terá sessões intensivas de fisioterapia. Quem sabe qual será o prognóstico?

— Isso custa dinheiro e eu não tenho seguro médico.

Whit sabia perfeitamente. Por não ter o seguro esteve a ponto de perder o pé. Se aquele jovem médico não tivesse entrado em contato com eles, não teria passado do hospital de Radford.

— A universidade tem cobertura para os atletas machucados — acabava de inventar, mas soou convincente.

— Os que se machuquem na pista, suponho.

— Não, qualquer lesão — seguiu mentindo — Pergunte a seu treinador — viu como lhe iluminava o rosto ao recuperar esse sonho que acreditava perdido e Whit rezou para que Kip encontrasse outra meta na vida para dirigir toda sua energia no caso de seu pé ficar debilitado para sempre — Bom, por enquanto vais ter que aprender a levar as coisas com calma. Ainda ficará muitos dias no hospital e logo, terá que andar com muletas.

— Sam. Alguém disse ao Sam?

— Sam?

— O dono da pizzeria, meu chefe. Estará-se perguntando por que não apareci.

— Não se preocupe, falarei com ele. Você te concentre em recuperar logo. Além disso, parece cansada, assim irei e voltarei amanhã.

— Não, não faz falta. Já tem feito o bastante.

— Claro, preferiria muito mais Genghis Khan em pessoa que a mim.

— Suponho que tenho que te agradecer.

— Não especialmente — gratidão não era o que queria daquela moça — Quer que chame alguém? Acredito que tem uma tia no Leeds.

— Não, a ela não.

— Certo, certo. Outra coisa; meu pai gostaria de vir verte, importa-te?

Kip assentiu. Alex Delaney não era nenhum perigo. O único que a incomodava era Whit. Ele levantou e sentiu o impulso de lhe agarrar a mão e apertar-lhe brevemente. Era um adeus. Kip se sentiu trêmula, logo sentiu calor e logo frio enquanto o via partir. Não voltaria de novo.

Mas seu pai sim veio. Apesar da distância, Alex Delaney ia visitá-la quase diariamente. Kip ficava preocupada, com sua saúde, mas ele apaziguava seus medos dizendo que a viagem de trem era muito confortável. Trazia livros para que lesse e estudasse e seguiam com suas aulas no hospital. Para Kip, poder ler e entender tudo era como ter estado cega e, de repente, descobrir a luz e devorava os livros com o ardor de uma conversa.

—Whit não vai acreditar! — declarou o professor depois de ler uma crítica que Kip escreveu sobre uma novela. Kip franziu o cenho. Não tinha visto Whit Delaney desde sua primeira visita, fazia dez dias. Havia dito que não voltasse, assim era ridículo sentir-se abandonada. E, entretanto, assim é como se sentia — Acredito que já lhe darão alta.

—Na sexta-feira.

—E o que vais fazer?

—Ainda não o pensei.

—Bom. Whit vai falar com você, mas não vejo nenhum inconveniente em perguntar isso eu... Você gostaria de mudar para nossa casa enquanto te recupera?

—A sua casa?

—Sim, há muitos lugares e todos nós gostaríamos.

—Incluindo o Whi... ao professor Delaney? —Kip não podia acreditar que Whitman a quisesse em sua casa.

—Foi idéia dele. E Abby também está encantada. A senhora Novak te preparou um quarto no térreo; é na parte traseira da casa e dá para o jardim, para que possa ter um pouco de intimidade. Whit disse que era importante para você.

Quando o velho professor partiu. Kip ainda não acreditava e tentava adivinhar os motivos que teriam levado a Whit Delaney a fazer aqueles planos. Mas não teve que esquentar a cabeça muito tempo porque naquela mesma tarde Whit foi vê-la.

—Tem melhor aparência. Engordou um pouco.

—Obrigado... pensou alguma vez em se dedicar à diplomacia?

—Não disse como um insulto. Antes estava muito fraca — logo suavizou o tom de voz — Tenho notícias sobre seu apartamento. Seu chefe diz que sente, mas...

—Livrou-se de mim.

—Mais ou menos. Deixará você ficar ali até o fim do ano, mas logo o prometeu à nova garçonete. Bom, o que pensa fazer?

O que fazer? Jogar-se em seus braços e apelar para sua caridade? Ou a oferta de ficar com eles era realmente idéia de seu pai e ele estava procurando uma escapatória?

—Decidi ir para casa.

—Para casa? Na Inglaterra?

—Sim, com minha tia do Leeds — voltou a usar a sua tia de desculpa.

—Sei, a mesma tia a que não quer chamar nem sequer para contar que foi atropelada por um carro.

—Não queria preocupá-la.

— Não acredito. Venha, dei-me seu telefone e a chamarei agora mesmo. Dir-lhe-ei que irá para casa no Natal... E, terá que ir te buscar no aeroporto.

— Poderei ir sozinha.

— Em cadeira de rodas? Ou com muletas e carregada com uma mala?

— Tomarei um táxi.

— Claro, um táxi. Do Heathrow a Leeds, não é? O que são... trezentos, quatrocentos quilômetros? Sim que é uma estupenda corrida para um taxista de Londres... Por certo, Sam disse que não se preocupe pelo aluguel, que o descontará de seu último cheque.

Kip o olhou com cara de profundo ódio. Ele sabia tudo. Sabia que não tinha trabalho, nem apartamento, nem dinheiro para comprar um bilhete de avião.

— Certo, não se preocupe, não irei a casa com você!

— E quem está te convidando?

— Seu pai. Esteve aqui antes.

— Merda!

— Já disse que não tem por que preocupar-se. Antes preferiria dormir em um albergue que me instalar em sua casa.

— Que eu saiba não é minha casa, a não ser de meu pai, e que o albergue mais próximo tem cinco andares e não há elevador — à medida que falava, mais feria — Vejo que atirou a toalha; pendurou as sapatilhas e desistiu de sua última corrida, não é?

— Não disse isso — respondeu zangada.

— Ah não? Pois eu supus que te tinha dado por vencida. Enfim, se deixar a universidade, perderá a bolsa e o direito a usar as instalações esportivas. Claro que se estiver tão segura de que não poderá se recuperar desta lesão...

— Eu não disse nada disso — o interrompeu furiosa.

— Não, tão explicitamente não; mas, de que outro modo vai poder seguir em Radford e continuar com seus estudos a não ser ficando na casa de meu pai?

— É impossível você querer que eu vá.

— Mais uma razão para que você, sim, queira fazê-lo, não? — replicou e, sem dar pé a mais discussão, levantou-se — Virei pegá-la na sexta-feira.

Kip o viu partir com sentimentos confusos. Sabia que deveria estar agradecida, mas só o que sentia era ressentimento. Era a primeira vez em muitos anos que tinha que depender de outra pessoa, e o fato de que essa pessoa fosse Whit Delaney era mais difícil.

Lembrou-se de seu pai. A última vez que o viu também foi em um hospital. Recordou-o em uma foto de jovem, quando estava no mais alto de sua carreira esportiva, medalha de prata nos Jogos da Commonwealth. Mas logo veio a lesão e

com ela se esfumaram seus sonhos olímpicos e seus momentos de glória. Por sorte, conheceu a mãe de Kip, uma jovem promessa de dezenove anos com um futuro promissor, e ficou a treiná-la, conseguindo que chegasse a ser medalha de bronze nos Mundiais de Atletismo. Casaram-se e, depois de um ano e do bebê, fixaram seu objetivo nas Olimpíadas. Nada podia pará-los... Nada salvo o câncer que a roeu por dentro até acabar com sua vida.

No leito de morte, seu pai fez Kip prometer que seguiria correndo e ganharia todas essas medalhas que foram negadas a ele e a sua mãe. E ela o prometeu.

Não tinha escolha. Com a perna engessada e as muletas, não poderia trabalhar. Sem trabalho, não haveria dinheiro e não poderia pagar um aluguel. Se queria seguir nos Estados Unidos e lutar por sua recuperação, necessitava aos Delaney. Era duro de aceitar, mas tentou demonstrar agradecimento quando Whit veio pegá-la na sexta-feira. Cada vez que ele a ajudava, dizia obrigado, mas era enervante porque odiava ter que precisar de ajuda. Ele deve ter notado.

— Ouça, poderíamos prescindir desses obrigados forçados? — disse ao estacionar na Avenida Washington — Não faço isto por gratidão.

— Então, por quê? — Kip deixou de fingir.

— Culpa, suponho — ele também deixou os formalismos — Tirei de você algo que não devia e não posso devolver isso, assim imagino que isto é minha penitência.

Levou alguns segundos para dar-se conta do que se referia. Sua virgindade. Não recordava havê-la defendido com muito afinco; provavelmente ele a valorasse mais que ela. A voz do Whit pareceu sincera.

— Jamais direi a ninguém.

— Não se trata disso. Não pretendo te silenciar.

— Sei. Não tem por que fazer tudo isto. Não me deve nada. Eu... queria-o — admitiu em um arrebatamento de sinceridade.

— O que queria? — olhou-a fixamente nos olhos e ela baixou o olhar — Não, não é certo. Sentia-se sozinha ou estava confundida ou foi pura curiosidade, mas não o queria... Não o que eu entendo por querer, em qualquer caso. Bom, venha — saiu do carro, aproximou-se para abrir a porta e levantou a perna engessada para colocá-la no chão — Como vamos fazê-lo?

— Poderia me passar às muletas.

— Sim, e logo o que? — disse olhando às escadas da entrada — Olhe, amanhã poderá voltar a ser Dona Independente se quiser, mas por hoje não vamos complicar a vida.

Embora soubesse que para Kip não tinha graça, abriu o porta-malas e tirou uma cadeira de rodas dobradiça. Tomou-a nos braços e a passou do carro à cadeira brandamente. Logo, em vez de dirigir-se à entrada principal, rodeou a casa e entrou

por um caminho na parte detrás o bastante largo para que passasse uma cadeira de rodas. Certo que não havia escada, mas o caminho estava escorregadio pela geada e demoraram cinco minutos para chegar à porta traseira, que dava diretamente à cozinha.

Alice Novak estava fazendo um bolo. Surpreendeu-se com a simpatia e amabilidade com que a recebeu a governanta, tirando Whit do meio do caminho para que pudesse conduzi-la até o quarto que tinha preparado. Estava ao lado da cozinha, provavelmente desenhada em princípio como quarto para a empregada. Mas a senhora Novak nunca o ocupou. Estava decorado em tons bege e desprendia um aroma de pintura fresca. Alice Novak confirmou que o pintaram recentemente.

—Os homens queriam pintar de rosa, mas não me parecia que o rosa fosse sua cor.

—Não é — lhe fez um nó na garganta ao pensar que o decoraram especialmente para ela. Era a primeira vez que alguém o fazia — eu adoro.

—Não está mau. O meu sobrinho o fez. Agora com o Natal era impossível encontrar alguém. O que me recorda que o professor te pede desculpas por não estar aqui para te receber. Tinha prometido ao reverendo Maloney ir ao concerto de canções de natal da paróquia.

Canções de natal. Natal. Só faltavam quatro dias para o dia vinte e cinco e aquilo a angustiava. O que ia fazer ela em um dia que era eminentemente familiar? Não queria ser uma intrusa.

—Senhora Novak... O Natal... Seria possível conseguir um táxi para o dia vinte e cinco?

—Um táxi? — olhou-a como se estivesse louca — Para que quer um táxi no dia de Natal? Ah, já entendo! Seu namorado, não? Quando eu era jovem também tive um amor apaixonado.

—Não. É que... bom, o vinte e cinco é para passar em família e se ficar aqui não faria nada a não ser interferir... Pensei em passar o dia em meu apartamento, recolhendo minhas coisas.

—Você passar sozinha o Natal? — Alice estava horrorizada. Kip deu de ombros. Não seria a primeira vez que o passava sozinha.

—Eu não celebro o Natal.

—É judia — não o era. Em realidade não era nada, mas resultava mais fácil não contradizer a empregada — Bom, suponho que ao professor não importa que seja judia. Seguirá gostando que sentasse à mesa com todos, no dia vinte e cinco. Além disso, não será só a família. Eu também estarei — Alice sorriu e logo seguiu dando conselhos práticos — O banheiro está justo ao final do corredor. Se precisar de ajuda, me chame.

— Obrigado, mas quando tiver minhas muletas poderei me arrumar — Parece que já chegaram — disse ao ver que Whit trazia as muletas e equipamentos.

— Que tal a senhora Novak? — perguntou quando ela saiu.

— Bem. Tentarei não ser um estorvo.

— Não referia a isso. Parece que as duas estavam de confidências.

— Não. Estava-me contando sobre sua vida amorosa.

— Sua o que? Grande provocação para a imaginação... Alice Novak com um namorado.

— Ela também foi jovem.

— E não fomos todos? — riu de si mesmo — É, mas, alguns ainda o são... Vinte e um, não?

— Vinte e dois. Meu aniversário foi há alguns dias.

— Não disse nada.

— Não celebro os aniversários — declarou — De fato, tampouco celebro o Natal, assim se não importa, ficarei no quarto nesse dia.

— Pessoalmente, preferiria que o Natal fosse como as Olimpíadas, a cada quatro anos; mas, desgraçadamente, a minha filha, que pensa que o Natal é o dia mais maravilhoso do ano e, por alguma razão, considera que você deve por a cereja no bolo, se importaria. E meu pai também se importaria: ofereceu-te sua casa e se sentiria profundamente doído se não se sentar a sua mesa para celebrar o Natal com ele... Mas, depende de ti.

Tal e como o tinha exposto, não tinha alternativa. Olhou-o com a cara maliciosa e ele sorriu pressentindo sua vitória.

— Vá — murmurou Kip.

— Em seguida. Se precisar de ajuda com a muleta me chame.

— Saberei fazê-lo.

— Está bem, grita se precisar de ajuda.

“Antes morrer que lhe pedir ajuda”, pensou Kip. Entretanto, seu orgulho não impediu que caísse ao chão ao tentar passar da cadeira de rodas para as muletas e tampouco impediu que rompesse a chorar de raiva e frustração ao não poder levantar do chão. Não precisou chamar Whit. Este ouviu o ruído e ao entrar no quarto a viu caída no chão, com o rosto alagado de lágrimas.

— Queria ir ao banheiro — disse com voz humilde, irreconhecível nela.

— Está bem — a ajudou a levantar e a chegar até o banheiro. Ali, sentou-a em uma banqueta junto ao sanitário e esperou que o chamasse uma vez tivesse terminado. Logo, voltou para levá-la para o quarto. O incidente representou para ela uma enorme tensão, tanto física como emocional.

— Deita e dorme um pouco — a cobriu com uma colcha e fechou as cortinas.

Kip não protestou e dormiu. Dormiu doze horas seguidas e quando despertou, Whit estava sentado ao lado da cama, olhando-a. Sorriu e ela devolveu o sorriso. Logo, sem dizer nada, levantou-se, acariciou-lhe a mão e partiu.

Kip se sentiu como a princesa do conto de fadas, resgatada pelo príncipe azul. Só que o feitiço não foi provocado por nenhuma bruxa malvada, a não ser pelo próprio príncipe, e quando quis dar conta já era muito tarde.

Capítulo 7

Kip nunca tinha sentido ciúmes e se surpreendeu consigo mesma. Olhou em volta de onde estavam Whit e Faye Gilbert rindo durante a festa de Ano Novo que todos os anos Alex Delaney oferecia, e sentiu um nó no estômago.

— Faye era a namorada de meu pai quando vivíamos em Nova Iorque — disse Abby ao perceber seu olhar — Tampouco eu gosto.

— Eu não a conheço — respondeu tentando ocultar seus sentimentos.

— Me acredite, você não gostaria de conhecê-la.

— O que tem de mau?

— Pois... tudo.

Nos poucos dias que levavam juntas, Kip aprendeu a filtrar os comentários da menina e entendia que o carinho que lhe dedicou de repente, não a deixando nem de dia nem a noite, era porque se sentia sozinha. Reconhecia os sintomas de sua própria infância.

— Por que não vais brincar com as outras crianças? — considerava que não ficava bem que Abby passasse toda a festa em um canto com ela.

— Não quero. Riem de mim.

— Por quê?

— Não sei — porque era diferente, pensou Kip. Abby era uma mescla de inteligência e excentricidade e lhe resultava estimulante, mas seguro que as outras crianças não viam assim — Posso ficar com você?

— É obvio. Mas não quero que se sinta na obrigação de cuidar de mim.

— Então fico. Não ficaria bem te deixar sozinha, porque não conhece ninguém.

Abby se juntou a ela na poltrona que estavam compartilhando e nessa posição seguiam quando Whit as viu do outro lado da sala. Sorriu enternecido e logo perguntou se seria boa idéia deixar que Abby se afeioasse tanto a Kip. Deixou a Faye falando com outro dos convidados e aproximou-se delas.

— Posso te oferecer algo para beber?

— Eu tomarei vinho branco — disse Abby.

— Certo, limonada para você. E você Kipling? Temos o ponche especial Novak, uma bebida letal, asseguro-lhe isso, ou vai vinho branco.

— Não tomo álcool.

— Kip é uma atleta e seu corpo é sagrado — interveio Abby.

— Seriamente? Pois não serei eu quem a profanará — Kip se ruborizou recordando a vez que estiveram juntos em seu apartamento — Trago-te algo de comer então?

— Não tenho fome.

— Kip tem que tomar cuidado com o que come. Não como a senhorita Gilbert, que pode ficar tão gorda como queira. Kip tem que manter-se em forma.

— Abby, recorda o que te disse antes sobre Faye?

— Ah... sim.

— Pois, por favor, tente - e agachou e beijou a sua filha no rosto — Vou pegar sua limonada... E outra para você, Kipling.

— Pediu-me que fosse amável com a senhorita Gilbert — admitiu Abby com remorsos — Prometi que o faria, mas logo me esqueci. Você crê que está apaixonado por ela?

— Eu não entendo dessas coisas.

— Poderia está-lo. Acredito que ela sim está apaixonada por ele. Por isso está todo o tempo tentando ser amável comigo. Sabe que meu pai não a aceitaria se fosse má comigo, mas acredito que no fundo ela não gosta de mim.

— Isso não pode assegurar — pelo que vi, Faye Gilbert era uma mulher atrativa e inteligente que se mostrou muito carinhosa com a menina, e, embora pensasse que seu encanto e sua beleza eram artificiais, não era ninguém para pôr à menina contra a senhorita Gilbert se Whit Delaney tinha um relacionamento sério com ela. Abby teria que aprender a se dar bem com aquela mulher — Acredito que deveria lhe dar uma oportunidade.

— por quê?

— Porque é o melhor que pode fazer.

— O que é o melhor que pode fazer? — Whit estava de pé frente a elas com os copos na mão.

— Nada — responderam de uma vez.

— Soa a conspiração.

— O que significa conspiração? — perguntou Abby.

— Cons-pi-ra-ção. Significa que Kipling e você estão planejando algo em segredo — o silêncio de ambas era revelador — É certo. Já tirei o cinto de sete caudas mais tarde.

Kip viu como se reunia com Faye e a agarrava pela cintura. Os ciúmes era uma dor física em algum ponto entre as costelas e o coração, que a fizeram ir coxeando até seu quarto assim que Abby foi para cama. A festa continuou umas horas mais e logo a casa foi ficando pouco a pouco silenciosa. Ao contrário de outras noites, não ouvia Whit perambular pela casa quando todos já se deitaram, e supôs que estaria com Faye.

Não tinha sono, assim decidiu ir a cozinha e tomar algo, vestida como estava com a camiseta que utilizava para dormir. Preparou um chocolate quente e sentou em uma cadeira alta, junto ao balcão. Viver na casa dos Delaney resultou ser mais

fácil do que tinha imaginado, exceto pelo único membro da família que não aceitava sua presença ali: Whit. Foi ele quem tinha insistido para que ficasse, mas não por gosto, mas sim como penitência. Nas poucas ocasiões em que se encontravam sozinhos, não lhe dirigia a palavra, mas sim se limitava a observá-la com gesto de preocupação, como se não quisesse que Kip interpretasse mal seus sentimentos por ela. Seria essa a razão pela que se apresentou com a Faye Gilbert?

Imaginou os dois num quarto de hotel onde a senhorita Gilbert se hospedava por alguns dias. Estariam dormindo... Não, seguro que dormindo não. Fechou os olhos. Aquele pensamento a colocava doente de ciúmes e também a assustava. Sempre se acreditou imune a esse tipo de emoções.

Quando abriu os olhos, levou outro susto ao ver uma figura negra atrás da porta da cozinha. Em um primeiro momento pensou que seria um ladrão, mas logo ouviu o som de uma chave dando a volta na fechadura. Era ele.

Sacudiu a neve do cabelo antes de fechar de novo o ferrolho e dar-se conta de que Kip estava ali, sentada na escuridão. Pareceu desconcertado um instante, mas recuperou-se em seguida e foi apoiar-se no balcão a seu lado.

—Me esperando acordada? Que interessante! —disse em um tom zombador que a tirou do silêncio.

—Claro que não! Nem mesmo sabia que você estava de volta!

—Por quê? Onde estaria então? —seu sorriso era ainda mais zombador. “Com a Faye Gilbert” é obvio, mas não ia dizer, por muito que a atraia aquele homem, não entraria em seu jogo. Fez gesto de agarrar as muletas para partir, mas ele as pôs fora de seu alcance — Não irás fazer cena, como de costume? Não mordo, sabe? Inclusive em situação de frustração sexual extrema, tenho por princípio não me aproveitar de uma mulher engessada.

—Não pretendia...

—Ah não? —arqueou as sobrancelhas, incrédulo — Arrepia-te como um gato cada vez que me aproximo. Às vezes penso que deveria saltar sobre ti, embora só para acabar com isso. Logo poderia me esbofetear ou me mandar ao inferno ou o que seja, mas pelo menos deixaria de me sentir como se tivesse lepra.

—Isso não é certo. Não imagino... Sei que foi uma coisa de um momento, você e eu. Não tem por que te defender de mim com suas ex-namoradas — acrescentou em um arrebatamento de cólera.

—De maneira que isso é o que estou fazendo? Parece-me que não entende muito de homens, não é?

—Nunca afirmei o contrário — replicou, e logo desejou haver mordido a língua, antes que os ciúmes a fizesse continuar — Imagino que Faye sim entende o bastante.

—Faye?

—Sua acompanhante dessa noite.

—Sim — entreceiro os olhos e a olhou— Se poderia dizer que Faye é experiente. Por isso gosto de mulheres como ela..

E não as mulheres, ou jovens, como Kip. Não estava dizendo nada novo, mas doía igualmente.

—Poderia me passar minhas muletas, por favor?

—Em seguida — entretanto, levantou-se e se sentou em uma cadeira a seu lado. Tomou sua mão e a manteve presa enquanto falava— Kipling vamos ter que chegar a um acordo sobre isto que há entre nós; se não, vamos fazer a nossa vida impossível. Pode que meu pai tenha boa aparência, mas seu médico insiste que ainda não volte para a universidade, o que significa que eu estarei por aqui pelo menos três ou quatro meses mais, no mínimo.

—Eu não ficarei tanto tempo. Tiram-me o gesso dentro de um mês.

—E depois o que? —olhou-a compassivo e isso era pior que a brincadeira.

—Seguirei com minha vida — respondeu soltando mão.

—Decidida a tentar o caminho à glória?

—O que tem que mau nisso?

—Nada, tendo em conta que isso não signifique excluir todo o resto — disse com um brilho de verdadeira preocupação nos olhos— Tem que haver algo mais na vida além do atletismo.

—Como o que?

—Não sei. Outros hobbies, seus estudos, os homens.

—Muito bem. Se isso for o que quer, deitarei-me com todos os homens da equipe de atletismo. Assim poderei reunir os treinamentos com minha vida social e você estará contente sabendo que me resgataste que uma existência estéril.

Whit Delaney nunca bateu em uma mulher, mas nesse momento ficou tentado. Aquela garota era impossível. Ele só tentava... sossegar sua consciência. Kip estava certa e isso era o que o tirava do sério: tinha a habilidade de ler o pensamento. Olhou-a atentamente, mas parecia totalmente indiferente. Possivelmente fosse ele o único que tinha problemas para esquecer aquela noite em seu apartamento.

—Como queira! —passou as muletas.

Kip ficou em pé sem muita dificuldade, mas logo perdeu o equilíbrio. Whit a segurou pela cintura antes que caísse ao chão, fazendo-a ruborizar-se ante o contato.

—Estou bem.

Manteve-a agarrada. Podia sentir a calidez de seu corpo sob a camiseta. Ela ainda tremia e o olhou com olhos de um verde opaco que se negavam a deixar transparecer seus sentimentos.

Whit não planejou, mas tampouco tentou controlá-lo. Queria beijá-la. Tinha que beijá-la e comprovar se da última vez tinha sido loucura ou um pouco mais real. Fundiu seus lábios com os dela antes que pudesse voltar o rosto. Ao princípio, Kip resistiu, mas ele seguiu beijando-a, levado por uma ânsia compulsiva e pela necessidade. Logo, foi igual recordava: seu sabor, seu aroma, seus gemidos, a respiração de ambos, cada vez mais entrecortada pela repentina grande onda de desejo.

Estreitou-a contra si e a sentou em seus joelhos, em uma cadeira baixa. Seguiu beijando-a, mas ela não resistia. Com uma mão a sujeitava em seu colo e com a outra começou a acariciá-la; o rosto, o pescoço, os seios cheios sob o fino tecido de algodão. Necessitava mais. Levantou-lhe a camiseta e lhe tocou as coxas, as costas e os delicados mamilos que se ergueram ao contato de seus dedos. Ela gemeu quando sentiu sua língua dentro da boca. Desejava possuí-la ali mesmo, no chão da cozinha. Desejava perder-se dentro de seu corpo. Mas a própria força de seu desejo o emocionou e o fez parar. Perdeu a cabeça. Tinha que parar, se não, nada poderia detê-lo.

Afastou sua boca da dela e a jogou de seus joelhos sem lembrar-se de sua perna. Ouviu-a queixar-se de dor e a segurou antes que caísse ao chão. Sentou-a com cuidado na cadeira. Estava toda pálida e trêmula.

— Está bem? — ela assentiu, mas não elevou a vista — Sinto. Não deveria haver feito. Não sei o que me aconteceu.

A desculpa soava patética inclusive a seus próprios ouvidos. Ela permaneceu em silêncio. O gesto de sua boca e seus olhos já dizia tudo. Estava zangada com ele e envergonhada de si mesmo.

Kip tentou convencer-se de que ele a forçou, mas sabia que não era certo. Ainda podia ouvir os batimentos acelerados de seu coração e o sabor de sua boca nos lábios. Ainda sentia o tato sensual de suas mãos sobre a pele e a promessa de prazer que seus dedos hábeis sugeriram. Soube que, uma vez mais, não foi ela quem se retirou.

— Não te basta uma mulher por noite?

— Não fiz amor com Faye, pelo menos não esta noite.

— Suponho que a respeita muito.

— Também respeito a ti.

— É uma merda! — apoiou-se na mesa para levantar-se, mas ele a agarrou pela mão, impedindo.

— Porque acredita que parei? Desejo-te. Entenda de uma vez.

Kip estava confusa. Como podia desejar a um homem e nem sequer estar segura de gostar dele? Não podia confiar em seus próprios sentimentos, e muito menos nos deles. Era muito mais fácil ser sua inimiga.

— O que acontece ela não deixou?

— Esqueça da Faye! Quem tem que aprender a viver juntos somos você e eu, embora só seja por meu pai. O que menos precisa é estressar-se.

— Crê que posso fazer dano a ele?

— Não, deliberadamente não, mas qualquer situação de tensão na casa o afetaria. Por isso precisamos nos dar uma trégua.

— Uma trégua?

— Eu prometo não voltar a te tocar e você deixa de me tratar como se tivesse a peste. O que me diz? Com o coração na mão: não voltarei a te tocar.

Kip acreditou. Estava convencida de que realmente estava arrependido de tê-la tocado pela segunda vez.

— Certo.

— Bem — segurou sua mão um segundo e logo a soltou.

Kip se deu conta de que tudo terminou. Então, por que em vez de sentir-se aliviada se sentia como se, uma vez mais, acabasse de fechar outra porta?

— Está bem? — perguntou ao ver seu gesto sombrio.

— Dói-me o tornozelo — se concentrou na dor física.

— Trarei os remédio — foi ao quarto de Kip e voltou com o analgésico. O deu com um copo de água e logo aproximou as muletas — Ajudo-te?

— Não, obrigado — se levantou e coxeou para a porta.

— Boa noite, Kip.

— Boa noite — repetiu sem voltar-se, e se meteu no seu quarto de onde desejou nunca ter saído.

Capítulo 8

Se a trégua tivesse dependido de Kip, nunca a teriam alcançado. Seguiu mal-humorada e arisca com Whit, lhe respondendo com monossílabos ou guardando silêncio. Ele suportava tudo heroicamente, sem perder os estribos, e a tratava como a uma menina, que tinha que perdoar suas raivas, porque nada eram a não ser reflexo do dano que lhe fizeram ao longo de sua vida. Uma menina necessitada de carinho mais que de castigos.

Kip se alegrou quando voltaram às aulas. Enquanto ele estava na universidade, ela ficava em casa estudando com o velho professor. O mau era que Stacey também reapareceu para cuidar de Abby. Abby protestou porque dizia que já não necessitavam da babá, que tinha Kip, mas seu pai respondeu que Kip não tinha a suficiente mobilidade para cuidar de um monstro de oito anos.

Stacey seguia comportando-se aos olhos do Whit como uma deliciosa boneca Barbie, mas é obvio que com Kip não esbanjava seus encantos.

— Disseram-me que ficaste parálitica para toda a vida.

— Isso é mentira! — gritou Abby a suas costas.

— Bom, sempre ficam as Paraolimpiadas. Poderia participar da corrida dos entrevados.

— Te cale! — gritou de novo Abby — Ou direi a meu pai.

— Adiante, não acreditará.

— Mas acreditará em Kip. Não é Kip?

— Deixa-o, Abby — duvidava que Whit acreditasse — Não importa.

— Uma postura muito razoável, Kip. De outro modo, me teria visto na obrigação de contar ao professor por que a pobre órfã decidiu jogar-se no meio do tráfico.

— O que quer dizer? — perguntou Abby.

— Stacey está brincando... Ouça Abby — disse pressentindo o que ia passar — poderia me trazer um copo de água da cozinha, por favor? Tenho uma sede horrível.

A Abby não fazia muita graça ter que deixar a conversa, mas sentia que tampouco podia ser descortês com Kip. Arrastou os pés para fora da sala e as deixou a sós.

— Bom, me diga. Por que me joguei no meio do tráfico?

— Vá como Dona Perfeita... Embora deixe de sê-lo quando contar ao professor toda a verdade. Verá, conheço um rapaz que estava ali o dia em que te atropelaram, justo detrás de ti. Viu tudo. De fato, recolheu suas coisas do chão. Canetas,

apontador, um livro, um pente... Um teste de gravidez — viu como empalidecia e sorriu satisfeita, mas Kip decidiu atuar com descaramento.

— E o que?

— Quem é o pai?

— Não estou grávida.

— Não, já não. Imagino que ir debaixo de um carro é uma maneira rápida e segura de abortar.

— Nunca estive grávida.

— Esperas que eu acredite nisso?

— Tanto faz o que acredita.

— Bom, possivelmente deveríamos ver se para o professor tanto faz, vivendo como vive em sua casa.

— Não há razão para que vá incomodá-lo com essa intriga — Kip lutava por não perder o controle — Lembre-te de que esteve doente.

— Não, não. Não falo do velho professor. A quem importa o que ele pensa? Refiro ao Whitman. Não acredito que goste que sua preciosa princesita se relacione com uma ninfomaníaca sem escrúpulos.

— Nesse caso, talvez devesse ir pensando em te despedir.

— O que? Não estava falando de mim!

— Ah não?

— Sabe de sobra que não. Já veremos quem ri por último quando o contar ao professor.

— Adiante, conta — disse com absoluta indiferença.

— Me contar o que? — uma terceira voz chegou da porta. Whit entrou, com o copo de água na mão.

— Ai professor! — Stacey pôs voz lacrimosa — Não é que eu não queria dizer nada, mas correm rumores pela universidade...

— Rumores? — olhou a Kip, que rapidamente negou com a cabeça antes que pudesse forjar uma idéia equivocada.

— Sobre o acidente de Kip e o que o causou; bom, sobre... — deixou a frase pendurando como se a delicadeza a impedisse de seguir falando.

— Sobre mim? — sugeriu Whit.

Stacey o olhou desconcertada e Kip lhe lançou um olhar cúmplice.

— Sobre se deveria deixar ou não que Abby se aproxime — interveio Kip com brilhantismo — Verá, a Sherlock Holmes aqui descobriu que fiz um teste de gravidez antes do acidente e opina que me atirei debaixo de um carro para evitar as conseqüências. Evidentemente, isso é puro lixo. Não estava grávida, e se o tivesse estado, o rapaz e eu o teríamos solucionado juntos.

—Que menino? — perguntou Stacey.

—Nenhum em especial — olhou ao Whit de soslaio — Um que conheci em um encontro de atletismo faz algum tempo.

—Não faz falta que siga — disse Whit — Nada de tudo isto incumbe a Stacey.

—Só tentava proteger a Abby das más influências.

—Ter relações sexuais fora do matrimônio são más influências? — arqueou as sobrancelhas em um gesto de gozação. Certo, pois isso inclui um amplo setor da população adulta. O que sugere? Que exija a todas as acompanhantes de minha filha um certificado demonstrando que é virgem intacta! Acredito que é assim como se diz em termos médicos.

—Professor! — Stacey estava escandalizada.

—Pessoalmente acredito que seria uma medida um tanto drástica, mas se você deseja se oferecer como voluntária para esse tipo de prova...

—Claro que não! Quero dizer... não é que tenha nada que ocultar. Eu não ando por aí fazendo teste de gravidez.

—É obvio. Estou seguro que você está muito por cima do vulgo a esse respeito. Embora, vejo que te incomoda a situação e isso me põe em um grande dilema. Fico com seus serviços e jogo a Kipling à rua, com gesso e tudo, ou não faço caso dos rumores, ofendo sua sensibilidade e aceito sua demissão, muito a meu pesar? Se o pusermos na balança, acredito que terá que ser este último.

—O que? — Stacey tentava seguir o curso dos acontecimentos, que evidentemente não estavam se desenvolvendo como ela tinha previsto.

—É obvio, recompensar-te-ei por ter ferido seus sentimentos — tirou o talão de cheques do bolso da jaqueta, preencheu um cheque e o entregou — Nem tenho que dizer que conto com sua discrição.

Stacey ficou vermelha de raiva, até que leu o valor do cheque; então desapareceu toda expressão de ira de seu rosto.

—Claro, eu não fofoco... E, sério, não tem por que me dar isto — acrescentou, recordando que sua nota de literatura dependia daquele homem.

—Já sei que não, mas não quero que haja remorsos por sua partida.

—Por minha parte não, professor.

—Bem — sorriu ligeiramente — Acompanho-te até a porta.

—Não faz falta, conheço o caminho — dirigiu a Kip um olhar assassino e partiu.

Em poucos segundos, ouviu-se o ruído da porta ao fechar-se.

— Bom, irei contar a Abby as últimas notícias — disse Whit — Está atrás de mim para desfazer-se de Stacey desde o primeiro dia.

—Não sentirá saudades — disse entre dentes, mas ele a ouviu.

— Me pareceu que estava bem.

— Não o duvido — Kip ficou a imitá-la, movendo as pestanas e pondo voz melosa — Ai professor, adoro a sua pequena. É tão amorosa que comeria ela viva.

— Admito que se passasse um pouco, mas dava a impressão de que realmente gostava de Abby.

— “gostar de” não é a palavra. Prova irritando-a, não pôr interesse, não tolerá-la...

— Por que não me disse isso antes?

— Ter-me-ia acreditado? — desafiou-o.

— Pois sim, teria acreditado. Sempre pensei que foi implacável com a verdade.

— Eu não gosto de disfarçar as coisas, se for isso o que quer dizer.

— Claro — sorriu ante seu gesto carrancudo.

— Onde está Stacey? — perguntou Abby, entrando na sala.

— Foi.

— Genial. Significa isso que agora Kip pode ser minha babá?

— Esquece. Kip ainda está convalescente.

Pois eu não quero outra babá. Posso cuidar de mim mesma. Como se Stacey fizesse algo... Passava todo o tempo pintando as unhas e vendo televisão.

— Levou você ao cinema algumas vezes — replicou seu pai.

— Sim, para poder dar uns amassos no seu noivo.

— Onde aprendeste esse vocabulário? — Whit a olhou consternado — E não me diga que foi em meus livros. Que me eletrocute o computador se me ocorresse escrever esse tipo de coisas.

— Uma menina de minha classe que se chama Binkie diz que sua mãe sempre está se amassando com o menino que corta a grama.

— Acredito que quanto antes mudarmos para nossa casa, melhor. Mas até então, vê se escolhe as suas amigas com mais cuidado.

— Não tenho amigas. Kip é a única e é um bom exemplo para mim, Não é Kip?

— A modéstia a impede de te responder — respondeu Whit ao ver que Kip permanecia em silêncio — Embora, certamente, sim parece ter um efeito apaziguador sobre ti. É uma pena que esteja descapacitada.

— A verdade é que ir pegá-la no colégio eu não poderia, mas poderia cuidar de ti quando retornas, se quiser.

— Isso! E poderia pagá-la, porque não tem dinheiro.

— Abby! — ambos a repreenderam ao unísono.

— Sinto-o — acrescentou Whit — Embora sim te pagarei por olhá-la algumas horas as tardes — insistiu.

— Está bem. Até que me tirem o gesso.

—E depois? —perguntou Abby.

—Logo possivelmente queira fugir o mais longe possível de todos aqueles que levem o sobrenome Delaney — sorriu.

Kip lhe devolveu um leve sorriso que ocultava seus verdadeiros pensamentos. Logo tirariam o gesso e já não haveria razão para seguir na Avenida Washington, e temia que chegasse esse dia. Foi um engano instalar-se na casa dos Delaney, porque já não podia imaginar viver sem eles. Não só por Abby ou o velho professor, mas também por aquele homem.

—Papai, melhor se nos dermos muito bem com ela, não quererá partir nunca.

—Melhor. E se isso não funciona, poderíamos fazê-la nossa prisioneira.

Kip se ruborizou ao dar-se conta de que estava flertando com ela, mas o acanhamento a impedia de responder.

—Como uma princesa em sua torre de marfim — interveio Abby — Teria que te deixar crescer muito o cabelo para que o príncipe pudesse te resgatar.

—Ah! Mas, e se for o príncipe que a capturou e simplesmente ela não se dá conta? — continuou Whit na mesma linha.

—O que você acredita Kip? — interpelou-a Abby.

—Acredito... Que os dois são igualmente bobos — esquivou-se da resposta — E sim, aceito ser sua babá, obrigado.

—Falaste como a perfeita babá inglesa: foi feita para o posto.

Kip se sentiu incomodada, mas satisfeita. Por fim poderia sentir-se útil na casa, embora duvidasse que fosse a pessoa mais indicada para cuidar de Abby. Não sabia muito sobre crianças de oito anos e tampouco estava em posição de correr atrás da menina se esta se comportava mal.

Por sorte, ao ter conseguido o que queria, Abby adotou a atitude de menina modelo, sobretudo quando seu pai estava presente. A Kip estava sendo difícil atuar com naturalidade quando Whit estava perto. Comportava-se de maneira educada, quase dócil, mas resistia a fazer algo que os situasse em uma posição mais amistosa e recordava a si mesmo que seguiam sendo professor e aluna. Ainda assim, doía que fizesse comentários sobre os trabalhos que ia entregando para sua disciplina. E não porque fossem negativos, a não ser justamente o contrário. Uma tarde Whit lhe entregou uma redação com um elogio e lhe disse que seus progressos eram espetaculares. Kip não sabia como reagir. Não estava acostumada às adulações e duvidava de que fossem sinceros. Whit e seu pai começaram a discutir a respeito de seu potencial e Kip se deu conta de que para eles não era mais que o coelhinho da índia de um projeto pedagógico. Ressentida, desculpou-se e foi à cozinha fazer café. Whit a alcançou minutos mais tarde.

—O que acontece, Kip?

O que podia dizer? Que não queria suas adulações nem sua condescendência? Que não desejava ser simplesmente uma mais de suas alunas? Que o que desejava era...? Pôs freio a seus pensamentos.

— Nada! — exclamou.

— Está bem? — havia uma nota de preocupação em sua voz.

— Sim! Não podia estar melhor. A sério... exceto por este maldito gesso que levo na perna.

— Não se preocupe — respondeu fazendo mais uma vez expressão de uma infinita paciência — Tirará isso semana que vem.

— E então tudo será cor de rosa, não?

— Não. Vai ser como começar do zero. Imagino que estará assustada.

— Assustada! Por que deveria estar assustada?

— Eu o estaria. Assustaria-me esse 25% de probabilidades.

— Pois a mim não. Não me derrubarei — replicou fazendo-se de dura.

Era a mesma dureza que adotou desde sua última visita ao hospital. Whit a levou a Boston de carro e entrou com ela na consulta. Pela primeira vez, o médico pôs todas as cartas sobre a mesa: havia uma probabilidade entre quatro de que o pé ficasse inutilizado e tivessem que amputá-lo. Whit tentou falar com ela no caminho de volta a casa, mas Kip virou para a janela negando-se a falar. Possivelmente ele tivesse visto as lágrimas que corriam pelo rosto, mas guardou um silêncio respeitoso.

— Chorar seria tão terrível? Às vezes desafogar-se é mais saudável que reprimir-se.

— Quando precisar dos serviços de um psicanalista roubarei um banco, obrigado.

— Em outras palavras, trate de seus assuntos — riu — Está bem. E quanto a sua redação, dizia-o a sério. É excelente.

— Obrigado. Nunca me tinham colocado um elogio.

— Não me agradeça. Outro professor colocou a nota. Eu li o trabalho e fiquei enormemente impressionado. Entretanto, não queria correr o risco de ser acusado de falta de objetividade, assim o dei a um colega que não tem nem idéia de seus antecedentes e o julgou apoiando-se meramente no que estava escrito.

— De verdade?

— O que pensou? Que coloquei essa nota por ser você?

— Ah... Não, não exatamente.

— Pois possivelmente o teria feito.

— Ah — surpreendeu sua honestidade e cometeu o engano de olhá-lo nos olhos. Manteve o olhar e em seus olhos se traduzia a compaixão que sentia por ela.

Kip sentiu um nó na garganta. Nunca ninguém teve tanto interesse nela. Possivelmente fosse por pena, mas era real e sincera, e então se deu conta do quanto irracional foi seu comportamento, julgando-o culpado de tudo e por tudo.

— Sinto muito.

— Sente-o? O que sente? — olhou-a sem entender.

Ela meneou a cabeça. Não podia explicá-lo, não como é devido.

— Fui uma completa cega! — admitiu sinceramente.

— Não, não o foste — disse em tom suave.

— Fui!

— Certo, certo. Se você diz.

— Sinto — murmurou de novo.

— Não faz mal — estava acostumado a suas mudanças de humor repentinos — boa noite, Kip.

— Boa noite, Whit — saiu de forma mais natural; era a primeira vez que o chamava por seu nome de batismo.

Whit se deteve em seco no batente da porta e se voltou para olhá-la. Ela parecia tão surpreendida como ele, mas foi o bastante sensato para não fazer nenhum comentário. Limitou-se a sorrir e partiu.

De repente, Kip abriu os olhos a aquilo que tinha estado desmentindo durante meses. Manteve Whit Delaney à distância, não por raiva ou desprezo, mas sim porque tinha medo; medo de que pudesse chegar a afeiçoar-se a ele.

Durante toda a semana seguinte comportou-se de maneira distante. Quando Whit insistiu em levá-la a Boston ao hospital, aceitou, pensando que uma vez estivesse instalada na cadeira de rodas iria...

— Obrigado por me trazer, mas eu achei que você não esperaria — disse ao ver que não tinha intenção de partir — Provavelmente terei que ficar aqui umas quantas horas.

— Tenho que ficar... Não é enfermeira? — inquiriu à mulher de meia idade que acabava de tomar os dados de Kip.

— É obvio — respondeu, devolvendo o mesmo sorriso cúmplice.

— Estarei bem, de verdade — assegurou Kip — Se tiverem que me reter para... — a palavra amputação lhe engasgava — Bom, se por acaso surgirem problemas, sempre podem te localizar na universidade.

— Já tomei o dia livre.

— Escuta, não necessito que fique — sentia que resultaria mais fácil enfrentar às más notícias ela sozinha. Com ele presente, estava segura de vir-se abaixo.

A enfermeira a olhou como se estivesse mal da cabeça e Kip também se arrependeu de suas palavras.

— Contra isso não posso discutir — virou e se foi.

Kip o viu afastar-se em silêncio, sentindo-se culpada. Por que seguia desprezando a amabilidade de Whit? Perguntou-se, embora evitasse dar uma resposta. Em troca, prometeu a si mesma que, acontecesse o que acontecesse, aprenderia a ser agradecida.

Foi uma manhã muito corrida. Primeiro o gesso, logo os raios X da perna e o tornozelo e, finalmente, o veredicto do cirurgião pouco antes do meio-dia.

Whit a encontrou na cama chorando como uma Madalena quando entrou no quarto. Sentou a seu lado e a abraçou. Ela quis evitar seu abraço, mas ele a estreitou contra si e Kip acabou desmoronando, muito fraca para lutar.

— Sinto muito. Não sabe quanto o sinto, pequena.

— Não, não o entende — soluçou contra seu ombro — Não vou perder o pé.

— Sei. Disse o médico — a embalou — Mas também me contou o resto.

O cirurgião se mostrou reservado, falando em termos de probabilidades, e era muito improvável que pudesse voltar a correr a nível competitivo.

Kip negou com a cabeça e tragou saliva, tentando encontrar as palavras para explicar-lhe. Não chorava porque sua corrida esportiva estivesse acabada. Chorava de alegria ao saber que ao menos voltaria a caminhar de novo.

— Não é o fim do mundo, Kip — continuou com doçura — É o bastante inteligente para fazer o que quiser.

— Não o entende. É que tinha tanto medo de...

— Sei, sei — repetiu, tentando acalmá-la. Seguiu abraçando-a e, por uma vez, Kip se permitiu o luxo de sentir a proximidade de outro ser humano. Assim os encontrou a enfermeira ao entrar no quarto; era a mesma da manhã e os olhou com um brilho de satisfação nos olhos — Pronta para ir para casa?

Kip assentiu em silêncio e, só mais tarde, no caminho de Radford, deu-se conta de que assim era justamente como se sentia. Estava indo para casa.

O fato de não ter perdido o pé foi o que deu forças a Kip para suportar o que seguiu. Durante a primeira semana, cada passo era uma agonia. Um táxi a recolhia diariamente para levá-la às sessões de fisioterapia, onde a submetiam a uma tabela de exercícios que às vezes chegavam a ser como uma tortura. Mas Kip agüentava tudo sem queixar-se, com a mente colocada em um único objetivo: caminhar sem claudicação.

A segunda semana foi Whit quem a esteve levando às sessões e esperava no ginásio enquanto ela fazia seus exercícios. Já não lhe saltavam as lágrimas quando apoiava a perna, mas em seu rosto se refletia o sofrimento.

— É necessário ser tão duro com ela? — perguntou diretamente ao fisioterapeuta ao final da sessão.

— Não, mas você tente freá-la — olhou a Kip de soslaio — Bom, tenho que ir. Até manhã, Kip.

— Adeus, Matt — sorriu.

— Por que tanta pressa? — perguntou-lhe Whit ao dar-se conta do que queria dizer o fisioterapeuta — Ainda persegue o ouro?

— Não, não é isso. É que... quero recuperar minha independência. Já abusei bastante da hospitalidade de seu pai.

— E isso quem o diz? Certamente meu pai não. Para ele é, citando literalmente, “um encanto de criatura”.

— Eu?

— Sim. Inclusive a senhora Novak se refere a ti como “essa doce menina”.

— Está inventando isso.

— Deus sabe que não. Só fica Abby, cuja devoção a você é incontestável.

Kip se precaveu de que ele não se incluiu na lista, e perguntou:

— E você?

— Eu? Bom, acredito poderei te agüentar mais alguns meses.

— Obrigado — disse sem rancor.

Já não estava segura do que sentia por aquele homem. Até o dia em que o conheceu, tinha vivido em seu próprio mundo, um lugar estéril onde não cabiam os sentimentos. Ele a tirou das sombras e por isso o odiou, por fazê-la vulnerável e destruir seu sistema de defesa ante a vida. Mas também cuidou dela como ninguém o tinha feito, e não importava se estava movido pela compaixão ou por um sentimento de culpa; qualquer outro a teria deixado sozinha.

— Em qualquer caso, tem que ficar na casa e salvar Abby da pouca sorte que tenho para escolher babás, governantas e mulheres em geral.

— Está bem — murmurou, surpreendida por sua sinceridade e perguntando-se se esse “mulheres em geral” incluía também a ela.

As semanas passaram rapidamente, e logo os meses. Kip se mantinha muito ocupada com a fisioterapia, os estudos e cuidando da menina. Depois de Semana Santa, retornou as suas aulas de informática na universidade, ao mesmo tempo continuava com suas aulas de literatura com o velho professor, podendo apresentar-se aos exames em junho como os outros estudantes. Para então, e contra todo prognóstico, já caminhava sem dificuldade. Começou a procurar trabalho para o verão com intenção de retornar à universidade no outono. Embora tivesse perdido a bolsa de atletismo, Radford lhe concedeu outra como estudante de intercâmbio.

— Intei-rei-me que está procurando trabalho — disse Whit uma tarde — Encontre algo?

— Sim... De garçone no Charlie'S.

—E te convém estar de pé tanto tempo?

—Matt me há dito que estou bem.

—Não de todo — ele também tinha falado com o fisioterapeuta — Diz que ainda tem o tornozelo um pouco fraco e que não deveria forçá-lo se quiser que cure os 100%.

—Preciso trabalhar.

—E arruinar toda possibilidade de te recuperar totalmente? Além disso, já tem um trabalho cuidando de Abby.

—Não por muito tempo. Entendi que retornam a Maine nas férias — o havia dito Alice Novak, que era o centro de informações na casa.

—Sim, levo um tempo querendo falar com você. A Abby terá que readaptar-se à vida de Maine durante o verão, antes de começar o colégio em setembro. Esperava que pudesse vir conosco... — Kip o olhou nos olhos e seu coração, começou a pulsar acelerado ao notar que ele a olhava com ternura — Seria de muita ajuda. Faz quase um ano que viemos para cá e levará um tempo para voltar a fazer amigos. É obvio, pagaria-te.

—É obvio — respondeu com dureza, voltando a pôr os pés na terra: necessitava-a pelo bem de Abby e não por mais nada.

—Não pretendia te insultar. Não queria que rechaçasse a oferta por questões econômicas.

—Pois... não sei.

—Os dois sairiam ganhando. Em Maine levamos uma vida muito simples. Você poderia descansar e se recuperar ao mesmo tempo; e eu poderia terminar a novela que tenho em mãos se tivesse alguém que cuidasse de Abby.

Soava bem. Tinha estado toda a manhã procurando trabalho e, depois de seis meses na casa dos Delaney, esqueceu quão duro era o mundo real. Queria realmente passar dias e as noites servindo a tipos mal educados e desagradáveis que se acreditam com o direito de te beliscar o traseiro?

—Já pensei. Irei a Maine — Whit se surpreendeu ante uma decisão tão repentina, mas logo sorriu satisfeito — Para cuidar de Abby.

—É obvio, porque não? Fiz uma promessa, recorda? Além disso, sempre me resultou complicado me insinuar a uma mulher com uma menina de oito anos revoando pela casa.

—Sinceramente, isso não me preocupa — disse em tom frio, apesar de ter ruborizado.

—Bem. Então estamos de acordo. Dentro de nove dias.

“Dentro de nove dias”, repetiu a si mesma, duvidando do compromisso que acabava de assumir.

Ao final, resultaram serem os melhores dias de sua vida. Maine era um paraíso terrestre, igual a casa. Elevava-se justo ao oceano Atlântico e, embora não fosse desmesuradamente grande, a Kip roubou a respiração com suas amplas janelas e terraços exteriores que davam ao mar.

Pelas manhãs, Abby e ela desciam à praia para procurar conchas ou nadar, ou tomavam o ônibus e iam até a localidade mais próxima tomar um sorvete. No meio do dia, Whit emergia de seu escritório depois de uma longa noite escrevendo e freqüentemente fazia a comida, porque Kip não sabia mais que alguns pratos singelos que aprendeu com a senhora Novak. Logo se foram os três juntos a navegar, a fazer esqui aquático ou a fazer a compra.

Aquele verão Kip se apaixonou. Não pelo homem, dizia-se a si mesmo, mas sim por sua casa, por sua forma de vida e do som, a cor e o aroma do oceano. Aquele verão aprendeu a ser feliz, sem esperar mais que cada novo amanhecer, e quis que aquilo durasse para sempre. Entretanto, nada dura para sempre.

Sem dar-se conta, chegou o dia em que Abby retornou ao colégio; em um mês ela também começaria a universidade. Whit pediu que ficasse umas semanas mais e Kip aceitou sem reticências. Embora Abby estivesse no colégio, havia suficientes coisas que fazer na casa para justificar o salário que seguia pagando-a e, em seus momentos livres, voltou a correr de novo. Não porque ainda pensasse em ganhar medalhas, mas sim por puro prazer e para fazer um pouco de exercício.

Mas, à medida que se aproximava o dia de sua partida, os ânimos de Kip foram decaindo. Estava assustada. Acostumou-se a viver com gente e em breve teria que voltar para sua vida solitária. Pouco a pouco foi distanciando-se dos Delaney. Pelas tardes, em vez de sentar-se com eles como tinha feito até então, ia correr. Aquilo alimentou as suspeitas de Whit de que voltava a obcecar-se com o atletismo, mas não lhe importava. Tinha que aprender a refazer sua vida... sem eles.

Uma noite, ao voltar de sua sessão de cooper pela praia, Whit a esperava sentado no terraço.

— Procurei-te para falar com você, mas tinha desaparecido.

— Já tinha acabado de lavar os pratos.

— Ao caralho com os pratos, Kip! Venha, sente-se e não se iguale à senhora Novak. Não está aqui como minha governanta, coisa muito normal por outro lado, porque com o desastre que é cozinhando e limpando, já te teria despedido.

— Adiante! Nada te impede disso! — exclamou doída, apesar de saber que tinha razão. Ele ficou olhando um bom momento, com expressão séria.

— De verdade está tão ansiosa por voltar para Radford? — levantou-se e se colocou de pé a seu lado — Porque se não o estiver, eu gostaria que ficasse.

— Ficar? — lhe secou a boca — Quanto tempo?

— Não sei. Um mês, um ano, toda a vida... Quem sabe quanto?

O que era que estava pedindo? A resposta lia em seus olhos, mas ela não quis vê-la.

— É pelo Abby...

— Não, quero que fique por mim.

— Eu não...

— Entende? É muito simples. De verdade quer que explique isso?

— Mas se não me há...

— Tocado? Prometi-o; mas se fica, precisarei que me tires do castigo. E não fará falta que deixe a universidade. Pode pedir transferência a Augusta. Já me informei — Kip o olhou emudecida e, animado porque ainda não o tinha esbofetado, Whit continuou — É obvio, teríamos que explicar a Abby. Não acredito que vá pôr objeções, mas é importante esclarecer a situação.

Falava de forma tão asséptica, que o estupor de Kip deu passo à frieza.

— Possivelmente você gostaria de esclarecer isso primeiro?

— Sinto muito. Não soube me expressar. Queria dizer que melhor seria se Abby o visse como um prelúdio de casamento, e não estaria bem lhe criar falsas esperanças.

Nem a Abby nem a ninguém, deduziu Kip. A mensagem chegou alto e claro.

— Tem razão. Eu nunca me casaria com você.

— Não, não me há ent... — calou-se ao dar-se conta de que sim entendeu perfeitamente o que tinha querido dizer — Suponho que merecia isso. Como bem diz, por que iria querer casar comigo?

— A menos que fosse por seu dinheiro — carregou contra ele.

— Sim, suponho que é uma de minhas qualidades mais atrativas — sorriu — Em qualquer caso, pense nisso.

— Ouça... — segurou-o pelo braço antes que entrasse na casa...

— Sim? — voltou-se para ela.

— Nada. Isto é absurdo.

— O que? Que tenha perguntado isso desta maneira ou que tenha perguntado isso, pronto?

— Não sei. Ambas as coisas, suponho.

— Ajudaria a esclarecer as coisas se te beijasse? Isso demonstraria meus sentimentos para você — a olhou nos olhos e lhe retirou o cabelo do rosto, fazendo que lhe desse um tombo no coração.

— Não, por favor! — disse com voz trêmula.

— Não o diz a sério — lhe acariciou o rosto — Venha viver comigo — a beijou na fronte e Kip começou a tremer. Moveu a cabeça como negando seus próprios

sentimentos, e esse pequeno gesto a salvou. Atento a sua promessa, Whit reprimiu seu instinto carnal e se separou dela — Está bem.

—Eu... —Kip sentiu uma pontada aguda em seu interior e quis lançar-se a seus braços. Ele leu o desejo em seus olhos, mas não queria tê-la simplesmente uma noite aproveitando-se de que tinha baixado a guarda.

—Será melhor que entre.

O tom frio de sua voz a devolveu à realidade e correu fugindo dele, mas não pôde fugir dos sentimentos que reavivou em seu interior. Repetiu-se a si mesmo que era absurdo; que ele era muito rico, inteligente e amadurecido para estar interessado em um dom ninguém como ela. Disse-se que não era de Whit Delaney que estava apaixonada, mas sim da casa, de Abby e do fato de formar parte de uma família pela primeira vez em sua vida.

Entretanto, o sentido comum não bastava para trocar seus sentimentos: nunca desejou nada com tanta força como ficar e viver com ele.

Capítulo 9

No dia seguinte, os acontecimentos se desenvolveram muito rapidamente. Era sábado e Abby estava em casa, assim era impossível falar.

— Meu pai vai vir esta tarde — anunciou Whit na hora da comida.

— Genial. Poderei mostrar ao avô minha coleção de conchas — disse Abby sem precaver de que o comentário ia dirigido a Kip.

— Pensou que precisaria que alguém te levasse a Radford.

— Mas Kip não vai até a semana que vem — protestou a menina.

— Seu avô não pode vir a semana que vem e acha que Kip deveria voltar para Radford quanto antes.

— Por quê?

Deu-lhe uma resposta muito geral: tinha que comprar os livros de texto. Kip se deu conta de que não era a verdadeira razão.

— O contaste a seu pai — concluiu.

— Meus desejos sim. Os seus, não os pude confirmar.

— Dizer o que? Do que estão falando?

— Explicarei isso mais tarde — respondeu seu pai.

— Típico. Explicará isso quando for mais velha, não?

— Pode ser que antes.

— Pois esteja seguro que não segurarei a respiração até então — murmurou, e ao ver que os dois estavam agindo de uma forma estranha, pediu permissão para levantar-se da mesa e partiu.

— Já tomaste uma decisão? — perguntou Whit.

— Por que o contaste a seu pai?

— Não o fiz de maneira direta. Mencionei que possivelmente ficasse e ele deduziu o resto... Por isso tem tanta pressa por vir, para te tirar a idéia da cabeça.

— Ou a ti.

— Não, meu pai opina que eu posso suportar a dor. Quem te preocupa é você.

— Haverá dor?

— É possível. Eu nunca te faria mal de propósito. Não posso prometer um "viveram felizes para sempre", Kip. Sou muito velho e muito cínico para acreditar em finais felizes, mas me importa. Preciso-te... e definitivamente te desejo. Fica e viva comigo, Kip.

A razão e o sentido comum diziam a gritos que não o fizesse, mas Kip não escutava. Estava imersa em um mundo de sonho, transportada pelo azul de seus olhos, uns olhos que falavam de seus sentimentos com mais eloquência que suas palavras. Estava a ponto de dar uma resposta quando Abby irrompeu no salão,

seguida de seu avô, e já não voltaram a ter outra oportunidade para falar do assunto.

Alex Delaney esteve brincando com sua neta um momento antes de ir procurar a Kip na cozinha.

— Tem boa aparência.

— Obrigado. O médico diz que a perna está totalmente recuperada.

— Que bom! Então agora pode retomar sua carreira esportiva.

— Melhor — já não tinha essa ambição, mas resultava mais fácil lhe dar a razão.

— Whit diz que tornaste a correr. Ao Bill Scott gostará de ouvi-lo. Segundo ele, nasceste para o atletismo.

— Não sei se quero voltar a competir a sério.

— Sim, bom... Já me há dito Whit que ele e você têm outros planos.

— Sim.

— Olhe, sei que não é de minha incumbência e pode me chamar velho intrometido, mas, pensastes bem?

— Não acredita que nascemos um para o outro, não é?

— Não... Pelo menos tenho minhas dúvidas, embora Whit acredita que sim.

— O que disse?

— Que nunca o aborrece nem o importunas nem invade seu espaço... Signifique isso o que signifique — era a menos romântica das perspectivas, mas nem Whit nem ela falaram de amor ou de um compromisso por toda a vida. Era Alex Delaney quem pensava que algo faltava — Kipling, a risco de ser desleal com meu filho, tenho que te acautelar: não acredito que sua relação com ele vá ser duradoura.

— Não se preocupe, professor, seu filho me tem feito a mesma advertência.

— Então, por quê? Está apaixonada por meu filho?

— Acredito que não sei como amar.

Os olhos do professor se escureceram de tristeza. Whit lhe contou muitas coisas do passado de Kip. Por isso sentia que tinha que protegê-la, ainda que por cima da felicidade de seu filho.

— Então, é por gratidão? Porque se é, equivoca-te. Meu filho pagou as faturas do hospital sem esperar nada em troca. Ele seria o primeiro a dizer isso e embora a cifra te pareça astronômica, não é mais que uma gota no oceano para ele.

— Ele que pagou as faturas do hospital? — repetiu absolutamente agitada.

— Pensei que sabia — deu conta em seguida de seu engano.

— Todas as faturas?

Alex Delaney assentiu e viu como a agitação dava passo à cólera. De repente, tudo encaixava. O médico tinha falado de seu benfeitor e ela supôs que se referia à

universidade. O mesmo médico permitiu a Whit estar presente em uma das consultas sem pedir explicações e acatou claramente sua opinião por ser seu cliente. Como podia ter sido tão estúpida?

— Kipling — a deteve sujeitando-a pelo braço antes que fosse explodir em outra parte — Não deveria haver te contado isso. É um detalhe que não afeta em nada à situação atual.

— Ah não?

— Claro que não. Se não sabia, significa que não está confundindo gratidão com o que seja que sente por meu filho.

— Tem razão. Não estou agradecida — se sentia humilhada. Ela nunca teria aceitado sua caridade.

— Vejo que te zanguei. Por favor, não faça nada até que te tenha tranqüilizado.

— Estou tranqüila. Professor me levará a Radford?

— Amanhã, quer dizer.

— Não, agora.

— Se for o que quer — acessou reticente.

— Irei fazer a mala.

Cruzou o salão até seu quarto como um torvelinho e começou a guardar a roupa, os livros, as conchas, as fotos, as lembranças de Maine... Mas a mala se transbordava e finalmente decidiu ficar só com sua roupa. Não havia lugar para os sentimentalismos.

— Kip? — Whit estava apoiado no umbral da porta, observando-a.

Não se voltou, não parou, fechou a mala e se dirigiu com ela para a porta.

— Seu pai vai me levar a Radford — disse olhando o vazio por cima de seu ombro, esperando que se afastasse. Mas ele não se moveu.

— Neste momento é impossível. Acaba de levar a Abby para jantar na cidade.

— Tomarei o ônibus. Por favor, me deixe passar.

— Não pode ir assim — deu um passo à frente e ela recuou com cara de pânico — Certo, esta zangada porque não te disse das faturas do hospital. Possivelmente tenha direito a estar, não sei, mas não é para ficar assim.

— Mentiu! Disse que o seguro da universidade cobria tudo.

— Teria preferido a verdade? Estava no hospital te recuperando de um acidente, odiando ao mundo em geral e a mim em particular. Acredita que te teria encantado ouvir que tinha uma obrigação para comigo!

— E para quando estava reservando isso? Para agora, possivelmente? Um pequeno incentivo para conseguir que me amancebe com você, não?

Até esse momento Whit tinha sido paciente com ela, mas acabava de passar-se da raia.

— Em minha vida nunca paguei em troca de sexo, mas se queria fazê-lo, com certeza poderia encontrar a alguém mais experiente que você, por centenas de milhares de dólares.

— Devolverei — disse isso, ainda sabendo que jamais poderia reunir tanto dinheiro.

— Não o quero. Não se trata disso. O que há entre você e eu não tem nada a ver com a fatura do médico. Não paguei para comprar.

— Então, por quê?

— Quem sabe. Sentido de culpabilidade, suponho. Temos uma conversa bastante acalorada e uma hora mais tarde você vai e te lança no meio do tráfico.

— Não foi premeditado!

— Eu não disse que foi. Simplesmente pensei que poderia haver alguma conexão. Em todo caso, meu pai falou de tirar suas economias para você, assim não ficou muita opção... Mas não importa. Não vou sentir falta do dinheiro.

— Devolverei — repetiu isso.

— Ao caralho o dinheiro! O dinheiro não muda nada. Você já tinha decidido ficar.

— Mudei de idéia.

Pela dureza de seu olhar Whit soube que o dizia a sério, que tudo acabou inclusive antes de começar.

— Pergunto se está consciente do que está fazendo, Kipling Wilson.

— Atribua-lhe à experiência, professor. Ninguém tem uma folha de serviços perfeita.

Whit não entendeu o comentário, mas viu o que estava acontecendo. Era como se os meses que tinham estado juntos não tivessem existido nunca. Tinha ante os olhos à mesma moça que conheceu a primeira vez: teimosa, curta de idéias e fechada para toda emoção. Kip se precaveu da desilusão que refletiam em seus olhos, mas não fez nada para enfurecê-la ainda mais.

— Estou segura de que há muitas outras jovens, na universidade local, às que pode seduzir.

Aquilo era um golpe baixo. O rosto do Whit se esticou, deu outro passo à frente e limpou o caminho. Ela agarrou sua mala e fez gesto de sair pela porta.

— Um momento — a sujeitou do braço — Não se vai de qualquer jeito depois de haver dito o que você há dito.

— Me solte!

— Não até que esclareçamos algumas coisas. Como o fato de ter sido você a única aluna a que levei a cama. E, se a memória não falhar, não fez falta te persuadir muito.

— É um porco!

— Foi você quem começou a brincar com as verdades, assim acabemos a partida.

— Se não me soltar-me...

— O que? — tinha-lhe os dois braços presos e pensava que não havia muito que pudesse fazer, mas se equivocava. Kip lhe deu uma patada sem pensar no que fazia. Estúpido por sua parte, porque com isso não conseguiu libertar-se, a não ser romper as regras do jogo.

Whit a empurrou contra a porta e a apanhou com seu corpo.

— Me dê outra patada e te devolverei isso — a ameaçou com violência. Ela o olhou no rosto. Nunca o viu assim e deixou de lutar — Assim está melhor. Bom, vamos ver quanta persuasão necessita nestes momentos.

Kip agitou a cabeça em sinal de protesto, mas ele seguiu adiante. Passou um dedo pelos lábios, fazendo que acelerasse a respiração. Logo lhe sujeitou a cabeça à medida que ele baixava a sua lentamente. Kip separou os lábios, incluso antes que chegasse a tocá-la e sentiu tal grande onda de emoção que seu coração deu um tombo. Whit tinha razão. Não havia necessidade de persuadi-la. Beijou-a com força, infundindo um sopro de vida em seu interior, e a envolveu com seu corpo igual a uma enorme capa.

Kip começou a tremer quando ele começou a tocá-la, a deslizar as mãos por todo seu corpo, subindo a roupa. Desejava tocar cada parte de sua pele. Tomou-a em seus braços e a levou a cama. Desabotoou os botões e abriu a blusa. Não levava nada embaixo. Ela o olhou, mas ele não a olhava. Seus olhos estavam seguindo o movimento de sua própria mão ao deslizar-se pelas costelas para os seios cheios que deixou descoberto. A palavra “não” se formou nos lábios de Kip, mas o que saiu de sua boca foi um gemido ao notar que ele se agachava e cobria um seio com a boca, lambendo o mamilo lentamente e mordiscando-o com suavidade. Respirava com dificuldade e resultava impossível pensar com aquele homem sugando e brincando com seu mamilo erguido. Instintivamente, procurou às cegas sua outra mão e a levou ao outro seio; necessitava que a tocasse, que a acariciasse, que enchesse de satisfação as fisgadas que lhe percorriam todo o corpo.

Quando finalmente ele levantou a cabeça e foi procurar de novo seus lábios, ela enlaçou seu pescoço e o beijou, desejou-o; desejou que lhe desse tudo. Whit arrancou a camisa e a estreitou contra si.

O desejo cobrava vida própria, como uma serpente enroscando-se ao redor de seu corpo. Era como uma droga que a fazia flutuar. Era uma debilidade que a estava destruindo.

— Não! — gritou presa do pânico. Empurrou-o pelos ombros e ele a soltou e se afastou.

Whit sentia frustração mais que outra coisa. Ficou olhando na penumbra do quarto. O verão a transformou em uma beleza. Seu corpo já não era o de um menino, mas sim desdobrava ante seus olhos as formas perfeitas de uma mulher, e desejou tocá-la de novo.

— Não te farei mal.

Kip negou com a cabeça. Ele não o entendia, mas ela sim. Se o faziam, seria dela, não durante um dia ou uma semana ou um ano, a não ser para sempre, e isso não era o que ele queria. O havia dito. Sentou-se na borda da cama, abotoou-se a blusa e a prendeu na calça.

— Sinto muito. Não era minha intenção te colocar pressa. Posso esperar.

— Não passa nada. Não fazia mais que confirmar sua idéia.

— Minha idéia?

— Parece que sou fácil, como você disse.

— Fácil? — soltou uma breve gargalhada — Certamente não é a palavra que eu utilizaria. Demente, sem dúvida. Volátil e alguma coisa mais... mas fácil, nunca.

Ofereceu-lhe um sorriso que dava a entender que gostava tal e como era, mas antes que Kip pudesse pensar em como se sentia, ela ouviu a porta de um carro fechar-se.

— Serão Abby e meu pai.

— Maravilhoso — arrumou o cabelo com a mão e recolheu a mala do chão.

— Vai depois de tudo?

Assentiu com a cabeça e saiu ao corredor. O velho professor a viu com a mala na mão e fez um leve gesto de assentimento. Abby demorou mais a dar-se conta do que acontecia, mas, quando finalmente caiu em conta, pôs-se a chorar. Kip também sentia desejos de chorar, mas tentou ser valente e abraçou com força à menina lhe prometendo que escreveria. Não se voltou e não viu a expressão no rosto do Whit. Se tivesse feito, teria se dado conta de que ela não era a única que sofria.

No caminho a Radford, Alex Delaney se arrependeu de ter interferido e se sentiu incômodo sentado ao lado de uma moça cujos olhos pareciam estar mortos, vazios de toda emoção.

Só Kip conhecia seu segredo. Descobri-o aquela mesma tarde tombada na cama com o Whit Delaney e finalmente compreendeu. O amor não era simplesmente uma palavra de quatro letras. Não era algo imaginário como sempre acreditou. O amor era dor e era desejo e seu poder era aterrador.

O amor era do que fugiu aquela tarde antes que a destruísse para sempre.

Capítulo 10

Kip se esquentava a um lado da pista com as outras atletas. Ponto de encontro, o estádio de Los Anjos, construído para as Olimpíadas de 1984. Correria os cinco mil metros. Competição, internacional. Data, em quinze de agosto.

Passou um ano e a Kip aconteceram muitas coisas. Retornou a Radford com o professor e, ante sua insistência, ficou na Avenida Washington; ela cozinhava e limpava para compensar pelos gastos. Voltou para a universidade e em três meses estava outra vez na equipe de atletismo. Para a Semana Santa conseguiu estabelecer a melhor marca de sua carreira e isso a situou entre as trinta melhores atletas do mundo.

A partir daí, tudo foi muito rápido. Um homem chamado Ben Shaw a convidou para treinar em suas instalações de Nevada; em troca, ele ficava com uma percentagem de todos os prêmios, contratos de publicidade e acordos com patrocinadores que surgissem no futuro. É obvio, já não se tratava de correr, mas sim de dinheiro. Ben Shaw esperava fazer de Kip um anúncio andante valorado em um milhão de dólares, mas não ia protestar por isso. Também ela corria por dinheiro.

Situou-se nos tacos de saída sem olhar aos degraus. Não podia perder a concentração. Colocou-se na final por pouco e precisava acabar entre as três primeiras para poder assinar com uma importante marca de roupa esportiva. E também necessitava por satisfação pessoal, para saborear o êxito alcançado por si mesmo, e não graças à caridade de ninguém.

Ouviu o tiro de saída e se lançou a correr como um cavalo de corridas, colocando-se entre as seis primeiras. Na cabeça de corrida, alguns metros à frente, estavam a romena, que saía como favorita, e a sueca, no décimo lugar da classificação mundial. Nenhuma das duas via a Kip como a uma rival. Logo que era conhecida e seus resultados nas eliminatórias foram decepcionantes. Ao soar a badalada anunciando a última volta, produziram-se os empurrões habituais para tomar posições. Kip viu um espaço e se colocou em quarto lugar, lutando com unhas e dentes, mas as duas primeiras já se distanciaram do pelotão. Passou à terceira corredora em uma curva e apertou o ritmo para afastar-se dela. Já só ficavam a romena, a sueca e ela nos últimos quinhentos metros. A romena e a sueca se despreocuparam de Kip, lutando entre si pelo primeiro e segundo lugares, mas o que tampouco sabiam era que Kip tinha um sprint final avassalador. Reservou até a última curva e então começou a acelerar. A cem metros da meta, as outras duas foram ombro com ombro; Kip ia algumas pernadas atrás, mas estava ganhando

terreno e, de repente, soube que podia fazê-lo. Forçou-se ao máximo e as alcançou; a sueca não a esperava e pareceu vir abaixo. Uma menos. A luta pelos trinta últimos metros foi intensa e não se decidiu até o último momento; a romena e ela pisaram na faixa quase na mesma fração de segundo.

O estádio inteiro ficou em pé aplaudindo e aclamando as corredoras. Kip estava esgotada; doíam-lhe todos os músculos e lhe estalavam os pulmões e não foi consciente de que ganhou até que a romena se aproximou de felicitá-la.

—Conseguiste-o! Conseguiste-o! —era seu preparador que se aproximava correndo.

Ganhou. Apesar de tratar-se de uma competição internacional, ela, Kipling Wilson, tinha ganhado. Então, uma expressão de orgulho se desenhou em seu rosto.

Logo se encontrou rodeada de microfones e jornalistas, todos tentando falar com a grande novidade do atletismo feminino. As pessoas começaram a perguntar sobre sua vida privada e, de repente, Kip se deu conta de que passou a ser propriedade pública. Aquilo já não gostava tanto, assim escapou dos jornalistas como pôde e se meteu no vestiário.

Ao retornar ao hotel, Ben Shaw, seu representante, e Jeff Adams, seu agente publicitário, convocaram uma entrevista com a imprensa para mais tarde.

—Se os rapazes da imprensa querem te entrevistar, pequena, não diz que não.

—Eu não gosto das entrevistas.

—E a quem gosta?

—Agora é o momento de te fazer de ouro — acrescentou Jeff Adams — Sabe como te chamam? “A corredora desconhecida”. É genial! Teremos que preparar uma biografia para distribuir.

—Isso não me converterá na corredora conhecida?

—Não se preocupe — Ben Shaw tomou ao pé da letra — Sempre podemos inventar algo que te dê um toque misterioso se for necessário... Você se assegure de nos contar isso tudo antes que à imprensa; eu não gostaria que houvesse cadáveres no armário que pudessem vir a nos atrapalhar o negócio. E lembra pequena, que tem um contrato comigo, assim, você goste ou não, dentro de uma hora descera e falará com os jornalistas.

Kip se sentiu desmoralizada. Só ela era a culpada de ter acabado entre as garras de Ben Shaw. Ele representava a única possibilidade de ganhar dinheiro e isso era o que importava. Necessitava-o para saldar sua dívida com Whit Delaney.

E não é que fosse fácil. Enviou um primeiro cheque fazia tempo, cheque que nunca foi cobrado. Kip então fez chegar através do banco um recibo do pagamento, mas ele o havia devolvido feito pedaços. Finalmente, esperou que seu pai fosse visitá-lo no Maine para que o entregasse em mãos, em dinheiro; aquela vez o

dinheiro voltou convertido em cinzas dentro de uma bolsa de plástico. Foi então quando Kip se deu conta de que qualquer sentimento que tivesse podido ter por ela, tornou-se ódio.

Tentou odiá-lo por sua vez, mas as lembranças a impediam. Tentou esquecê-lo, mas as cartas de Abby o mantinham vivo em sua memória. Tentou sobrepor-se a ele saindo com outros rapaz, mas nenhum podia competir com o Whit. Foi embora do Maine apaixonada e nada tinha feito para mudar aquele sentimento; à medida que passava o tempo, simplesmente ia se acostumando à dor.

A entrevista iria se realizar em um dos salões do hotel. Ben Shaw havia comprado um vestido de manga curta que ela colocou, e deixou que uma maquiadora a transformasse em uma dublê de Audrey Hepburn. Shaw e Jeff Adams a direcionaram sobre como deveria responder as perguntas sobre sua carreira desportiva, e logo seguiram as perguntas sobre sua vida privada.

— Algum namorado?

— Não.

— E seus pais estão mortos, não? — perguntou Adams carente de tato por completo. Kip assentiu — A que se dedicavam?

— Isso é importante?

— Provavelmente não, se foram umas nulidades.

— Eram corredores. — disse orgulhosa — Minha mãe foi medalha de bronze nos Mundiais.

— Mas bom, por que não o disse antes? Isso causará sensação, não é Jeff?

— E do que morreu?

— Isso para quê?

— Não quererá que os jornais digam algo que não é certo, não?

— De câncer de estômago — disse a contra gosto. Não gostava da aparência que estavam tomando as coisas.

— Ou seja, quem te criou foi seu pai. Medalhista também?

— Prata nos Jogos da Commonwealth.

— Deus, pequena. Grande pedigree! E ele do que morreu?

— De uma enfermidade — desejou não ter aberto nunca a boca.

— Que classe de enfermidade? — seu representante pressentia que ocultava algo.

— Do fígado.

— Cirrose — Shaw não era tolo e adivinhou — Genial! Seu pai era um bêbado. E agora o que vamos fazer, Jeff?

— Podemos tentar disfarçá-lo um pouco ou compensá-lo com o outro.

— Ou podemos cancelar toda esta história — disse Kip ficando em pé.

— Ei! Aonde acredita que vai? — Shaw cortou o passado — A entrevista é dentro de dez minutos.

— E esperas que reinvente minha vida em tão pouco tempo?

— Não te faça de esperta comigo.

— Ouça Ben — interveio Jeff Adams — Talvez possamos reverter a nosso favor. Hoje em dia está na moda isto das celebridades com infâncias traumáticas.

— Eu não sou nenhuma celebridade! — protestou Kip, mas não levaram em conta.

— Sim. Poderíamos apresentá-la como uma menina que viveu uma infância de abusos e calamidades, suportada graças a seu grande e único sonho: correr por seu país.

— Ninguém abusou de mim! Não podem dizer isso!

— Por que não? Seu pai não está em posição de desmenti-lo, depois de tudo.

Os dois homens riram. Nem a verdade nem a reputação das pessoas mereciam sua consideração.

— Não o farei — declarou Kip.

— Não tem escolha. Se não crê, leia seu contrato — Ben Shaw a segurou pelo braço e os três saíram do quarto para o elevador.

Embora Shaw tivesse razão, Kip se sentia como se a tivessem seqüestrado. A única saída era escapar quando as portas do elevador se abrissem ao chegar ao térreo, embora muito possivelmente não tivesse completo seu plano de não ficar, o destino deu um giro de 180°.

Kip parou em seco e ficou olhando à frente em estado de choque. Whit Delaney estava sentado em uma poltrona perto dos elevadores. Pensou que os nervos a faziam alucinare. Não parecia ele, vestido de terno e gravata imaculados, mas aquele rosto atraente e aqueles olhos azuis eram inconfundíveis. Quanto tempo passou? Um ano; todo um ano e, entretanto, seu coração começou a pulsar com a mesma força ao ver que se levantava e se aproximava dela.

— Kipling — seu nome soou como uma carícia.

— Olhe sócio, não sei quem é você — disse Shaw — mas a senhorita Wilson está a ponto de dar uma entrevista à imprensa.

Para Whit, Ben Shaw era invisível. Ele só via a Kip.

— Vim a Los Angeles a negócios. Vi você correr na televisão.

— Olhe amigo, a senhorita Wilson não deseja que a incomodem os admiradores.

— Não é nenhum admirador — interveio Kip.

— Sim que o sou — a contradisse — Sou um dos maiores admiradores da senhorita Wilson.

Sorriu com esse sorriso pícaro que movia montanhas, fazendo-a retroceder um ano, ao dia em que abandonou sua casa em Maine. Qualquer um que os tivesse observado teria reconhecido neles os sinais de um casal que tempo atrás manteve uma relação íntima.

—Santo Deus! —exclamou Shaw— Não me diga que este é outro dos cadáveres que guarda em seu maldito armário. Esconde algum mais? Possivelmente à equipe de futebol completa?

—Cuidado com o que diz amigo! —disse Whit imitando o estilo de gângster do Shaw ao falar. Logo se dirigiu a Kip— Temos que falar. Agora.

Ela assentiu. Sabia que era uma loucura, mas precisava vê-lo outra vez.

—Não pode. Agora não — Shaw a agarrou pelo braço.

—Solte-a ou te farei experimentar a qualidade do carpete do hotel!

A ameaça surtiu efeito, porque Kip se viu livre imediatamente.

—Vamos — Whit a pegou pela mão e se afastaram dali.

—Soava como um verdadeiro gângster — sorriu surpreendida enquanto se deixava levar quase voando para fora do hotel e, antes de poder perguntar aonde iriam, já estavam instalados no assento de um táxi.

—Quem era esse cara?

—Meu representante — disse fazendo um gesto de repulsa— De verdade te teria pegado?

—Não sei — deu os ombros. Não era o tipo de pessoa que ia procurando briga— Teria querido que o fizesse?

—Possivelmente — admitiu, mas seu rosto se escureceu ao pensar nas conseqüências de sua escapada.

—Está em apuro, não é?

—Não, acredito que estava arrumando isso bem antes que você chegasse.

—Gostaria de contar isso? - perguntou sem pressioná-la.

Sua primeira resposta foi negativa, mas em trinta segundos estava relatando toda a história.

—Quando se inteiraram de meu pai, pensaram que seria uma publicidade magnífica: “Não desistiu apesar do pai morto aficionado à garrafa”.

—E a ti a idéia parece repugnante.

—E a quem não?

—Há muitas celebridades que o utilizariam para ganhar simpatizantes.

—Eu não sou nenhuma celebridade!

—De momento não, mas umas quantas vitórias mais como a de hoje e já verá...

Por certo, disse quão brilhante esteve?

—Não, mas não te reprima.

Whit soltou uma gargalhada e logo se justificou.

— A verdade é que não tinha previsto seguir a corrida. Abby me disse que corria em Los Angeles, mas eu me prometi não ir ao estádio. Claro que esqueci que existe a televisão.

— Incomoda que escreva para Abby?

— Não, ela queria te escrever. Agradeço-te que respondesse a suas cartas.

Obviamente, entendia seus motivos: não tinha querido ferir a menina. Mas os sentimentos dele não estavam tão claros. Por que veio vê-la? Era estranho. Sempre pensou que, quando se encontrassem de novo, comportariam-se como inimigos ou como desconhecidos. Entretanto, sentada a seu lado no táxi, a sensação era de absoluta normalidade.

— Aonde vamos? — atreveu-se a perguntar por fim.

— A nenhum lugar. Disse taxista que desse voltas simplesmente. Aonde quer ir?

— Ao hotel não posso voltar ainda.

— Vamos ao meu. Poderíamos jantar juntos e planejar sua estratégia.

— Não concederei entrevistas. Quão único quero é correr.

— Pois então não dê seu braço a torcer. Se não estiver no contrato, ninguém pode te obrigar a ser uma máquina de fazer anúncios — Kip se mordeu o lábio — Leu o contrato, não?

— Agora já sei ler! — respondeu com suscetibilidade.

— Não pretendia afirmar o contrário. A questão não é se sabe ou não ler, mas sim se o fez. Ou melhor, se deu a algum advogado para ler.

— Seu pai o revisou para mim.

— Estupendo! Com o olho de lince que tem para a advocacia não sei como pôde acabar como professor de literatura.

— Só tentava me ajudar!

— Não o duvido — acrescentou em tom conciliador — Além disso, neste momento não vale a pena preocupar-se com isso. Estranharia-me muito se Shaw te obrigasse a ficar com alguma cláusula de propaganda quando se der conta do desastre que é nisso.

— Obrigado!

— Sejamos realistas. Cada vez que alguém te pergunta como te chama você crê que está invadindo sua intimidade. Como acredita que conseguiria ser o centro das atenções de todos os meios de comunicação do mundo inteiro?

Mal, muito mal. Kip se dava conta disso, mas custava horrores reconhecê-lo e decidiu guardar silêncio. O que aconteceria se a tirassem da equipe? Acabaria com Shaw, acabaria com o treinamento, acabaria com a corrida. Teria que procurar um

lugar onde estabelecer-se e ficar uma temporada longa. Deixar de ir de um lugar para outro como tinha estado fazendo toda sua vida. Seria isso tão terrível?

Whit se inclinou para frente, deu instruções ao taxista e em poucos minutos o táxi parava frente a seu hotel. Saíram do carro e ele a conduziu pelo braço até o vestíbulo, transbordante de aficionados em teatro que esperavam até chegar a hora de jantar, todos elegantemente embelezados com trajes e vestidos de gala. Kip de repente se sentiu desconjurada.

— Eu não posso comer aqui. Meu vestido não combina — disse puxando o braço para que se detivesse.

— Me parece que está bem, mas se prefere, podemos ir ao meu quarto e pedir que subam o jantar.

— O que? — olhou-o com os olhos arregalados.

— Bom, se não confiar em mim... nem de ti.

— Você só pensa em ti mesmo, não é? — acusou-o.

— Não, simplesmente acabei aceitando que isto que há entre você e eu não vai desaparecer nunca.

— Entre nós não há nada.

— Certo, demonstre-me isso. Subamos para jantar no meu quarto. Não te colocarei um só dedo se você não o desejar. Sentaremos cada um em uma ponta da mesa, conversaremos de tudo e de nada e logo, despediremo-nos como pessoas civilizadas. E está será a última vez que te incomode.

A última vez. Aquelas palavras punham um aperto no coração de Kip. Muito lhe havia custado superar a separação de um ano atrás para subir com ele e enfrentar o capítulo final.

— Eh... — sabia que devia partir dali.

— Não te tocarei — repetiu ele.

Seguiu-o até o elevador, sem protestar, sem lutar, e logo pelo corredor até a porta. Não era um sonho; era real. Estava em seu dormitório. Era uma suíte de luxo com uma enorme janela de onde se via o perfil da cidade.

— Jantar agora ou prefere tomar uma bebida antes? — abriu o menu.

Kip se deu a volta. Não queria uma bebida e tampouco queria comer. O que precisava era terminar quanto antes com aquilo: nada mais de despedidas, nada mais de dor.

— Me deitarei com você.

— O que? — não estava seguro de ter ouvido bem.

— Deitar-me-ei com você — repetiu no mesmo tom fúnebre — Isso é o que quer, não?

— Sim, mas... — estava aturdido — É sempre tão direta?

Estava claro que não gostava, mas a Kip não importou. Não queria saber nada de romantismos que sossegassem sua consciência fazendo-a pensar que aquilo era algo mais que puro sexo.

— Não quero jantar e, por outro lado, sabe de sobra que não sou uma boa conversadora.

— Ou seja, fora preliminares. Vamos direto ao ponto, não?

— Quero terminar com isto logo.

— Pensa que é como quando vai ao dentista? Tiram-lhe o molar e, fora, acabou-se a dor.

— Irei se o prefere — sem esperar a resposta, cruzou o salão e abriu a porta. Mas, antes que pudesse sair, uma mão por detrás dela a fechou de repente.

— Maldita seja! Sabe que não! — proferiu ao mesmo tempo em que a fazia girar — Mas eu não gosto que me tratem como se fosse uma enfermidade da que alguém pode curar-se facilmente. De todas as formas, nada vai deter-me desta vez.

Pôs as mãos ao redor da cintura e baixou a cabeça para beijá-la. Kip notou que perdia o controle sobre si mesmo. Um calafrio lhe percorreu as costas e sentiu que as pernas fraquejavam. Whit levantou a cabeça e seus olhos se encontraram, e se olharam, e então foi como estar flutuando em uma nuvem. Ele tirou a jaqueta, tomou-a em braços e a levou ao quarto. Deixou-a no chão, junto à cama, olhando-a ainda nos olhos. Nesse momento, todo vestígio de valentia que pudesse ainda ter se desvaneceu. O acanhamento tingiu suas bochechas e baixou os olhos.

Ao dar-se conta da mudança, Whit fechou as cortinas e apagou a luz. Aproximou-se dela, rodeou-a com os braços e baixou pouco a pouco o zíper do vestido, descobrindo os ombros e os braços, até deixar que caísse finalmente ao chão. Deixou-a com a regata de seda e as calcinhas. Logo, tirou a camisa e a gravata, agachou-se para descalçá-la e a ele também. Não fazia frio, mas Kip pôs-se a tremer ao vê-lo descer o zíper da calça e atirá-la em cima da cadeira. Agradeceu a escuridão; os dois ali de pé, nus, salvo pela roupa íntima. Ele a atraiu para si. Envolveu-a com seus braços e a reteve assim, banhando-a com seu calor e sua força. Todos os medos e as dúvidas desapareceram quando enterrou o rosto em seus cabelos e sussurrou:

— Deus, como te desejo.

Qualquer outra mulher teria exigido ouvir a palavra “amor”, mas Kip não. Não queria ouvir mentiras. O que ele sentia por ela era, em uma pequena parte, o que ela sentia por ele: um desejo primitivo e profundo que a estremecia por sua intensidade.

Os lábios do Whit percorreram a testa, os olhos e as bochechas em busca de sua boca, para depositar nela o mais tenro dos beijos, fazendo-a desejar muito mais.

— Por favor — lhe sussurrou nos lábios.

— Quero-te — suas palavras, afogadas pelo beijo não impediram que Kip as ouvisse, e seus punhos se fecharam imediatamente contra seu peito.

— Mentiroso! — gritou tentando escapar de seu abraço.

Ele a segurou mais forte. Não a deixaria escapar outra vez. Embora ela resistisse, obrigou-a a aceitar seu beijo sujeitando a cabeça para trás. Kip lutava, mas ele não fez conta. Sabia que ainda o desejava, porque, em vez de golpeá-lo e brigar como um animal selvagem beijava-o e gemia ante o contato de sua língua. Mas finalmente, Whit se obrigou a parar. Ambos respiravam com dificuldade.

— Não volte a dizê-lo!

— Tão terrível é ser amado?

— E o que é o amor? — Kip não podia acreditar que fosse amor o que sentia por ela.

— Deixe que lhe ensine — disse isso docemente, tomando o rosto entre as mãos — Quer?

Ela ainda não acreditava, mas, desejava tanto fazê-lo! O orgulho a abandonou e se sentiu muito fraca para contra-atacar.

— Sim — disse com voz trêmula — Sim.

Com seus lábios, Whit insuflou de novo vida no interior de Kip, que enlaçou seu pescoço com os braços e o beijou com a mesma paixão, abrindo os lábios para deixar que a invadisse e descobrisse os rincões mais secretos e doces de sua boca. Ele queria ir devagar. Não queria lhe dar um remédio que a curasse, mas sim queria prolongar a agonia e fazer que o desejasse igual ele a desejava.

Na cama, sentia-a ligeira e frágil entre seus braços, mas sua paixão e seu corpo eram como uma chama inextinguível. Esteve a ponto de perder o controle. Desejava-a tanto que podia tê-la penetrado nesse mesmo instante. Teve que deitar-se de lado e pôr alguns centímetros de distância.

Tombada de barriga para cima, Kip se sentiu morrer. De repente, teve frio. Estava-a rechaçando? Castigando-a por havê-lo abandonado fazia um ano? Mas logo uma mão veio unir-se à sua e puxou-a sobre si para olhá-la nos olhos e lhe acariciar o rosto brandamente.

— É preciosa.

Seus olhos não mentiam. Sem deixar de olhá-la, tirou a regata de seda muito devagar; cobriu um seio com a mão e com o polegar esfregou o mamilo para fazê-lo se erguer sobressaindo da areola. Kip fechou os olhos. Logo o outro seio e o outro mamilo. Recostou-a na cama e a fez retorcer-se de prazer e gemer ao deslizar a língua lentamente em círculos ao redor dos picos cheios de seus seios, lambendo-a uma e outra vez, brincando; primeiro brandamente, logo, cada vez com mais

ferocidade ao ver que respondia emitindo pequenos sons de prazer e agitando-se debaixo de seu corpo. Então, sua mão desceu pela lisura de seu ventre e se fundiu com a seda de sua roupa interior, movendo-se para frente e para trás, para frente e para trás, até que se infiltrou pelo tecido, procurando, encontrando o calor e a umidade, ofegantes por receber seus largos dedos, amáveis, peritos e incrivelmente prazerosos...

Beijou-a quando ela se apertou a ele desesperada. Seguiu tocando-a enquanto ofegava e seguiu tocando-a até que logo não pôde respirar; então sentiu que não podia agüentar mais. Kip abriu os olhos e o viu em cima e gritou quando por fim a penetrou, mas não de dor, mas sim de êxtase. Whit começou a mover-se dentro dela, primeiro lentamente e logo cada vez mais rápido, como uma corrida, acelerando o ritmo a cada pernada, até que os dois cruzaram a chegada justo ao mesmo tempo. Mas Kip soube o que ela ganhou no momento em que ele gritou seu nome alto, meio maldição, meio pranto.

Whit se deu conta de que não houve outros homens antes dele, que ele foi o primeiro e para Kip, fazer amor com aquele homem tinha sido tão natural como respirar. Não fez falta pensar, simplesmente deixar-se arrastar pelo calor de seu corpo, o suor de sua pele, seu aroma viril e o potente e rígido membro lhe produzindo mais prazer do que podia ter imaginado.

Foram um só corpo, pertenceu-se um ao outro e não ia permitir que esse sentimento desaparecesse. Não quis que lhe falasse. Quão único queria era permanecer ali tombada, abraçada a seu torso, escutando os batimentos de seu coração e negou que a realidade entrasse naquele quarto escuro.

Whit respeitou seus desejos. Não falou de sentimentos nem do futuro nem do ano que desperdiçaram. Limitaram-se a fazer amor e dormir e voltar a fazer amor outra vez, como se ambos tivessem a esperança de que assim a queimação se curaria para sempre.

Capítulo 11

Kip abriu os olhos com os primeiros raios do amanhecer filtrando-se pela cortina. Podia havê-los voltado a fechar, mas com o dia chegava também a realidade.

Olhou ao homem deitado a seu lado na cama e soube que esteve se enganando. A noite anterior nada fez a não ser piorar as coisas. Devia enfrentar-se à verdade. Fazia um ano se apaixonou pelo Whit Delaney, seguia apaixonada por ele e o estaria o resto de sua vida, mas tampouco o resto mudou. Podia retornar ao Maine e ir viver com ele, uma semana, um mês, um ano, sabedora de que algum dia tudo acabaria. Ou podia partir nesse momento, conservar seu orgulho e economizá-lo na espera do sofrimento, até que desse as primeiras amostras de que começava a cansar-se dela.

Tentou soltar-se de seu abraço, mas ele o impediu. Estava meio acordado. Kip disse que precisava ir ao banheiro e conseguiu que a deixasse livre. Vestiu-se em silêncio na outra sala, mas não pôde evitar voltar para olhá-lo pela última vez. Deixou-lhe uma nota, curta e concisa, e logo saiu às escondidas com o coração destroçado.

Caminhou pela rua sentindo-se como uma dama da noite, às seis e meia da manhã, vestida com a mesma roupa do dia anterior, e ao chegar a seu hotel evitou olhar alguém diretamente nos olhos. Subiu a seu quarto, tomou banho e colocou uma bata. Em algumas horas, faria a mala e partiria, mas, até então, o único que queria era deitar em uma poltrona e pensar no que tinha passado a noite anterior. Ela era a única pessoa a que feriu.

Para ela, o amor não eram corações de São Valentín e rosas e finais felizes, a não ser umas horas roubadas ao tempo que provocavam dor e lágrimas e uma sensação de vazio que jamais a abandonaria. Que inocente foi ao pensar que ao deitar com ele aquela enfermidade se curaria! O único que conseguiu era agravá-la até convertê-la em uma enfermidade terminal. Nada a salvaria de ir para a cama com o Whit cada vez que ele pedisse, exceto a distância. Era a única solução. Com esta ideia na cabeça, vestiu-se e começou a fazer a mala. Havia quase terminado quando ouviu baterem na porta. Era Ben Shaw.

—Onde estiveste? Estive te procurando como um louco desde ontem à noite. Era um antigo namorado, não?

—Perdão?

—O de ontem no vestíbulo. Se tivesse sabido que você gostava de homens maduros, teria tentado a sorte eu mesmo.

—Tem algo importante para me dizer? Porque se não, tenho que acabar a mala.

—Crê que é toda-poderosa, não é? Entretanto, poderia me desfazer de ti rapidamente — estalou os dedos e sorriu todo satisfeito pelo poder que tinha sobre ela.

—Não te reprima. Eu não penso seguir correndo.

—O que?

—Estou farta de correr. A vida é muito mais que dar voltas a uma pista sem descanso.

—Está de brincadeira ou o que? Não pode estar farta. Estamos a ponto de alcançar o topo.

—Temo-me que não. Terá que te buscar outra galinha dos ovos de ouro.

Aproximou-se da cama, fechou a mala e se dirigiu à porta, mas nem sequer teve oportunidade de abri-la, porque quando Shaw se deu conta de que falava a sério, fechou-lhe o passo.

—Não pode me deixar na mão. Ninguém deixa Ben Shaw na mão! — grito furioso — Já sei, recebeu uma oferta melhor.

—Não, não tem nada a ver com isso.

Shaw a tinha fortemente agarrada pelo braço e a apertava cada vez mais. Seu rosto se torceu com uma careta de sadismo. Estava-a fazendo mal de propósito. Kip sentiu medo e tentou soltar-se. De repente uns golpes na porta a libertaram daquela situação.

—Kip, o chefe está aí dentro? — era seu preparador, Steve Clark.

—Steve — disse aliviada — Espera, já abro — por um momento, pareceu que Ben Shaw não ia permitir, mas logo a soltou e ela abriu a porta rapidamente — Entre Steve.

—Kip, está bem? — perguntou ao vê-la toda acalorada.

—Não, não o está! — respondeu Shaw — Está como um parafuso faltando. Quer deixá-lo.

—Deixar o que?

—Pois o que vai ser! O atletismo. Fala você com ela, Steve. Tem cinco minutos para trocar de idéia; se não o fizer, Kip é história — deu uma portada e se foi.

—Me diga que não é certo — disse Steve Clark, incrédulo.

—Sinto muito.

—Mas, por quê?

—Porque não quero correr mais.

— É pelo Shaw? Sei que o estiveste levando de cabeça e me parece bem, mas não pode deixá-lo na mão. Se o fizer, assegurará-se de que não volte a correr em sua vida.

— Não me importa — recolheu a mala do chão — Sei que te leva uma grande decepção, Steve, e o sinto, mas o atletismo já não me parece importante.

Pelo tom de sua voz soube que não havia nada que fazer e a deixou partir. Kip entrou no elevador e se dirigiu à porta de saída, mas antes que pudesse sair para a rua uma mão a freou por detrás. Virou-se esperando ver o Shaw. Em troca, encontrou-se frente a frente com o Whit.

— O estúpido do recepcionista se negava a te chamar por telefone. Levo duas horas aqui embaixo te esperando... Que demônios acreditava que estava fazendo me largando daquela forma?

Estava quase gritando; seu tom de voz atraiu alguns olhares curiosos e ao chefe de recepção.

— Posso ajudá-la senhorita?

— A senhorita não necessita sua ajuda — proferiu Whit — A senhorita é mais que capaz de utilizá-lo como vassoura para varrer o chão; a você e a mim e a qualquer que se interponha em seu caminho. Concorde que sim?

— Sim, claro! E suponho que você não é mais que uma pobre vítima!

O chefe de recepção observou as caras encolerizadas de ambos, decidiu que eram iguais e se retirou de cena rapidamente. Whit a segurou pelo braço, tirou-lhe a mala da mão e a empurrou para a relativa intimidade do bar do hotel.

— Me solte!

— Não faço isso! Já te escapaste muitas vezes... Deveria havê-lo adivinhado. Tinha que te haver escondido a roupa ou algo. Ter-te preso à perna da cama — a sentou em uma cadeira em um canto e ele se sentou em frente. Logo, respirou profundamente antes de continuar — Tem idéia de como me senti ao despertar e ver que te ido embora?

— Deixei-te uma nota.

— Sim, uma nota estupenda! — tirou-a do bolso da jaqueta e leu — Tenho que ir. Senão perco o avião. Enviarei o dinheiro. Por um momento pensei que tinha intenção de me pagar por meus serviços — acrescentou com uma gargalhada cruel.

— Referia-me à fatura do hospital. Posso te pagar parte com o dinheiro do prêmio.

— Não se preocupe, entendi-o perfeitamente. Crê que me devolvendo o dinheiro me fará desaparecer, não?

“Oxalá fosse assim tão fácil”, pensou Kip. Ele ocupava todos os seus pensamentos e seguiria ocupando-os o resto de sua vida. Por que tinha que persegui-la e fazer tudo tão difícil?

— Tenho que ir ou perderei o avião.

— Assim, sem mais? Já te tomaste o remédio e está pronta para continuar.

— O que é que quer Whit?

— Neste momento, acredito que te bater.

— E logo? — desafiou-o a que admitisse que não tinha nada sólido para oferecer um ao outro.

— E logo — repetiu olhando-a aos olhos — quero te levar a cama e fazer amor com você. Quero te ouvir gemer quando te toco. Quero te ouvir gritar meu nome quando...

— Basta! — ficou em pé de um salto.

— Por quê? — levantou-se e a segurou pelo braço — Você não gosta que te recordem que és humana? Que pode sentir como os outros? Que inclusive pode amar? Ou ontem à noite foi pura farsa?

Teve o “sim” na ponta da língua, mas não pôde dizê-lo. Ao final, ele já tinha adivinhado a verdade. Por que, se não, falaria de amor?

— Deixe que vá, Whit — estava esgotada. Não podia seguir suportando mais sacudidas emocionais.

— Não posso. É que não o vê? Não posso.

Kip elevou os olhos perguntando-se o que teria querido dizer. O olhou sem esconder seus sentimentos. Durante um segundo, a verdade permaneceu suspensa no ar. Ambos quiseram apegar-se a ela, mas lhes escapou das mãos ao ouvir uma terceira voz que soava detrás deles.

— O recepcionista me disse que estava aqui — era Steve Clark —. Mudaste que idéia?

— Não, sinto-o Steve — respondeu Kip.

— Está bem. Te cuide, pequena, e se alguma vez decide voltar, nos chame e tentarei convencer ao Shaw.

— Obrigado — disse enquanto o via correr para não perder o avião.

— O que é tudo isso? — perguntou Whit, franzindo o cenho.

— Deixei-o.

— O que deixaste? Quer dizer que deixaste ao Shaw?

— Sim. Por isso disse que poderia te pagar parte do que te devo, com o dinheiro que me deram pela vitória de ontem, mas temo que o resto tenha que esperar.

— Ao inferno com isso! Não me importa o dinheiro.

— Não, mas a mim sim.

Whit meneou a cabeça ante sua teimosia.

— Sabe o que fiz com o que me mandou a última vez?

— Queimou-o.

— Não, senhorita. Doeí-o a um centro de ensino para adultos. Imaginei que apoiaria a causa.

— Mas se seu pai me deu uma bolsa cheia de cinzas.

— Era papel de jornal. Poderia dizer-se que foi para dar um toque dramático ao assunto. Queria que te chegasse a mensagem de uma vez por todas e deixasse de me enviar dinheiro. Bom, por que deixaste o atletismo quando tudo ia segundo seus planos?

— Não é certo. Eu não tinha nenhum plano. Era o plano de meu pai, seu sonho. Eu nunca tive um sonho próprio.

— E o tem agora?

Podia ter dito que ele era seu novo sonho: o ter, abraçá-lo, amá-lo durante toda a vida; mas soava uma fantasia.

— Pensei em voltar para a universidade.

— A Radford — ela negou com a cabeça. Muitas lembranças em Radford — Há universidades muito boas em Maine. Talvez possa te ajudar a encontrar lugar em uma delas.

— Posso arrumar isso sozinha.

— Que afortunada!

Aquela resposta a incitou a olhá-lo nos olhos. Parecia cansado mais que zangado.

— Estou-te agradecida — sentiu a necessidade de dizer.

— Deus! Isso sim é uma punhalada nas costas. Gratidão.

— Não sei que outra coisa quer de mim.

— Ah, não? Pois por mim te demonstraria isso agora mesmo, só que há muito público.

— É isso a única coisa que pensa? — disse ruborizada.

— Atualmente, sim. A enfermidade resultou ser fatal; não tem cura. Embora, dentro de quarenta anos, quem sabe? Possivelmente o que goste seja me sentar tranqüilamente em uma poltrona com as pantufas e deixar que me dêem umas fricções nos joelhos... Você gostaria de averiguá-lo?

— Está...?

— Me declarando? Sim.

— Nos casar?

— Essa era mais ou menos a idéia — Kip seguia olhando-o fixamente. Estava brincando. Tinha que estar brincando. Certamente, seu tom de voz era absolutamente irônico — Dê tempo. Chegará a te acostumar.

Kip não necessitava tempo para pensar e teria saído correndo dali se ele não a tivesse parado sujeitando-a do braço.

— Me solte!

— Está-me dando a entender que a resposta é não?

— Você o que acha?

— E posso perguntar por quê?

— Porque é absurdo. Ninguém se casa com alguém só para seguir mantendo relações sexuais com essa pessoa.

— Me ocorrem razões piores — respondeu com secura.

Kip escapou de suas mãos e, esquecendo-se de sua mala, pôs-se a correr. Alcançou-a no vestibulo, arrastou-a até uma das cabines de telefone e a obrigou a entrar, colocando-se ele detrás sem deixar lugar para moverem.

— Todos os recepcionistas estão nos olhando — disse Kip.

— E o que?

— Me deixe sair!

— Te cale e escuta. Tem razão: se se tratasse só de sexo, casar-se seria uma loucura. Mas, está tão segura de que é só isso? Paraste alguma vez para pensar que pode ser amor?

— O que? — ficou olhando com a boca aberta.

— Sim, já sei. Sonho com a personagem da novela cor-de-rosa. Em qualquer momento pode voltar a desaparecer de minha vida uma vez mais e se isso acontecer não sei o que vai ser de mim.

— O que está dizendo?

— Parece-me que é bastante óbvio — se estava esquentando — Quero-te e não quero te perder.

— É impossível...

— Isso é justo o que me disse centenas de vezes — replicou fazendo uma careta — Não poso estar apaixonado por alguém que me trata como a um bobo, mas não me serviu de nada. Suponho que o amor pode mais que a razão — acariciou o rosto e Kip não pôde conter-se por mais tempo. Aquele homem estava apaixonado por ela. Logo que podia assimilá-lo — Está chorando... Por favor, Kipling, não chore.

— Não posso evitá-lo. Foi horrível. Quero dizer, me apaixonar por ti e pensar que jamais poderia ser correspondida, e ainda assim desejar... Bom, já sabe o que. Eu não o fiz com ninguém. Imagino que não me acreditará, mas...

—Fui o primeiro, já me dava conta. Quer-me? —perguntou. Precisava ouvir as palavras que realmente importavam.

—Sim — admitiu como se fosse o mais vil dos segredos.

—Pois se isso é certo, então por que...?

—Eu não queria me apaixonar por ti. Não se pode dizer que tivesse muitas probabilidades de ser correspondida, não acha?

Whit a olhou como se estivesse louca, como se querê-la não fosse tão inevitável quanto a lua sai depois que o sol. Logo a beijou nos lábios, lenta e meigamente, confessando seus sentimentos melhor que com palavras. A Kip deu um tombo o coração, mas dessa vez não por medo, mas sim de felicidade, e correspondeu a seu beijo até que o amor se mesclou com o desejo.

—Vamos a meu hotel — suas intenções eram claras.

—Sim — não havia por que fingir. Ela também o necessitava. Esqueceu-se da mala e de todo o resto e saíram à rua.

—Significa isto que a resposta é sim? —perguntou Whit uma vez instalados no assento do táxi.

—Sim? —já não se lembrava da pergunta.

—A minha proposta de matrimônio — Kip queria dizer sim, gritá-lo aos quatro ventos, mas havia alguém mais a quem teria que consultar. Seu silêncio era revelador e Whit sentiu que a alma caía aos pés — Necessita tempo para pensar isso.

—Não, não é isso. É que...

—O atletismo. Não há problema. Se precisa continuar e conseguir esse ouro, eu te apoiarei até o final.

—Não se trata disso. É Abby. Se ela não gostar, não posso me casar com você.

Estava sendo sincera e Whit o reconheceu pela nobreza de suas palavras. Ela mesma sofreu as conseqüências de uma infância incerta e não estava disposta a infligir o mesmo castigo a outra menina.

—Gostará, me acredite — estava absolutamente convencido. Sua filha levava a dianteira e tinha visto a força e a bondade de Kip muito antes que ele o fizesse.

—Se não, poderíamos... Bom, poderíamos ser amantes — se ruborizou por suas próprias palavras.

—Sempre seremos amantes — sorriu.

Amantes para sempre. Foi à promessa que lhe fez Whit em uma igreja de Maine aquele outono, com seu pai e sua filha de testemunhas. A mesma promessa que lhe fez depois do primeiro ano, apesar de que Kip era consciente de que a convivência com ele às vezes resultava difícil. A mesma promessa que o fazia todos os anos à medida que seu amor crescia e florescia. Então, Kip se deu conta de que já não teria que correr, fugindo da vida nem do amor nunca mais.

Fim